

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LUCIA HELENA PAZZINI DE SOUZA

PRAIA DO SUÁ: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM

VITÓRIA
2010

LUCIA HELENA PAZZINI DE SOUZA

PRAIA DO SUÁ: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia, na área de concentração Natureza, Técnica e Território – linha de pesquisa - Dinâmicas Urbanas e Rurais dos espaços e territórios.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Lucy Oliveira Freire

VITÓRIA
2010

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

S729p Souza, Lucia Helena Pazzini de, 1961-
Praia do Suá : mudanças e permanências na paisagem / Lucia
Helena Pazzini de Souza. – 2010.
201 f. : il.

Orientadora: Ana Lucy Oliveira Freire.
Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal
do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Paisagens - Praia do Suá (Vitória, ES). 2. Bairros - Praia do
Suá (Vitória, ES). 3. Colônias de pescadores - Praia do Suá
(Vitória, ES). 4. Espaço urbano. 5. Aterros - Vitória (ES). 6. Usos e
costumes. I. Freire, Ana Lucy Oliveira. II. Universidade Federal do
Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 91

"PRAIA DO SUÁ: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM"

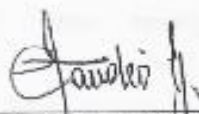
Lúcia Helena Pazzini de Souza

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da
Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do
título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 30 de Agosto de 2010 por:



Prof. Dr. Ana Lucy Oliveira Freire – Orientadora – UFES



Prof. Dr. Cláudio Luiz Zanotelli – UFES



Prof. Dr. Angelo Szaniecki Perret Serpa – UFBA

Aos meus pais, Sylvio pelas colaborações advindas de sua memória prodigiosa e Orly pela compreensão nas ausências; também ao meu filho Pablo, que ressignificou à minha existência.

Em memória de David de Maio, Belmiro Martins, Moacir Reis, Elza Santos Reis, Tal Mendes, Álvaro Diniz, Augusto Diniz, Maria Eleonor, Ercílio Alves da Silva e sua esposa Almerinda, Joaquim Christêllo, Aires Christêllo, César Stocco e outros que deixaram marcas da sua produção na Praia do Suá, as quais deram base para a construção dessa pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser fazer presente nos momentos de dificuldades, revigorando-me;

À professora Ana Lucy pelo aceite e orientação; e aos professores Cláudia Câmara, Cláudio Luiz Zanotelli e Angelo Serpa pela disponibilidade nas comissões examinadoras, assim como, aos professores do projeto, em especial Aurélia Castiglioni, pelo empenho e comprometimento, tornando possível a realização desse estudo;

À direção do Ifes, por ter compreendido minha necessidade e liberado meu afastamento e a Norma Pignaton pela acolhida e apoio no retorno ao trabalho;

À Izadora que demonstrou ser mais do que a secretária do mestrado, uma amiga;

Aos professores Roberto Lobato Corrêa e Luiz Carlos Tosta, cujas contribuições foram decisivas para o desenvolvimento da pesquisa;

Especialmente aos colegas, Cristina Tauffer pela ajuda incansável, Thalismar M. Gonçalves pelas valiosas contribuições, assim como à Claudinéa Teixeira, Vera Lourenço e Eugênia Werner, pelo apoio, auxílio e companheirismo;

Aos colegas do curso, Ana Maria, Carlos, Camila, Flávio, Raquel e Rosimery Ribeiro;

Pelas contribuições advindas do professor Osvaldo Martins, dos meus irmãos Marcos, Sylvio e Luiz Carlos, da minha cunhada Penha, do meu primo Alexandre e da esposa Claudete, da minha sobrinha Renata, das moradoras Ignês, Maria Eva, Delorgilda, Onorina, Mara, assim como à Andréia, Neuzeli Diniz e Bereco; dos colegas de trabalho Norma Suely, Carlos Firmino, Cleuza Félix, Julio Bello, Samildi Faustino, Antônio Arlindo, Ana Moreira, Gabriela Cassa, Arlindo Merçon e Eliana Kuster; da colega de graduação Gláucia; e dos colegas de pós-graduação Cor Mariae e Lucio Benedito;

Aos bibliotecários da Biblioteca da Ufes, Biblioteca Estadual, Biblioteca do Instituto Jones dos Santos Neves, Biblioteca do Ifes e do Arquivo Público;

E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse sonho!

Para tudo há um tempo, para cada coisa há um momento...

*Tempo para nascer, e tempo para morrer;
Tempo para plantar, e tempo para arrancar o que foi plantado;
Tempo para matar, e tempo para sarar;
Tempo para demolir, e tempo para construir;
Tempo para chorar, e tempo para rir;
Tempo para gemer, e tempo para dançar;
Tempo para atirar pedras, e tempo para ajuntá-las;
Tempo para dar abraços, e tempo para apartar-se.
Tempo para procurar, e tempo para perder;
Tempo para guardar, e tempo para costurar;
Tempo para calar, e tempo para falar;
Tempo para amar, e tempo para odiar;
Tempo para a guerra, e tempo para a paz.*

RESUMO

Descortina a produção espaço-temporal da paisagem de um bairro, o Praia do Suá, advinda do processo de (re)produção do espaço urbano da cidade de Vitória (ES), assim como, as suas mutações, que no pensamento de Santos (2008) podem ser estruturais e funcionais. Utiliza procedimentos analíticos, que auxiliaram no entendimento dos contextos, demarcar mudanças e permanências na paisagem do lugar. O bairro Praia do Suá tem sua origem ligada à formação de uma vila de pescadores no início do século XX. A configuração da paisagem até os primeiros anos de 1970 era a de um lugar limitado pelo mar, o qual foi posteriormente substituído por um aterro, urbanização e criação de “outro” bairro, com características contrastantes com o do lugar em estudo, cujos reflexos, ligados a alterações em outras áreas contíguas ao bairro, provenientes do dinamismo da cidade, foram determinantes para uma (re)organização na estrutura e funcionalidade da Praia do Suá. A leitura da paisagem atual do lugar, propiciada pelos instrumentos teóricos-metodológicos escolhidos, apontou para a existência de uma suposta tensão, advinda de movimentos de padronização na urbe, assim como de movimentos de preservação da cultura e identidade do bairro resultando em uma aparente (re)definição “sócio-espacial” na Praia do Suá. Nesse sentido, o estudo apresenta, também, pressupostos sobre o incremento do comércio e serviço, os quais aparecem na paisagem do bairro, sob a forma de usos diversificados.

Palavras-chave: Paisagem – Praia do Suá – Vila de pescadores – bairro – lugar – mudanças – permanências.

ABSTRACT

Discloses the spatial-temporal production landscape of a neighborhood, the Praia do Suá, came from the (re)production process of the urban space in Vitória (ES), as well as their mutations, in which at the thoughts of Santos (2008) may be structural and functional. Uses analytical process, which helps understanding the contexts, demarcates changes and continuities in the landscape of the place. The neighborhood Praia do Suá has its origins connected to a fishermen village's formation dated from the beginning of the XX century. The landscape configuration until the early 1970's was the one of a place delimited by the ocean, which was later replaced by an embankment, urbanization and the creation of an "other" neighborhood, with contrasting characteristics to the place studied, whose reflexes, linked to changes in other adjacent neighborhood areas, coming from the city's dynamism, were crucial to a structural and functionality (re)organization of the Praia do Suá. The place's current landscape reading, offered by the theoretical and methodological chosen instruments, pointed to the existence of an alleged tension, arising from standardization movements in town, as well as the cultural preservation and identity movements resulting in an apparent "social-spatial" (re)definition in Praia do Suá. In this sense, the study also presents trade and service increase assumptions, which appear in the neighborhood's landscape, under diversified form use.

Keywords: Landscape – Praia do Suá – Fishermen's village – neighborhood – place – changes – continuities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização da Praia do Suá	66
Figura 2 – Projecto de um Novo Arrabalde	70
Figura 3 – Alicerces da Santa Casa	71
Figura 4 – Fotografia aérea 1- A Praia do Suá entre morros	78
Figura 5 – Maquete do conjunto imobiliário (Hilal)	102
Figura 6 – Fotografia aérea 2 – Aterro da Praia do Suá.....	109
Figura 7 – Fotografia do mapa de localização da Santa Casa.....	120
Figura 8 – Fotografias aéreas (anos 1972, 1976 e 1996)	154
Figura 9 – Fotografias de mapas de uso do solo urbano (2000 e 2009)	155

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Barcos ancorados	75
Fotografia 2 – Casinhas de estuque.....	80
Fotografia 3 – Bonde puxado por animal	84
Fotografia 4 – Praia de banhos	85
Fotografia 5 – Canteiro de construção civil	87
Fotografia 6 – Procissão terrestre	89
Fotografia 7 – Procissão marítima.....	90
Fotografia 8 – Hospital São Pedro	98
Fotografia 9 – Obra da família Hilal.....	103
Fotografia 10 – Edifício São Jorge	104
Fotografia 11 – Centro comercial 4 irmãos	105
Fotografia 12 – Barquinhos na orla marítima	131
Fotografia 13 – Rua Almirante Tamandaré	134
Fotografia 14 – Convento da Penha.....	136
Fotografia 15 – Avenida Desembargador Ferreira Coelho (recente).....	142
Fotografia 16 – Avenida Desembargador Ferreira Coelho (antiga).....	142
Fotografia 17 – Edifício Guizzardi em construção	144
Fotografia 18 – Edifício Atlantis Tower	145
Fotografia 19 – Edifício Rio Canoas.....	146
Fotografia 20 – Edifícios Orquídea, Bromélia, Enseada Park e Residence	147
Fotografia 21 – Edifícios (em construção) na Enseada do Suá	148
Fotografia 22 – “Ilha urbana”	149
Fotografia 23 – “Ilha urbana”	149
Fotografia 24 – Morro	156
Fotografia 25 – Subida do morro (antiga).....	157
Fotografia 26 – Descida do morro (antiga)	157
Fotografia 27 – Subida do morro (2010)	158
Fotografia 28 – Pontos de venda de pescados e mariscos	160
Fotografia 29 – Casas em formato arquitetônico antigo	162

Fotografia 30 – Imóveis em estado de abandono	163
Fotografia 31 – Imóvel com placa de venda.....	165
Fotografia 32 – Imóvel com placa de venda.....	166
Fotografia 33 – Farmácia Droga-Rio	169
Fotografia 34 – Conjunto de prédios Hilal	170
Fotografia 35 – Avenida César Hilal em construção	171
Fotografia 36 – Avenida César Hilal em construção	172

LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
AMOSUÁ – Associação de Moradores da Praia do Suá
CAJUN – Projeto “Caminhando juntos”
COMDUSA – Companhia de Desenvolvimento Urbano Sociedade Anônima
COPI – Comissão de Plano Integrado da Grande Vitória
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDAF – Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo
IFES – Instituto Federal do Espírito Santo
IJSN – Instituto Jones dos Santos Neves
INAMPS – Instituto Nacional de Previdência Social
PA – Pronto Atendimento Municipal
PDI – Plano de Desenvolvimento Integrado
PDU – Plano Diretor Urbano
PEE – Plano de Estruturação do Espaço
PMV – Prefeitura Municipal de Vitória
PRODEST – Instituto de Tecnologia da Informação e Comunicação do Esp. Santo
PRE – Programa de Reaparelhamento Estrutural
SERFHAU – Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
SUS – Sistema Único de Saúde
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO.....	15
1	INTRODUÇÃO.....	17
2	PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	22
2.1	DEBATE CONCEITUAL: PAISAGEM, LUGAR, MEMÓRIA E BAIRRO.....	23
	a) Paisagem.....	23
	b) Lugar.....	35
	c) Memória.....	39
	d) Bairro.....	45
2.2	A PAISAGEM QUE RESULTA DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO	50
2.3	ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	58
2.3.1	O reconhecimento de uma tensão	62
3	PRAIA DO SUÁ: A CONSTITUIÇÃO DE UMA PAISAGEM URBANA.....	65
3.1	LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO.....	65
3.2	A PRODUÇÃO DA PRAIA DO SUÁ NO CONTEXTO DOS PLANOS DE URBANIZAÇÃO.....	66
3.2.1	Os aterros e a construção da Praia do Suá: o projeto do “Novo Arrabalde”.....	66
3.2.1.1	<i>A memória do lugar e a construção de sua paisagem.....</i>	<i>75</i>
	a) Tradições culturais.....	87
	b) O incremento do comércio.....	100
3.2.2	O aterro e as transformações na Praia do Suá: o plano de “Aterramento”.....	106
3.3.2.1	<i>A produção da Enseada do Suá.....</i>	<i>110</i>
	a) O “Novo Arrabalde” e o “Aterramento da Praia do Suá”.....	115
4	DE VILA DE PESCADORES A BAIRRO: O COTIDIANO E O BUCOLISMO EM TRANSFORMAÇÃO.....	118
4.1	A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE PESQUEIRA: O LUGAR QUE “POSSUÍA UM MAR”.....	123
4.2	A INSTAURAÇÃO DE UM CONFLITO: O LUGAR QUE FICOU SEM “O SEU MAR”.....	129
4.3	DESCORTINANDO O PRESENTE: O LUGAR QUE FOI TRANSFORMADO EM “MOSAICO E ILHA URBANA”	138
4.4	A ESPACIALIZAÇÃO DA TENSÃO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM.....	153

	a) O morro.....	156
	b) Os pontos de venda de pescados e mariscos e residências.....	158
	c) A área comercial e de serviços.....	168
	d) A “área nobre”	172
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
6	REFERÊNCIAS.....	178
	APÊNDICES.....	188
	APÊNDICE A – Mapa de mudanças.....	189
	APÊNDICE B – Mapa de permanências.....	190
	APÊNDICE C – Roteiro de questionário e entrevistas.....	191
	APÊNDICE D – Tabela de eventos na Praia do Suá.....	193
	ANEXOS.....	197
	ANEXO A – Mapa de bairros em Vitória.....	198
	ANEXO B – Planta de lote doado no “Novo Arrabalde”	199
	ANEXO C – Mapa de usos do solo urbano da Praia do Suá.....	200
	ANEXO D – Fotografia da Praia do Suá, margeada pelo mar.....	201

APRESENTAÇÃO

Eu, Lucia Helena Pazzini de Souza, autora deste estudo, sou licenciada e bacharel em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo - Ufes; dediquei-me também a outras áreas da Educação, que resultaram em duas especializações – Psicopedagogia e Educação de Jovens e Adultos.

A oportunidade muito esperada de continuação dos estudos despontou no ano de 2008, por ocasião da minha aprovação no processo seletivo da primeira turma de Mestrado em Geografia da Ufes, favorecendo a realização de um sonho de estudante: o de aprofundamento da temática tratada em minha Monografia de graduação, que foi referente ao lugar onde nasci e resido – o bairro Praia do Suá.

Caminhando nessa direção, inferi que para entender as relações existentes numa sociedade é necessário conhecer suas particularidades, o espaço-tempo dos sujeitos, pois há singularidades nos lugares. Nesse sentido, acompanhar o espaço-tempo do lugar implicou em fazer um percurso de volta, no meu próprio espaço-tempo e, ainda, além, quando o estudo se reportou a gênese do bairro.

Em alguns momentos, o saudosismo foi inevitável, quando essa autora, na condição de objeto e sujeito da pesquisa, teve que se reportar à pretensa neutralidade científica, necessária para prosseguimento da pesquisa, o que a levou a buscar outros olhares.

Assim, a pesquisa¹ teve como premissa acompanhar histórias (ou produções) “interrompidas”, com vestígios na paisagem, produzidas em diferentes tempos por relações espaciais diversas, para descortinar o tempo presente.

Da constituição aos dias atuais, as produções de diferentes atores deixaram muitas marcas na paisagem da Praia do Suá, com “descontinuidade” de histórias, aparentes na paisagem, as quais denotam as contradições na urbe.

¹ O conteúdo da pesquisa foi revisado segundo os novos padrões ortográficos, no que tange à grafia e acentuação, e foi formatado de acordo com as normas, apresentação e referências de trabalhos científicos e acadêmicos sugeridas pela Biblioteca da Ufes, em conformidade com a Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT.

O bairro Praia do Suá (antiga vila de pescadores) se destaca por acompanhar paulatinamente o processo de urbanização da cidade de Vitória, mantendo ainda algumas das características do passado, como por exemplo, um pouco do bucolismo e a ausência em seu núcleo de imóveis verticalizados com mais de doze metros de altura, seja pela imposição do PDU e/ou imposição de moradores e/ou tendo como justificativa a constituição do lugar – o que não o torna menos importante na cidade de Vitória (ES), já que contribuiu em sua expansão física e, no tempo presente, colabora na valorização da cultura e da economia com suas especificidades e tradições, se fazendo referência em algumas particularidades, conforme descortinaremos no estudo.

A fisionomia da paisagem em suas várias apresentações e representações no lugar – (re)produzida, ampliada, reduzida e/ou sobreposta, denotando mudanças e permanências – suscitou à expectativa de que, como forma de corroborar com o entendimento da dinâmica espacial, muito se teria a desvendar sobre o lugar e a levar ao conhecimento acadêmico – tarefa a que se propõe esse estudo, conduzido pela teoria geográfica.

Na condição de estudante, mãe, esposa, dona de casa, com pais idosos e enfermos, detentora de vários animais de estimação, não medi esforços em proporcionar ao leitor informações que julguei pertinentes – algumas, inclusive, desconhecidas pelos moradores mais antigos.

O imprevisível e a solidão também me acompanharam no percurso, entre eles, o subir em coberturas de edifício para fotografar o bairro e se afastar de amigos, que espero que compreendam as ausências.

Na expectativa de que o material disponibilizado a seguir tenha produzido conhecimento e auxilie novas pesquisas, apresento a você o bairro Praia do Suá.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo descortinar a produção espaço-temporal da paisagem do bairro Praia do Suá, advinda do processo de (re)produção do espaço urbano da cidade de Vitória (ES), assim como de suas “mutações”².

Nessa ótica constatamos que naquele lugar o dinamismo sócio-espacial³ e temporal se expressa por intermédio de mudanças e “permanências”⁴ na paisagem, provenientes de movimentos estruturais e funcionais.

Destarte, a partir da vivência naquela parcela do espaço urbano e da observação pertinente ao desenvolvimento da pesquisa, inferimos que a morfologia da Praia do Suá revela, em sua paisagem, objetos⁵ residuais, que se reportam a produções remanescentes de tempos pretéritos, assim como objetos condizentes com novas produções no espaço da cidade de Vitória, que se (re)produzem na Praia do Suá, ambas concernentes com distintos modos de vida.

Além da observação nos elementos da paisagem que “persistem” ou que se transformam, o desenvolvimento da pesquisa foi motivado por outras razões, expostas a seguir.

O ponto de partida adveio, em primeiro lugar, do fato de a pesquisadora ter nascido, crescido e ainda viver no bairro; portanto, tem acompanhando e vivenciado, ao longo do tempo, alterações sócio-espaciais e socioculturais do/no lugar.

Em segundo, trata-se de interesse em dar prosseguimento ao trabalho anterior (monografia) desenvolvido na graduação, que proporcionou algumas descobertas que poderiam ser aprofundadas.

² De acordo com Santos (2008, p. 76).

³ Esse estudo concorda com Souza (2006, p. 111), quando ele diz que “não se faz referência [...], ao desenvolvimento apenas do espaço social (situação em que a grafia deveria ser socioespacial), mas à transformação das relações sociais e do espaço social [...]”, por isso sócio-espacial.

⁴ Relativizando o termo, pois a temática desenvolvida na pesquisa é de cunho processual.

⁵ Para Santos (2008, p. 1970) “a produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço através dos objetos, naturais e artificiais”.

Em terceiro, pela oportunidade de dar voz às preocupações de moradores, os quais acham que o bairro irá “desaparecer”, face à intensa urbanização no entorno da Praia do Suá, com indicativos aparentes de “amputações” no lugar.

Por fim, compreender como o bairro participa do processo de (re)produção do espaço urbano da cidade de Vitória, por meio da leitura de elementos de sua paisagem em mudança ou em estado de permanência, ao longo do tempo.

A paisagem da Praia do Suá contém marcas do passado, advindas de uma antiga função do bairro, provenientes do ofício de seus primeiros habitantes, pescadores (na maioria) imigrantes portugueses, que constituíram no lugar uma vila de pescadores. Esses imigrantes, juntamente com o primeiro plano de urbanização da cidade de Vitória (ES), deixaram vestígios de sua produção no bairro em estudo.

Outros imigrantes e moradores da Praia do Suá também deixaram suas marcas de produção, ao longo do tempo, assim como outros planos urbanos, que ao serem executados ocasionaram transformações advindas também de agentes externos.

Assim, a pesquisa tem também pressupostos sobre o incremento do comércio no bairro, por imigrantes sírios, assim como do incremento do serviço pela iniciativa privada, os quais proporcionaram movimentos de mutação na paisagem da Praia do Suá, demonstrando mudanças/permanências, ou seja, (re)organização e (re)definições do/no lugar.

Nesse sentido, as heranças, assim como as alterações percebidas, motivaram o estudo do bairro, entendendo que ambas retratam um legado da cidade em constante transformação, concordando com Konder (2008, p. 52) quando diz que “em todas as grandes mudanças há uma negação, mas ao mesmo tempo uma preservação [...] daquilo que tinha sido estabelecido antes”.

A partir dos argumentos explicitados é que foi construído o título da dissertação “Praia do Suá: mudanças e permanências na paisagem”, cujo tema é relevante e colabora para o entendimento do dinamismo sócio-espacial da cidade, mostrado, pelo recorte de um lugar - categoria do espaço geográfico, na forma de um bairro – elemento da cidade, pois,

Estudar a Geografia, levando-se em consideração a paisagem passa a ser de extrema importância, pois, através dela, é possível compreender, em parte, a complexidade do espaço geográfico em um determinado momento do processo. Ela é o resultado da vida das pessoas, dos processos produtivos e da transformação da natureza (PUNTEL, 2007, p. 286).

Sendo assim, auxiliados pela teoria geográfica, por intermédio de várias categorias e elementos de análise do espaço, tais como paisagem, lugar, bairro etc., é possível compreender as contradições advindas do processo de produção do espaço urbano, materializadas na paisagem, multiplicando no pensamento geográfico as reflexões acerca da cidade e do fenômeno urbano.

O estudo de um bairro (recorte espacial da cidade) é para demonstrar que apesar das tentativas de homogeneização (LEFEBVRE, 2002), decorrentes do processo de (re)produção do espaço urbano, há singularidades nos lugares⁶ que deveriam ser preservadas, não como algo intocável, mas como uma importante particularidade da cidade que permite também entender o quanto esta se transforma.

Nos contextos mencionados, também foi escolhido como recorte temporal praticamente todo o século XX e os anos iniciais do século XXI, embora, no tocante à análise, a pesquisa tenha dado ênfase ao período de 1990 aos dias atuais, quando foram constatadas significativas alterações na paisagem do bairro, concernentes com o dinamismo na cidade.

O funcionamento no início de 1990 de uma terceira ligação da Ilha de Vitória com o continente e de um *shopping center*⁷ de grande porte, localizados nas proximidades da Praia do Suá, desencadearam transformações em sua estrutura e funcionalidades, pois atraíram para o lugar agentes sociais diversos e suas produções.

Os empreendimentos que acabamos de mencionar foram considerados nesse estudo, como indícios de uma dinâmica espacial diferenciada da que vinha ocorrendo anteriormente na cidade de Vitória e na Praia do Suá. Tais alterações incorreram em novas relações espaciais, evidenciando produções diversificadas

⁶ Ao olharmos em uma micro-escala; por outro lado, é particularidade de um processo maior que encontra rebatimento na Praia do Suá, ao olharmos em uma escala macro. A utilização das duas óticas possibilitou o desenvolvimento e conclusões da pesquisa em curso.

⁷ A ponte Darcy Castelo de Mendonça, mais conhecida como Terceira Ponte, e o Shopping Vitória, elementos da paisagem com funcionalidades na Enseada do Suá (nos anos de 1990) – bairro produzido sobre um aterramento em parte do mar (que margeava a Praia do Suá).

naquele “pedaço” do espaço urbano, pois, de acordo com Silva (1978, p. 7), “o lugar determina as relações e estas o lugar”.

Para entendimento da produção no/do bairro a partir dos vestígios encontrados, que se relacionam com novos elementos na paisagem, foi necessário nos reportarmos ao passado para analisar a constituição do lugar, por meio do planejamento urbano que o produziu, juntamente com o que acarretou modificações nele⁸. A pesquisa foi desenvolvida com ênfase nesses dois planos urbanos, embora outros sejam mencionados no estudo, como por exemplo, o Plano Agache⁹.

Assim, o primeiro passo da pesquisa foi buscar “na vila de pescadores” alguma explicação para o surgimento de uma suposta relação de poder, identificada no momento atual, qual seja, de uma tensão - proveniente de “esforços de padronização” na urbe, assim como, de “esforços de preservação” no bairro, que aparecem sob a forma de permanências e rupturas na Praia do Suá, reveladas na paisagem, como contradições ao processo de produção do espaço urbano naquele lugar.

No contexto mencionado, as análises considerarão o pensamento de Santos (2008, p. 76 e 107), quando ele diz que “as mutações da paisagem podem ser estruturais ou funcionais” e que “uma mesma variável apresenta o novo e o velho, existe nela uma luta contínua entre esses dois agentes” na qual identificamos esse movimento dialético na dinâmica espacial da Praia do Suá, ao longo do tempo.

Com base nas propostas do estudo, essa dissertação está estruturada em quatro capítulos:

- o capítulo 1 tece considerações iniciais, apresentando a temática e os objetivos da pesquisa;
- o capítulo 2 aborda conceitos e/ou noções relevantes, os quais contribuíram para as discussões no âmbito da pesquisa e que fazem parte do corpo teórico da ciência geográfica, subsidiando também o desenvolvimento e aplicação da metodologia;

⁸ “Novo Arrabalde” (1896) e “Aterramento da Praia do Suá” (1972).

⁹ Comentado no capítulo 4, em seguimento à cronologia adotada nesse estudo.

- o capítulo 3 descortina a constituição e transformação da paisagem do lugar, identificando, ao longo do tempo, os planos urbanos direcionados à cidade e que se reproduziram na Praia do Suá;
- o capítulo 4 analisa a paisagem produzida, identificando mudanças (transformações) e permanências (resíduos, resquícios¹⁰), instaurando um debate acerca da tensão entre as produções advindas de agentes sociais internos e externos à Praia do Suá, que disputam uma ocupação naquela parcela do espaço urbano.

¹⁰Expressões utilizadas, respectivamente, por Henry Lefebvre e Milton Santos.

3 PRAIA DO SUÁ: A CONSTITUIÇÃO DE UMA PAISAGEM URBANA

3.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Praia do Suá (Figura 1), possui uma área de 0,30 Km² e está situada no Distrito de Vitória (ES).

Localiza-se na parte leste da ilha de Vitória, em destaque, fazendo limite com os seguintes bairros: ao norte, com os bairros Santa Lúcia e Santa Helena; ao sul, com os bairros Enseada do Suá e Jesus de Nazareth; a leste, com o bairro Enseada do Suá, e a oeste, com o bairro Bento Ferreira (Figura 1).

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os limites da Praia do Suá iniciam-se no cruzamento da Avenida Leitão da Silva com a Avenida César Hilal, seguindo por esta até o entroncamento com a Rua Duckla de Aguiar, seguindo por esta até o entroncamento da Praça do Pedágio com a Rua Clóvis Machado, seguindo, por esta última, rumo sudoeste até o entroncamento com a Avenida João Baptista Parra, continuando por esta até encontrar a Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, seguindo por esta até a Avenida Leitão da Silva, continuando por esta até o ponto inicial¹.

A Praia do Suá é um bairro bem localizado em Vitória, em vários sentidos (habitacional, comercial, serviços e outros). Próximo a grandes centros de negócios e em área contígua a qual pessoas de alto poder aquisitivo escolhem para morar: Praia do Canto, Bento Ferreira, Enseada do Suá, Praia de Santa Helena e Santa Lucia, além de estar perto do centro da cidade.

Em seu interior, possui equipamentos extensivos da cidade, por intermédio de diversos usos (órgãos públicos, comércio, serviços e outros). Possibilita acessar vários locais por meio de seus limites (ruas e avenidas).

¹ Os mapas de mudanças e permanências (apêndices A e B) permitem visualizar ruas e avenidas da Praia do Suá.

Localização da Praia do Suá no município de Vitória



Figura 1 – Mapa de bairros em Vitória (2009) - Localização da Praia do Suá.

3.2 A PRODUÇÃO DA PRAIA DO SUÁ NO CONTEXTO DOS PLANOS DE URBANIZAÇÃO

3.2.1 Os aterros e a construção da Praia do Suá: o projeto do “Novo Arrabalde”

A cidade de Vitória, capital do estado do Espírito Santo, foi fundada em 1551², pelos colonos portugueses, visando à implantação de um novo núcleo urbano da capitania hereditária do Espírito Santo. A sua constituição física é de uma área insular, em

² Segundo Derenzi (1995, p. 31) “é muito controversa a mudança da sede do governo da capitania, mas nenhuma dúvida existe quanto à ocupação dela pelos colonos antes de 1550. [...] essa é tradição secular entre os capixabas, embora não se encontre documento inofismável”.

maior parte, e uma área continental (Figura 1). Essa configuração foi atrativa para a ocupação do lugar por aqueles imigrantes, que pretendiam criar estratégias de proteção a ataques dos que consideravam inimigos, dentre esses, os índios.

Em relação à urbanização, até o final do século XIX, foi inexpressiva, justificada, principalmente por dois fatores: a sua localização entre o mar e a montanha, aspectos naturais que impossibilitavam o seu crescimento físico, e os poucos recursos financeiros disponíveis aos seus governantes, que dificultavam o seu desenvolvimento econômico.

Quanto ao espaço físico, a ilha de Vitória se desenvolveu basicamente em torno do porto e na base do Maciço Central, que corresponde ao atual centro da cidade. Até os primeiros anos da República, a cidade de Vitória não teve alterações significativas em seu espaço ocupado.

No tocante aos recursos financeiros, a economia do Espírito Santo era sustentada, naquela época, pela agricultura, que não ocasionava excedentes para serem aplicados ao desenvolvimento urbano. O produto agrícola que se destacava era o açúcar. Por volta de 1812, teve início no Espírito Santo o cultivo do café que se expandiu com a introdução de levas de imigrantes europeus que vieram morar no estado. A partir de 1853, o café superou o açúcar, em quantidade produzida.

Nesse contexto, foi eleito para governar o Estado do Espírito Santo, José Melo Muniz Freire (1892-1896), que almejava atrair e centralizar investimentos de capitais privados dirigidos principalmente para o comércio, com vistas a promover o desenvolvimento econômico da cidade de Vitória.

A localização geográfica de Vitória e o fato de ser ela a capital do estado eram, para aquele governante, os requisitos necessários para torná-la um importante centro econômico do Espírito Santo. Assim foi que, no ano de 1894, quando o preço do café teve uma alta repentina, ocasionando um saldo muito positivo na receita do Estado, Freire resolveu colocar em prática o seu intento, um projeto urbano de grande vulto³.

³ O primeiro grande plano de urbanização da cidade de Vitória, "Novo Arrabalde", elaborado pelo engenheiro sanitário e urbanista de Campos (RJ), Francisco Saturnino Rodrigues de Brito.

Mediante a decisão, foi contratado um engenheiro sanitaria para fazer o planejamento e, após esse feito, foi escolhida a região das praias – parte leste da cidade, até então desabitada, com a pretensão de setuplicar o tamanho de Vitória, resultando daí o projeto do “Novo Arrabalde”, cuja estrutura pode ser visualizada na Figura 2.

A preocupação inicial desse projeto foi com o saneamento de Vitória, que era precário, ocasionando constantes epidemias, e pela expansão do espaço físico que era limitado, pois, no ano de 1895, Vitória possuía pouco mais de 10 mil habitantes, cujas habitações eram restritas ao centro da cidade.

Nos aspectos mencionados, é interessante conhecer a configuração natural de Vitória, descrita por Tatagiba (2008, p. 5), a cidade de Vitória “faz parte de um arquipélago com 34 ilhas e uma porção continental [...]” e em “passado recente, o município possuía mais de 50 ilhas, porém muitas delas foram agregadas, por meio de aterro, à ilha maior”.

A expansão física dessa Capital dependeu de aterramentos de mar e mangues⁴, o que foi ocorrente desde o ano de 1775⁵. Assim, ao longo do tempo, várias áreas foram aterradas dando surgimento aos bairros de Vitória.

Ainda em relação à configuração física, segundo Klug (2009, p. 26), a cidade de Vitória, “em fins do século XIX, se estendia do Campinho - atual Parque Moscoso, ao Largo da Conceição - atual Praça Costa Pereira” e de acordo com Mattedi (2002, p. 10), “a zona norte da capital capixaba, no final do século XIX, não ia além de Jucutuquara. Dali pra [sic] adiante, havia praias desertas e manguezais”.

Nesses contextos, percebe-se o quanto os aterros contribuíram para o crescimento físico, desenvolvimento e adensamento da cidade de Vitória, já que propiciaram a sua expansão urbana, que no entendimento de Klug (2009, p. 25), com “intuito de atender aos interesses da nova burguesia enriquecida e adequar a cidade ao desenvolvimento imposto pela economia cafeeira, busca-se construir uma nova cidade, mais moderna [...]”.

⁴ Disponível em:

<http://www.car.ufes.br/aterros_vitoria/default.asp?arq=conteudo/regiao_bento_ferreira>. Acesso: 21.jul.2008.

⁵ Fonte: Jornal A Tribuna (08/03/2009).

A forma de urbanizar, por meio de aterramentos do mar e mangues, estava bem definida, como justificativa do projeto do “Novo Arrabalde”, traduzida nas palavras de Brito (1896, p. 58), “com efeito, não se trata só de aproveitar terrenos seccos [sic], e sim, ainda, de conquistar definitivamente ao mar uma certa área, até agora sob o domínio das altas marés”.

Nesse contexto é que, no ano de 1896, foi entregue ao governante o projeto do “Novo Arrabalde”, construído para a região nordeste da ilha, de onde se originaram os bairros⁶ atualmente denominados⁷ de Praia do Canto, Praia do Suá, Santa Helena, Santa Lúcia e Jucutuquara. Desse planejamento constavam, além da parte sanitária, loteamento e arborização.

Segundo Mattedi (2002, p. 12), “a Praia do Suá foi alcançada pelo projeto elaborado pelo engenheiro Saturnino de Brito, a partir da construção de uma estrada (hoje, avenidas Vitória e César Hilal) ligando o bairro até Jucutuquara”.

A Praia do Suá (em destaque na Figura 2) tem a sua gênese ligada ao projeto do “Novo Arrabalde”, cuja ocupação foi facilitada pelo acesso, por meio de estradas, a partir da execução de algumas obras desse plano, iniciadas no governo de Muniz Freire.

Por intermédio desse planejamento urbano, também foram criadas avenidas no interior da Praia do Suá e no exterior, que a limitam administrativamente de outros bairros.

De acordo com Carlos Salles⁸, para permitir uma visão livre e aberta do Convento da Penha, que Brito considerava um dos mais notáveis monumentos do Brasil colonial, foi criado um grande eixo ao qual chamou de Avenida Nossa Senhora da Penha e outro eixo, na avenida “Norte-Sul”, que conhecemos hoje como Leitão da Silva, interligando-os por uma grande artéria que começava na avenida “Ordem e Progresso”, atualmente denominada de Avenida Desembargador Santos Neves, perceptíveis na Figura 2.

⁶ Mapa dos bairros de Vitória em anexo.

⁷ No Plano mencionado, a Praia do Canto era chamada de Praia Comprida e Santa Helena de Praia de Santa Helena.

⁸ Presidente da Xerox do Brasil, cujos comentários fazem parte da apresentação da reedição do livro *Projecto de um Novo Arrabalde* (maio de 1996).



Figura 2 - Projecto de um Novo Arrabalde - Praia do Suá em destaque.
Fonte: Campos Júnior, 1996.
Organização: Souza, Lucia Helena Pazzini de (2001).

Nesse projeto, a preocupação do governante com a expansão física da Ilha de Vitória era também para produzir um local “para a elite morar”, que nas palavras de Brito (1896, p. 58) são retratadas assim

Não se trata de mudar o commercio de Victoria [sic], de fazer surgir, como por encanto, uma nova capital commercial [sic]: - trata-se, sim, de mudar as famílias para cerca de 4 kilometros [sic] de distancia, proporcionando-lhes todas as commodidades [sic] que jamais serão praticamente alcançadas na velha cidade.

Dentre os empreendimentos estavam incluídos loteamentos e estradas, assim como, a construção de um grande hospital⁹ na Praia do Suá, que se localizaria à beira mar, supomos, como parte das medidas sanitárias. Esse hospital seria uma Santa Casa.

Segundo Campos Júnior (1996), devido à extinção da comissão de melhoramentos presidida por Saturnino de Brito, paralisou-se a obra do hospital já em início de construção na Praia do Suá (Figura 3).

⁹ Cujo planejamento pode ser visualizado na Figura 2, no formato de um grande quadrado imperfeito.



Figura 3 - Alicerces da Santa Casa (1894).

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo.

Organização: Souza, Lucia Helena Pazzini de (2001).

A extinção da comissão de melhoramentos se deu porque, ao final do governo de Muniz Freire, iniciou-se uma crise no cultivo do café prejudicando suas intenções quanto ao crescimento de Vitória. Esta crise causou uma lentidão no desenvolvimento econômico do Espírito Santo, nos anos de 1896 a 1908, prejudicando a continuidade de execução do projeto do “Novo Arrabalde”.

Esse projeto urbano, de acordo com Campos Júnior (1996) ficou por um bom tempo esquecido, sendo a linha de bondes (ferro-carril) que foi construída na Praia do Suá, interligando o centro às áreas praianas e que dava acesso ao “Novo Arrabalde”, a única coisa desse plano realizada no governo de Muniz Freire.

Após esse momento de crise, a cidade de Vitória demonstrou uma reversão em sua dinâmica urbanística, que até então, crescia de maneira lenta.

No ano de 1908 assumiu o governo do Estado do Espírito Santo Jerônimo de Souza Monteiro, que mesmo com a crise deu prosseguimento a alguns feitos do projeto urbano, iniciados com Muniz Freire, como saneamento, eletrificação e aterros.

Os recursos para Jerônimo Monteiro realizar suas atividades vieram, entre outros, da venda da Estrada de Ferro Vitória-Minas para um grupo Inglês, de empréstimo junto

a um banco Francês e também do aumento na produção do café, propiciando esses fatores, um processo de modernização na cidade.

A elite local formada pelos comerciantes do café participou e influenciou nas intervenções governamentais, exigindo uma cidade bem modelada para sua satisfação e empreendimentos.

No governo de Jerônimo Monteiro, verificou-se a mudança da população que morava na parte alta da cidade para a parte plana, ou seja, em torno do Porto ou no Parque Moscoso (ainda no centro da cidade), este já dotado de abastecimento de água, rede de esgoto e iluminação, sendo o local mais procurado pela elite capixaba e pelos comerciantes de café, naquela época.

Ao longo dos anos, o centro da cidade se tornou insuficiente para a população local, sendo necessária a continuidade do planejamento proposto por Muniz Freire, o que foi realizado a partir de 1924, no governo de Florentino Ávidos, que deu novo impulso à urbanização de Vitória.

Dentre os feitos desse governo consta a melhoria do porto para favorecer a exportação do café, que naquele momento era o principal produto da economia capixaba, e para facilitar o seu escoamento foi construída a “Ponte Florentino Ávidos”. É importante ressaltar que a construção dessa ponte viabilizou o transporte de cargas e constituiu a primeira ligação da ilha de Vitória ao continente, favorecendo também o transporte coletivo.

Nesse percurso, os aterros continuaram ocorrendo, devido à necessidade de expansão da ilha de Vitória, sendo construídas ruas, estradas, cine-teatro, reconstrução de escadarias e um conjunto habitacional no bairro Jucutuquara – direção oposta ao Parque Moscoso, entre outros empreendimentos. O governante Florentino Ávidos deu prosseguimento aos melhoramentos da cidade, embelezando e proporcionando “conforto aos moradores”.

Segundo Campos Júnior (1996), apesar das construções demonstrarem que a iniciativa privada participava do processo de construção da cidade, era o governo que continuava sendo o agente mais representativo disso.

Com todas as obras em curso, a Capital estava modelada e maior, com melhoria nas estradas, possuindo bonde elétrico (que passava na Praia do Suá), com retificação e ampliação de vias, dos serviços de água, drenagem, limpeza pública e de novos aterros.

Assim, a cidade de Vitória foi adquirindo novas feições e diferentes contornos (alterando seu estilo colonial), de posse, inclusive, de avenidas retas e largas como o governante positivista, Muniz Freire intencionara com o projeto do “Novo Arrabalde”.

Após a gestão de Florentino Avidos (1924-1928), o Espírito Santo passou por problemas de ordem política e econômica, ocasionados por uma queda nos preços do café - sendo este, naquele momento, ainda o principal produto da economia local.

Vários governantes provisórios continuaram as obras objetivando a reprodução do capital exportador, sendo que muitos deles eram conduzidos pela elite local.

Os problemas políticos e econômicos verificados na época causaram uma sensível redução no ritmo das melhorias realizadas na cidade. Mesmo assim, os aterros continuaram sendo feitos e destinados principalmente a loteamentos – desta feita, para a população de classe baixa, em “zonas periféricas”. O poder público investiu nestes locais favorecendo sua ocupação.

Várias intervenções urbanas continuaram acontecendo. Em 1946, intermediado pelo prefeito da Capital, Henrique Novaes, foi elaborado o plano de reordenação do espaço urbano que tinha como meta a “humanização e embelezamento da cidade por meio do estabelecimento de normas e gabaritos disciplinadores das edificações, das ruas e avenidas” e apresentava alguns projetos para construção e reforma de praças e logradouros, que não foi executado.

A partir de 1950, ocorreu uma ocupação generalizada em Vitória, principalmente nas regiões de aterros e nas encostas do maciço central; o centro da cidade começou a ser alvo de toda sorte de comércio.

Nesse contexto, a formação de um mercado se fez necessária e, assim, várias tentativas foram realizadas para esse intento, ocasionando algumas alterações na estrutura física da cidade, levando o prefeito Armando Duarte Rabelo, em 1954, a

sancionar Lei Municipal nº 351, sobre construções, edificações e uso do solo, como forma de “disciplinar” os empreendimentos.

Como explicação da expansão urbana de Vitória em sua fase inicial, são atribuídos alguns fatores, quais sejam:

- A construção da Ponte Florentino Avidos, que ligou a Ilha de Vitória ao continente;
- O aparelhamento do Porto de Vitória, que possibilitou a exportação do café e minério de ferro;
- A instalação do bonde elétrico, que melhorou o transporte coletivo no município;
- A implantação do projeto do “Novo Arrabalde”, que ampliou a cidade.

Após a execução do aterro pelo projeto “Novo Arrabalde”, que dentre outros objetivos, proporcionou a expansão física de Vitória, começou-se a pensar em novas formas de desenvolvimento a partir do crescimento da cidade, advindas da urbanização.

O próximo item retrata a História da Praia do Suá contada e escrita a partir da memória de seus moradores. Salientamos que, pelo fato dessa história ser escrita também por escritores não nativos do lugar, foi necessário em alguns momentos, como sujeito e objeto da pesquisa, fazer uma intervenção em alguns dados, excluindo ou incluindo conteúdo.

3.2.1.1 A memória do lugar e a construção de sua paisagem

“O cotidiano daquele tempo, portanto, era assim: o sol e a lua, vizinhos no além céu, bisbilhotavam lá de cima, com longos bocejos, o remanso dos moradores daquele lugar, fosse dia ou fosse noite...O lugar, gente, era a Praia do Suá [...]. Para eles, pescadores do Suá, abaixo de Deus e do santinho Pedro, só havia algo de mais importante: o mar...” (MATTEDI, 2002, p. 8).



**Fotografia 1 – barcos ancorados na Praia [196-?].
Fonte: Neves e Pacheco (1996).**

Segundo Mattedi (2002, p. 10), a Praia do Suá era “cercada a leste pela então baía (hoje, canal de Vitória), ao norte pela Praia de Santa Helena e a oeste e ao sul por áreas úmidas e mangues, como o de Bento Ferreira”, constituída de um afloramento rochoso.

Considerado um dos bairros mais antigos de Vitória tem suas origens ligadas à formação de uma vila de pescadores, no início do século XX. A limitação com o mar foi até o início dos anos de 1970, ocasião em que um aterramento foi estabelecido como novo limite do lugar.

A formação dessa vila se deu pela localização da Praia do Suá na orla marítima, que propiciou o exercício da profissão de alguns de seus primeiros habitantes, que eram pescadores, provenientes de Póvoa de Varzim¹⁰, assim como sua moradia, inferindo que a Praia do Suá assemelhava-se a sua cidade de origem. A ocupação do lugar por esses imigrantes foi facilitada pela execução de algumas obras do projeto “Novo Arrabalde”.

A Praia do Suá foi ocupada no passado por imigrantes portugueses (em maior parte), também por franceses, espanhóis, sírios e outros, advindos do processo migratório ocorrente na época. De acordo com Derenzi (1995, apud MATTEDI, 2002, p. 12) a primeira casa construída no lugar era de pedra e cal, foi pertencente a um espanhol de nome Emílio Parras, que era pintor e decorador.

¹⁰ “Cidade portuguesa do Distrito de Porto, localizada na planície litoral e aprisionada entre o mar e os montes de São Félix e da Cividade. Atualmente ocupa uma área de 81,2 km². O mar sempre teve primazia na sua cultura e economia, primitivamente através do comércio marítimo, depois com a pesca. A Póvoa de Varzim possui 12 km ininterruptos de praias de areia dourada, formando enseadas divididas por rochedos, afamadas por serem águas ricas em iodo. Um habitante da Póvoa de Varzim é conhecido por *Poveiro* - o poveiro é do tipo “saxónio”: ruivo, de olhos claros e hercúleo - os poveiros nativos eram relatados como sendo ligeiramente mais loiros que o comum, tendo caras largas de origem desconhecida e queixos robustos. A emigração poveira ocorreu essencialmente durante os séculos XIX e XX. De notar que os poveiros tendiam a formar associações próprias nos países de acolhimento, existindo casas de poveiros no Brasil (Rio de Janeiro e São Paulo). Muita da sua economia é virada para o mar. A indústria piscatória, quer através do pescado que chega diariamente ao porto de pesca de Póvoa de Varzim para o fabrico de conservas e para venda no mercado da cidade. Póvoa de Varzim possuiu uma identidade definida dentro da população portuguesa e a sua cultura tem particularidades muito próprias. A expressão local *Ala-Arriba!* significa “força, para cima!”, e era gritada quando se puxava um barco para terra por toda a comunidade, passando a ser vista como o lema da Póvoa de Varzim. Existe um grande número de celebrações religiosas ou populares. O feriado municipal é no dia 29 de Junho, dia de São Pedro, o santo pescador. Por esta altura, os bairros são ornamentados; e, na noite de 28 para 29 de Junho, a população reúne-se em festa, dançando e comendo à luz das fogueiras. Os bairros tradicionais competem entre si nas “rusgas” e na criação dos tronos de São Pedro”.

Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3voa_de_Varzim>. Acesso em 18maio2010.

De acordo com Mattedi (2002, p. 10), a origem da palavra “Suá”, causa controvérsias, devido às várias versões existentes para o nome – uma delas é a da semelhança do som, emitido por um imigrante francês, professor, que ao apreciar as belezas do lugar, encantado com as noites enluaradas, cumprimentava a todos com um alto, *bon soir* (boa noite). Outra versão é que os moradores do Centro para irem a pé até aquela praia tinham que “suar”¹¹, e, ainda, devido a existência de um pássaro chamado “Suam”, predominante no local¹².

Segundo Neves e Pacheco (1996, p. 12), antigos moradores disseram guardar a lembrança da Praia do Suá como de um local desprovido de condições urbanas satisfatórias, pois no início do século XX, tal qual comentou o pescador João Varanda, 67 anos, (atualmente falecido), “aqui era chão”, quando “chovia fazia lama”. Outro morador, Eugênio Rodrigues (também falecido), na ocasião da entrevista, com 65 anos¹³, disse que “só árvores existiam na minha época”.

A Praia do Suá possuía características que de acordo com Derenzi (1965), dificultavam o acesso, quais sejam: a presença de intensa cobertura vegetal - cajueiros, palmeiras e arbustos próprios de terreno arenoso, assim como, de alagadiços (mangues).

Segundo Mattedi (2002, p. 8),

A Praia do Suá era lugar de muita areia, água, lama e mosquito. A antiga vila tinha casinhas de estuque, construídas à beira mar, cobertas com palha ou zinco. Os barcos repousavam no remanso da prainha, de superfície rugosa mas [sic] quase lisa, de fundo arenoso e com serenas marolas.

Apesar de todas essas dificuldades, em entrevista, concedida a Mattedi (2002, p. 8) a moradora Maria Assumpção disse que “melhor lugar não existia. A areia era pura, e o mar a coisa mais linda”.

¹¹ Pela dificuldade de acesso ao lugar.

¹² Entretanto, o autor justifica que “essas variantes perdem força ao se constatar que a antiguidade do toponímio está documentada em uma carta de 1767 – achado levantado pelo livro “A Festa de São Pedro na Praia do Suá”, de Luiz Guilherme Santos Neves e Renato Pacheco, com pesquisa de Léa Brígida de Alvarenga Rosa. Nela, o engenheiro José Antônio Caldas, especialista em fortificações, faz a seguinte análise: “Esta praia se divide pelo meio com o monte de pedra chamado Itapebuçu. O Itapebuçu é morro que assinala a geografia da Praia do Suá”.

¹³ Em entrevista a professora Léa Brígida Rocha de Alvarenga Rosa – Prefeitura Municipal de Cultura e Turismo, setembro, 1996.

O autor Mattedi (2002, p. 10), diz que até o final do século XIX, a Praia do Suá era um lugar desabitado, constituindo-se de “uma pequena faixa de terreno arenoso, incrustada entre dois morros: o da Garrafa e o de Bento Ferreira¹⁴” (Figura 4).

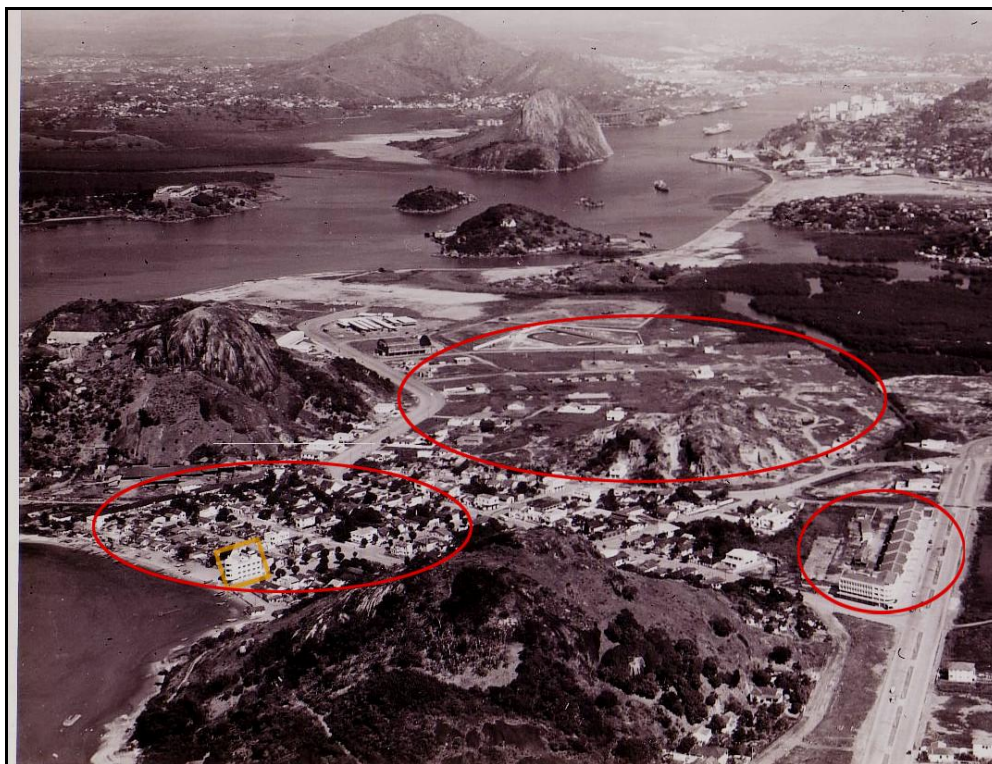


Figura 4 - Fotografia aérea 1 – A Praia do Suá entre morros [196-].
Fonte: Acervo do IJSN.

A localização entre morros¹⁵ e o mar que banhava o bairro podem ser visualizados na Figura 4 (em destaque). A imagem data, provavelmente, do início dos anos de 1960, percepção obtida na leitura da paisagem, constante na foto - o hospital, em destaque amarelo, do qual falaremos adiante foi inaugurado em 1960 e o aterro do mar foi nos anos de 1970. A ausência de ocupação no morro do Suá¹⁶, mostrada pela paisagem, também justifica que a fotografia seja dos primeiros anos de 1960, data provável da ocupação do morro de maneira mais efetiva.

¹⁴ Atualmente bairro Jesus de Nazaré.

¹⁵ O círculo maior delimita a Praia do Suá de Bento Ferreira.

¹⁶ Esse morro foi chamado de Morro da Garrafa (havia uma grande garrafa de cimento no seu cume), de Morro São José (administrativamente) e, por ocasião do reconhecimento de bairros em Vitória, no ano de 2003, foi incorporado à Praia do Suá.

A paisagem na Figura 4 mostra também, a baía de Vitória, o aterro de parte do manguezal em Bento Ferreira (em destaque – círculo maior), a Avenida Beira-mar, a Avenida Cézar Hilal, com um conjunto de sete prédios construídos nos anos de 1950 (em destaque – círculo menor).

Quanto à habitação na Praia do Suá, o autor Derenzi (1996, p. 147), ao discorrer sobre o assunto, comenta que apesar de “despovoada”, a praia no início do século XX era frequentada e possuía vegetação exuberante, conforme já mencionado por outros.

Essa zona praiana, até o começo do século, era pouco trafegada e praticamente despovoada. Faltavam-lhe caminhos e desmatção. Toda a orla marítima era coberta de intensa vegetação, quer de mangue, nos alagadiços, quer de cajueiros, palmeiras e arbustos próprios de solo arenoso.

O lugar, com todas as dificuldades de acesso foi muito atrativo para os pescadores portugueses, que encontraram nele um recanto de belezas naturais, isolado¹⁷, com uma paisagem convidativa - mar, montanhas, vegetação, a visão do Convento da Penha - propício para habitarem, exercerem a sua profissão e religiosidade.

Segundo Mattedi (2002), a Praia do Suá se localizava próxima à “boca da barra”, facilitando o tráfego dos barcos pesqueiros, e a sua orla se estendia do Morro de Bento Ferreira, onde se engastava o quebra-mar, até as imediações do atual [Instituto de Tecnologia da Informação e Comunicação do Espírito Santo – Prodest]¹⁸, no “pé” do Morro da Garrafa.

Essa proximidade com a “boca da barra” foi uma das justificativas, que os pescadores utilizaram para ocupar o lugar que, de acordo com Derenzi (1995, p. 146), a Praia do Suá, “[...] teve seus lotes ocupados, em parte, desde 1906”, e segundo Mattedi (2002, p. 8 e 12), “coincide com a chegada dos portugueses, de acordo com o depoimento de Maria Assumpção”¹⁹, conforme relato que se segue.

¹⁷ Na sua cidade de origem, a população era dividida em diferentes “castas”, e, por norma, não se envolviam, os casamentos mistos eram proibidos devido ao isolacionismo dos pescadores, coordenados por anciãos. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%B3voa_de_varzim. Acesso em 07.jun.2010.

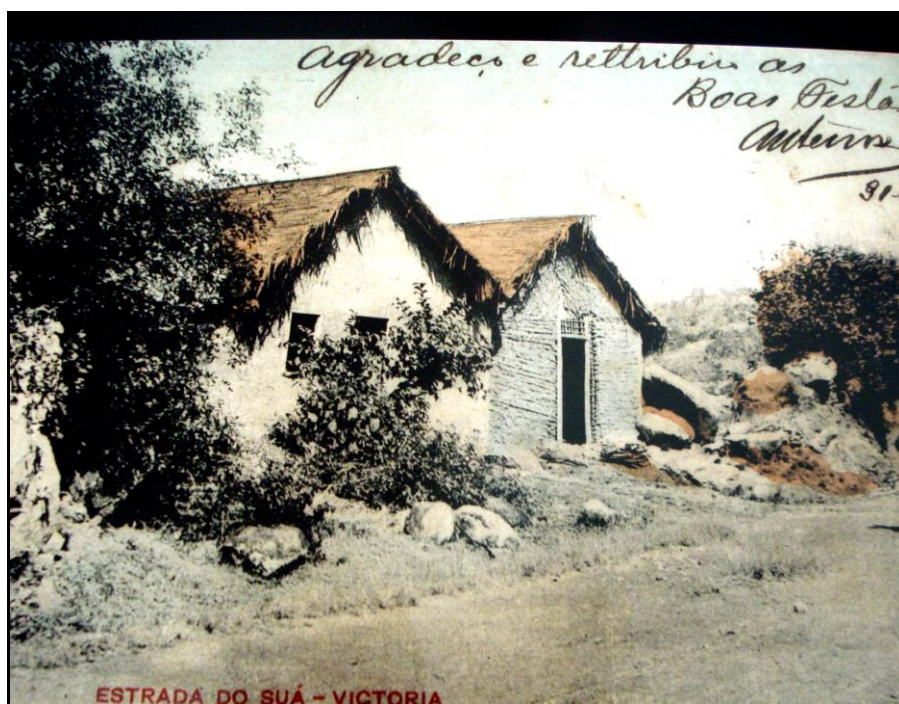
¹⁸ Órgão público localizado na Avenida João Baptista Parra, limite administrativo da Praia do Suá e Enseada do Suá.

¹⁹ Moradora antiga da Praia do Suá, descendente dos imigrantes portugueses.

Correm nas vias (ou veias?) da Praia do Suá sangue lusitano. Tudo começou na segunda metade do século XIX. Pescadores insatisfeitos com o mar local decidiram tentar a sorte no Brasil. Um grupo aportou na então miúda Vitória, vindo a residir no bairro da Capixaba²⁰.

Outra justificativa de mudança para a Praia do Suá foi de que a antiga Capixaba também não era propícia para o exercício de sua profissão, pois havia insatisfação com o problema das correntes marítimas no canal de Vitória, conforme relatam os autores Neves e Pacheco (1996, p. 16).

No começo do século XX, pescadores portugueses, originários de Póvoa do Varzim, que moravam na Capixaba, bairro de Vitória, insatisfeitos com o problema das correntes marítimas no canal da baía, ocuparam os terrenos baldios do Suá. Ali construíram suas casas de estuque [Fotografia 2], e, coordenados pela Colônia de Pesca Z2 [hoje Z5], passaram a viver da pesca.



Fotografia 2 – Casinhas de estuque na antiga estrada do Suá [19--].
Fonte: Projeto “Continuando a história”²¹.

²⁰ A Esplanada Capixaba era parte do centro da cidade, nas proximidades da Praça Getúlio Vargas.

²¹ O Projeto “Continuando a História - Praia do Suá” teve sua mostra, em exposição no dia 26/11/2009, no Cajun Praia do Suá - associação caminhando juntos, parceria poder público (PMV) e sociedade - se propondo a resgatar o passado, por meio de imagens antigas, comparando-as com o presente com fotos produzidas pelos jovens da região. O Plano tem patrocínio da Lei Rubem Braga (lei de incentivo cultural da Secretaria de Cultura de Vitória) e coordenação de Carlos Antolini, Elane Couto Uliana e Elizabeth Nader.

A mudança de moradia também é comentada por Mattedi (2002, p. 8),

Tempos depois, já na primeira década do século XX, os patrícios decidiram mudar de local. Descontentes com o problema das correntes marítimas no canal da baía, que atrapalhavam a navegação, somado à longa distância entre o Centro e a barra, resolveram baixar remos e redes nos terrenos baldios do Suá, ao norte da capital. “Dava trabalho ir até a boca da barra. Tinha que remar bastante. Por isso, vieram e invadiram aqui”, conta José Pedro Rodrigues da Silva, 71 anos, neto e filho de pescador. Seu avô, João Rodrigues da Silva, nascido em Póvoa do Varzim, foi um dos fundadores da colônia, então formada por cerca de quarenta famílias portuguesas.

Em entrevista à Mattedi (2002, p. 8), Antônio da Silva Terroso, pescador português, ainda habitante do bairro, disse que o mar do litoral chamado de ‘Costa Negra’ (Portugal) “era tão bravio, que se chegava a ficar até um mês sem ir pescar, por causa das ondas”, fato esse que “dificultava o sustento das famílias”.

Segundo Neves e Pacheco (1996) e Mattedi (2002), no grupo que veio morar na Praia do Suá,²²

Havia cerca de quarenta famílias portuguesas, cujos chefes de algumas delas, se dedicavam à pesca em alto-mar. Os mais conhecidos foram o Torquato (José Francisco Marques), David de Maio, José Belmiro Rodrigues da Silva, João Capuchinho, João Ribeiro, Eugênio Leopoldino Reis, Mário Cisteiro, Antônio Paes, João Varanda, David Fanguetro, João Rodrigues da Silva, o Alvarenga, o Lavradeira, Antônio Varanda.

De acordo com Mattedi (2002, p. 8), outros pescadores que também eram portugueses vieram para a Praia do Suá em data posterior - Antônio Rodrigues Cristelo, com os filhos Aires e Joaquim, e Júlio Diniz com o filho Álvaro, que chegaram durante a primeira guerra mundial, vindos também de Póvoa do Varzim, em Portugal.

Pela sua vivência no lugar essa autora recorda que alguns desses portugueses, não eram pescadores e trouxeram para o lugar o exercício de outras profissões, como por exemplo, o “Sr. Antônio Paes”, que era comerciante e possuía uma loja de tecidos, localizada próxima a atual Avenida Leitão da Silva. Assim também, o “Sr. Santos”, que tinha uma carvoaria, na atual Rua Professor Sarmento.

Salientamos que ainda existem representantes da família de alguns desses imigrantes morando no bairro, alguns dos quais, colaboraram com essa pesquisa,

²² Um dos nomes citados por aqueles autores foi excluído, por ser constatado não se tratar de um imigrante português.

como a Sr^a Delorgilda Mendes Maio, 77 anos, nora do pescador português David de Maio, que relatou,

Aqui onde eu moro era tudo mar. Aqui tinha uma casa onde está aquele terreno baldio onde os meus filhos pescavam de dentro de casa. Antigamente eram os pescadores, vivíamos na humildade, não tinha luxo. Eles remendavam as redes. A praia era aqui ao lado onde ficavam os pescadores; eles colocavam os bancos embaixo das castanheiras, consertavam as redes e tingiam as velas das baleeiras (espécie de barco a vela), com castanha de caju, conversando, passavam a tarde, era tudo muito saudável. O mar deixou saudade, aqui tinha uma ponte... tiraram a ponte para aterrar.

Em relação à ocupação do loteamento do “Novo Arrabalde” localizado na Praia do Suá, é interessante ressaltar que de acordo com Campos Júnior (1996, p. 196),

[...] certamente os trabalhadores de baixa renda não se beneficiaram da apropriação desse novo espaço que estava sendo criado [...] e que [...] os proprietários dos terrenos do “Novo Arrabalde” tinham relativo poder aquisitivo e, ainda, que a população de menor renda ou adquiria esses lotes ou invadia outras áreas.

A autora desse estudo é neta de um funcionário público, que foi indenizado com um lote do “Novo Arrabalde na Praia do Suá (Anexo B - cópia da planta) no ano de 1924. De acordo com Campos Júnior (1996, p. 186) “[...] para os funcionários públicos, o governo concede um desconto de 50% no valor do lote e possibilita-lhes o pagamento através de prestações mensais”, condições previstas em uma legislação na época.

Pelo nosso entendimento até aqui, quando se começou a discutir sobre a venda dos terrenos do “Novo Arrabalde” ²³, os imigrantes já haviam “tomado posse” do lugar, não se tendo notícia de que foram expropriados, pelo contrário, pelos relatos de entrevistas, os imigrantes ocuparam os terrenos baldios na Praia do Suá e ali, viveram seduzidos pela configuração do local, pois tinham o mar à sua porta. Segundo Campos Júnior (1996, p. 186),

Vários governantes que sucederam a Muniz Freire perceberam a inviabilidade de promoverem a ocupação, a curto prazo [sic], do “Novo Arrabalde”, que até então estava em Plano [...]. Não havia crescimento populacional que justificasse buscar os espaços das praias. Nesse sentido, o “Novo Arrabalde” ficou um bom tempo esquecido.

²³ De acordo com Campos Júnior (1996, p. 186) “o governo estadual, a partir de 1910, passa a conceder terrenos no “Novo Arrabalde” mediante o pagamento de um foro anual[...] e [...] as condições do bairro mantiveram-se praticamente inalteradas durante toda a segunda década deste século [...]”, do séc. XX.

Pode ser que devido ao esquecimento mencionado, alguns desses pescadores ao fixarem sua residência no local, conseguiram até prosperar e obter frota de barcos, como por exemplo, o “Sr. Joaquim do Branco”, do qual, o pai da pesquisadora, também “convertido” a profissão de pescador, foi empregado durante longa data, trabalhando em muitas de suas embarcações.

E muitos dos descendentes desses imigrantes também se tornaram pescadores, reproduzindo a profissão e fortalecendo a identidade pesqueira do lugar, tal como o pescador, José Pedro Rodrigues da Silva que em depoimento²⁴ disse “sou nascido e criado na Praia do Suá. Comecei a pescar em dezembro de 1945, depois da guerra. Nem barco a motor existia, só barco a vela”. Nesse sentido o pescador, Sylvio de Jesus Pazzini, 72 anos disse para a autora desse estudo que:

Nasci em Guarapari, mas, vim criança para a Praia do Suá, onde me casei e constitui família. Apreendi a pescar com o meu cunhado, que era pescador. As minhas primeiras idas ao mar foram difíceis, pois enjoava e vomitava muito, pensei em desistir dessa profissão. Tentei outras: fui ajudante de pedreiro, de pintor, trabalhei em vidraçaria, como vendedor de salgados, mas não teve jeito, larguei tudo para pescar. E hoje, já aposentado, é como me faltasse alguma coisa... E falta... o mar!

A ocupação da Praia do Suá foi facilitada pelas primeiras manifestações do processo de produção do espaço urbano²⁵ em Vitória (ES), que permitiu a acessibilidade ao lugar²⁶ (antes difícil) e, de acordo com Derenzi (1996, p. 146) “pela linha de carris urbanos, à tração animal e depois a vapor, que ali terminava [...]”.

A Praia do Suá possuiu uma pista para corrida de cavalos, que, de acordo com Derenzi (1965), “não conseguiu despertar maior interesse aos moradores da ilha”, devido à efemeridade do lugar. O mesmo não aconteceu em relação aos passeios de bondes (Fotografia 3) que foram bastante duradouros, ultrapassando décadas, de acordo com os autores, que a seguir discorrem sobre o assunto.

²⁴ Fonte: Jornal A Gazeta de 16/01/06 - texto de José Carlos Mattedi.

²⁵ De acordo com Campos Júnior (1996), no governo de Muniz Freire foi construída uma estrada entre a Praia do Suá e Jucutuquara e que por volta de 1905, já havia transporte nesses lugares.

²⁶ Segundo Mattedi (2002) “[...] para se chegar lá, só existia um caminho, que não fosse o mar. Passava-se por Jucutuquara, em seguida Maruípe, dando a volta por trás do Morro Grande, até alcançar a Ponte da Passagem, no braço norte do estuário de Vitória. Seguiu-se então margeando o canal, cruzando depois o Morro Barro Vermelho até atingir a Praia Comprida (atual Praia do Canto) e Praia de Santa Helena (atual Santa Helena). Mais à frente, chegava-se finalmente à paradisíaca Praia do Suá, de águas rasas e mansas, e com o Morro da Garrafa coberto por densa mata. Um passeio longo e cansativo...” Vide mapa de Vitória (Anexo A).

Segundo Mattedi (2002, pág. 12), no ano de 1906, Vitória possuía três bondes, e um deles fazia o percurso até o Suá, cujo ponto final ficava próximo à Avenida Leitão da Silva. Existia na época uma linha - Santo Antônio x Praia do Suá – que fazia a ligação entre o centro da cidade e a Praia do Suá.



Fotografia 3 - Bonde puxado por animal [19--].

Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal.

Os trilhos do bonde iam da Avenida Vitória àquela praia, depois de passarem entre mangues, sobre uma restinga de areia. A linha de bondes chamada de “ferro-carril”, inaugurada em 1912, facilitou a vida dos primeiros habitantes da Praia do Suá, por favorecer a venda do peixe em outros locais.

Em entrevista à Mattedi (2002, p. 14), o morador Moacyr Reis (atualmente falecido) na época com 84 anos, filho, sobrinho e neto de pescador disse que “no início não havia comércio nem banca de peixe. O que o mar nos dava, era levado para o Mercado da Capixaba no reboque do bondinho”.

De acordo com Mattedi (2002, p. 15),

Já nesse período dos bondinhos, um senhor de nome Adão Benezar construiu um imenso barracão de madeira, com telhado de zinco e algumas divisórias, na rua Almirante Tamandaré, quase na beira da maré. Benezar, generoso, cedeu o abrigo para a família Reis. [...] esse mesmo barracão, tempos depois, transformou-se em república, ao ser adquirido por David Maio, marujo português e um dos pioneiros do arrabalde. A casa recebia os

patrícios, também pescadores, que vinham tentar a vida em terras capixabas e deixavam suas famílias do outro lado do oceano.

Os bondes a tração animal, que facilitaram inicialmente o acesso ao lugar, tiveram curta duração, foram extintos com a chegada da energia elétrica, no governo de Jerônimo Monteiro (1908-1912). Sobre eles Mattedi (2002, p. 13), também discorre,

Num tempo em que não havia muito espaço para a pressa, andar num bondinho puxado por burro era um exercício de paciência. O trote era lento, e as ferraduras marcavam o piso empoeirado da estrada de chão que ligava ao Suá. Ali, os animais descansavam sob a sombra de castanheiras. Isso tudo dava à época um aspecto bucólico, campestre. As viagens carregavam passageiros e mercadorias. Mas não só isso: registre-se que, em junho de 1908, começou o transporte de banhistas até a Praia do Suá para os chamados “banhos de mar” [grifos do autor]. “Era mais do que um programa de domingo, era uma excursão de lazer nesses bondinhos diligentes”, [grifos do autor] pontua Luiz Guilherme Santos Neves, em sua obra “Os Bondes de Vitória”.

A atratividade ao local se deu também pelos passeios à bela praia que, conforme o exposto, era um recanto de beleza naturais (Fotografia 4).



Fotografia 4 - Praia de banhos [19--].

Fonte: Acervo do Arquivo Público Municipal

Em relação à acessibilidade ao lugar, utilizando como meio de transporte os bondes e aos passeios proporcionados por eles, a moradora Inês Gomes de Souza, em entrevista²⁷, na época com 99 anos disse que,

Para se chegar à Praia do Suá, além do barco, também era possível fazer o percurso no bondinho puxado por burros. Nos finais de semana, andar de bondinhos e curtir os banhos de mar eram as atividades preferidas das pessoas.

Com o passar do tempo, os bondes foram eletrificados, conforme relatam Neves e Pacheco (2002, p. 15),

Na década de quarenta do século XX, entrou em funcionamento o bonde elétrico - da Companhia Central Brasileira de Força Elétrica, empresa canadense que fornecia a energia elétrica e que explorava o transporte de bondes em Vitória e fornecia energia elétrica para a capital do Estado, era o único meio de acesso fácil à Praia do Suá, que ligava ao centro de Vitória.

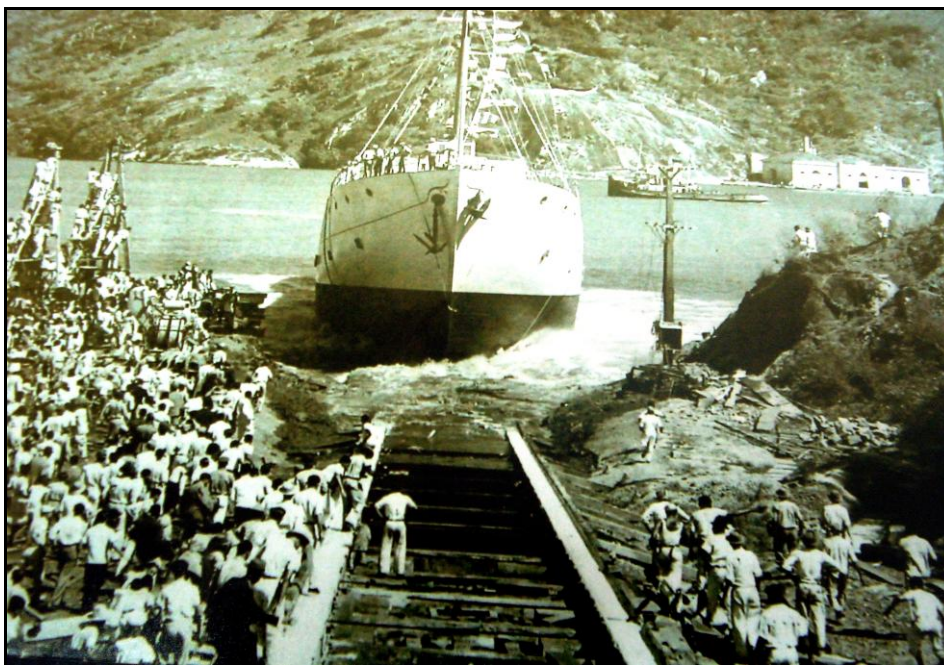
Outra manifestação do processo de produção urbana no Suá foi a construção de “um canteiro de construção naval, que havia nas proximidades”, de acordo com Derenzi (1996, p. 146), conforme pode ser visualizado na Fotografia 5. A construção que aparece no fundo da paisagem, constante na foto, era de uma refinaria de sal, que junto com o mirante, permitem localizar esse canteiro, que se fosse atualmente estaria nas proximidades da área de marinha, na Enseada do Suá, próximo ao Hortomercado.

A respeito desse canteiro, de acordo com Campos Júnior (1996), ele ficava próximo ao final da linha de bondes que lá havia e “acredita-se que a atividade ali desenvolvida tenha sido a responsável pela presença de habitações na área contígua do Suá”.

Esclarecemos que a localização desse canteiro naval como aparece na Fotografia 5 era dentro do limite geográfico da Praia do Suá (antes do aterramento). Salientamos que na história da ocupação da Praia do Suá, por pescadores portugueses, em 1906, não encontramos referência a esse canteiro de construção naval, ao que, Neves e Pacheco (2002, p. 17), esclarecem, “[...] não se deve confundir os pescadores portugueses, que fundaram a colônia, com uma leva de artesãos navais,

²⁷ Fonte: jornal A Gazeta, publicado em 16/01/06 – texto de José Carlos Mattedi.

também portugueses, que iniciaram no estaleiro do Suá, por volta de 1950, uma empresa construtora de barcos, tendo o apoio do Governo do Estado”.



Fotografia 5 – Canteiro de Construção Naval [19--].
Fonte: Projeto “Continuando a História” – Praia do Suá.

a) Tradições culturais

A vivência na Praia do Suá também favorecia o exercício da religiosidade trazida por aqueles imigrantes de sua terra natal, pois, o local, na época, além de proporcionar a contemplação do Convento da Penha²⁸, oportunizou, por muitos anos, os festejos “da mais antiga festa comunitária da Ilha de Vitória [...] e uma das mais antigas da Capital do Estado, conforme relata Neves e Pacheco” (1996, p. 11)²⁹,

²⁸ A devoção a Nossa Senhora da Penha faz parte da tradição capixaba, respeitada por Saturnino de Brito, que na época da elaboração do “Novo Arrabalde” percebeu a importância dessa iconografia, fazendo com que da atual Avenida Nossa Senhora da Penha aquele santuário fosse visto em toda a sua magnificância, o que ainda, provoca problemas quando a altura de edifícios interfere naquela visualização, pois, “para permitir uma visão livre e aberta do Convento da Penha, que ele considerava um dos mais notáveis monumentos do Brasil colonial, Saturnino de Brito concebeu um grande eixo que denominou Avenida Nossa Senhora da Penha” (Carlos Salles Presidente Xerox do Brasil Ltda, maio de 1996).

²⁹ Fonte: Neves e Pacheco, 1996, p. 11-31 passim.

A Praia do Suá é considerada um local de fortes tradições. Uma delas é a homenagem ao santo padroeiro, comemorada no dia 29 de junho com salvas de fogos e festejos.

O evento cultural comunitário, considerado o mais antigo do lugar (década de 1920), é a **Festa de São Pedro**³⁰, realizada todos os anos no final do mês de junho, trazida para a Praia do Suá pelos portugueses, e reforçada pela chegada de 200 imigrantes açorianos, na década de 1930.

Na opinião de Mattedi (2002, p. 41)³¹, “a comemoração ao santo de devoção dos pescadores na Praia do Suá é, depois da Festa de Nossa Senhora da Penha, o mais popular festejo religioso do Espírito Santo e a mais antiga festa comunitária do município de Vitória”.

O que era apenas como um ato de louvação a São Pedro, “comemorada modestamente, numa enseada tranqüila”, acabou ganhando impulsos impensados pelos primitivos pescadores, que objetivavam, principalmente, a arrecadação de fundos para a construção de uma capela.

No princípio, a festa tinha ares de uma quermesse e acontecia desde a areia da praia até a Rua Almirante Tamandaré, na época, de terra batida. O cenário da festa era assim - o chão era todo coberto por folhas de mangueiras e os muros e postes enfeitados com palmas de coqueiros e varas de bambu e “havia, ainda, danças capixabas típicas como o rancho de boi e o congo”.

A paisagem da Festa de São Pedro, assim como a organização é relembrada pelo ex-morador Sylvio de Jesus Pazzini Filho, nativo do lugar, com saudosismo,

Sinto falta de quando parte do bairro não era asfaltado e a festa de São Pedro era realizada no coração do bairro. Para mim era uma coisa glamurosa. Como tive uma infância pobre e também o bairro era considerado de classe média baixa (senão baixa), achava bonita a mobilização que a Festa de São Pedro trazia. Recebíamos milhares de visitantes de toda a Grande Vitória durante os dias de festa. Era tudo original (as ruas enfeitadas com arcos de bambus, barraquinhas detalhadamente feitas de madeira, cuzcuz, quentão, canjica).

³⁰ Fonte: Jornal A Gazeta, 20/01/2006, p. 55.

³¹ Fonte: Mattedi, 2002, p. 41-44 passim.

Como a data de devoção a São Pedro é no mês de junho, coincidindo com dois outros santos - São João e Santo Antônio - a comemoração tinha “espírito” junino com fogueiras, bandeirolas coloridas, barraquinhas, pau-de-sebo, corrida de saco, corrida de ovo na colher, pescarias, casinha do coelhinho, quadrilhas, comidas típicas e o tradicional quentão.

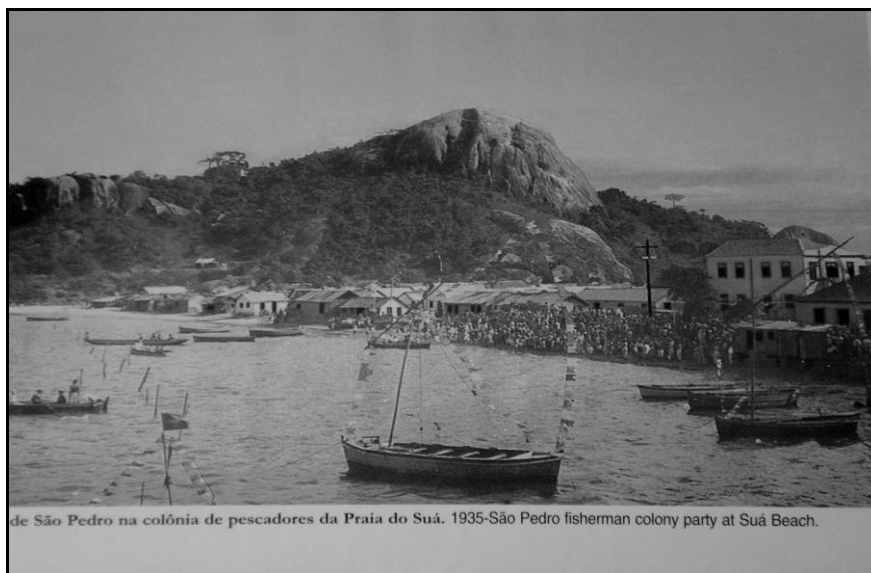
No cais da praia aportava uma baleeira - espécie de barco - que trazia um altar, onde era colocada a imagem do apóstolo padroeiro. O padre celebrava a missa, na qual ocorriam muitos batizados. No decorrer da festa, aconteciam encenações, em forma de “resgates de pescadores e de moças à beira da praia”. Em prosseguimento ao evento, acontecia uma procissão pelas ruas do bairro, para só depois, sucederem os animados leilões de prendas, como acontecia, ainda, recentemente (Fotografia 6)



Fotografia 6 - Procissão Terrestre [198-?].
Fonte: Neves e Pacheco (1996).

À noite, iniciava-se a chamada festa religiosa-profana. Com o passar dos anos, foi incluída a procissão marítima (Fotografia 7), que no início era feita apenas com barcos a remo e, posteriormente, outros tipos de embarcações participaram do

evento. Há relatos que até 1928³², a procissão era só terrestre. De acordo com Neves e Pacheco (1996, p. 26), “a procissão saía das areias da antiga Praia do Suá, hoje totalmente aterrada”.



Fotografia 7 – A Procissão Marítima na Praia do Suá (1935).
Fonte: Tatagiba (2008).

A procissão marítima ainda ocorre e é o ponto alto dos festejos religiosos, havendo premiação para os barcos mais destacados. As embarcações enfeitadas partem, após a celebração de uma missa no cais denominado de Alvarenga, em procissão, atravessando o canal de Vitória até a Ponte Florentino Avidos, limite do município de Vitória e retornam em direção ao Convento da Penha, onde acontece a tradicional “**Benção do Anzol**”, momento em que os fiéis agradecem e pedem bênçãos a São Pedro, com uma calorosa queima de fogos.

A autora desse estudo recorda que, no passado a festa “exigia” uma boa apresentação pessoal, pois, além da diversão, propiciava futuros relacionamentos. Em decorrência de essa festa acontecer na estação de inverno, muitos habitantes do lugar confeccionavam roupas novas – na época era comum que as roupas fossem feitas pelas costureiras. Recorda também que a banda da polícia militar

³² Disponível em:

<<http://www.seculodiario.com.br/arquivo/2006/junho/29/cadernoatracoes/cultura/02.asp>. >. Acesso em: 21.jul.2008.

sempre tocava em frente à igreja antes da celebração da missa, o que era um grande acontecimento.

A moradora Ignes Corrêa Souza, há 55 anos no bairro, viúva de pescador, relatou em entrevista à autora desse estudo que, entre os festejos da Festa de São Pedro constava uma regata – competição que acontecia no antigo cais, que ficava próximo ao Hospital São Pedro, muito aguardada pelos antigos moradores.

O pescador Sylvio de Jesus Pazzini, conhecido como “Silvinho”, 72 anos, era um dos marcadores de quadrilhas. Relatou que, de início, os dançarinos, jovens e adolescentes, dançavam quadrilha ao som de sanfona e acordeon. Que não havia maldade naquela época, e sim, muita diversão. Que os pais confiavam e permitiam que ele levasse os jovens a participarem em concursos de quadrilha em outros bairros e municípios de Vitória. Que se apresentavam, inclusive, em um salão que existia em andar superior da igreja São Pedro.

Outro apreciador e animador da Festa de São Pedro foi o morador, “Tal Mendes”, que muito contribuiu na permanência dessa tradicionalidade no bairro.

A festa era realizada com a participação conjunta da paróquia de São Pedro com os pescadores. Devido a desentendimentos, pela proibição da venda de bebida alcoólica entre os párocos e os pescadores, a festa foi “dividida”, com realização em ruas diferentes - Rua Almirante Tamandaré e Neves Armond, nos mesmos dias, “uma festa religiosa e outra profana”.

Desde o ano de 1997, porém, a festa passou a ser realizada em bairro vizinho, na Praça do Papa, localizada na Enseada do Suá, com várias atrações, incluindo shows de artistas nacionais, patrocinada e organizada pela Prefeitura Municipal de Vitória (PMV), com apoio da Colônia de Pescadores com características, não mais de uma quermesse, o que desagradou moradores como a Sr^a. Ignes, que disse “desde que a Festa de São Pedro foi para a Enseada do Suá, que não a frequento”. O ex-morador, nativo, Luiz Carlos Souza Pazzini também comentou sobre a festa, nos seguintes termos,

A Praia do Suá celebrava suas festas culturais dentro de seu próprio bairro com os seus moradores; agora, tudo isto foi apagado. A festa que dizem que é da comunidade simplesmente é organizada por pessoas que não tem

nada a ver com a comunidade e o local também não é mais dentro da comunidade – a Festa de São Pedro agora é na Enseada do Suá.

As mudanças, de acordo com Neves e Pacheco (1996, p. 28) são explicadas pelo

[...] processo de urbanização, o crescimento do bairro, antes de pescadores e meramente residencial, hoje eminentemente comercial, os interesses que passaram a presidir a ação de barraqueiros, profissionais ou não, deram novas características à parte popular da Festa de São Pedro. Hoje ela atrai quarenta e cinco mil visitantes, vendem-se guloseimas em geral e é grande o consumo de refrigerantes e cervejas.

Em anos anteriores, PMV e Colônia de Pescadores fizeram, uma reprodução da vila de pescadores por meio de uma vila cenográfica, o que foi substituído por barracas da Prefeitura Municipal de Vitória.

Dentre as atrações culturais da Praia do Suá, também é famosa a “malhação do Judas” realizada no Sábado de Aleluia, durante a Semana Santa, na Rua Almirante Tamandaré. De acordo com Mattedi (2002, p. 43), “a zombaria atrai pessoas de vários bairros de Vitória, inclusive a imprensa, para assistir as pauladas no boneco de pano e para descobrir quem foi o escolhido para o papel de “Judas do ano” [grifos do autor]”.

Depois de ficar dependurado durante o dia todo, “o Judas” é carregado pelo bairro para que seja visto, sob fogos e gritarias. Em seguida, arrastado pelas ruas com a corda que o enforcou, com crianças e adultos batendo nele com paus e varas, ateando fogo e gritando “pau no Judas que mereceu”!

De acordo com a história³³, a origem do evento é bem remota, data do início do século XX e veio, segundo os moradores, com os imigrantes portugueses, que ajudaram a fundar o bairro.

O boneco era confeccionado com sobras de pano³⁴, em seguida era pendurado ou enforcado num poste. Quem tivesse alguma crítica a fazer contra algum morador do arrabalde, colocava um bilhete preso ao Judas. Era uma oportunidade de lavar a “roupa suja”, com ironia, utilizando o anonimato como forma de denúncia.

³³ Comentada por Mattedi 2002, p. 43-44 passim.

³⁴ A encarregada de fazer os bonecos de pano era a costureira Elza Santos Reis (in memorian).

Essa tradição permaneceu até o final da década de 1970, quando deixou de ser em caráter apenas de lembrança cristã para adequar aspectos de crítica social e política, de acordo com a mídia e constatação advinda da observação participante.

Discorrendo sobre a economia do lugar na época, Mattedi (2002, p. 14), diz que

A vila de pescadores seguia rumo ao crescimento, mesmo que a passos bem lentos. O comércio se restringia ao botequim de Florêncio Gear Fernandes, na rua Pau Roliço³⁵, um secos e molhados, que vendia de tudo um pouco. Não havia bancas de peixes,³⁶ pois não vinham compradores de fora devido à distância do bairro.

Em relação a esse estabelecimento comercial, em entrevista dada a Mattedi (2002, p. 14), o Sr. Moacyr Reis, disse que “era uma vendinha pequena, quase uma quitanda”.

Sobre o comércio pesqueiro, o Sr. José Pedro relatou para Mattedi (2002): “meu avô dizia que pegavam muito peixe, mas não tinham para quem vender. Todo mundo era pobre, corria pouco dinheiro aqui. Então eles trocavam o peixe por galinha, por porco e por ovos. Com os bondes, o pescado passou a ser vendido na cidade”.

O comércio, na forma de venda de pescados, foi expandido quando no decorrer do tempo, os pescadores portugueses, construíram a primeira peixaria, denominada de “Colônia de Pesca Z2 (hoje Z5)³⁷”.

De acordo com Mattedi (2002), os primeiros registros da colônia de pescadores são de 16 de maio de 1925 “naquela década, a associação de pescadores ocupava um barracão coberto por telhado de zinco, no mesmo endereço da atual colônia”.

Na década de 1930, o prédio passou a ser de alvenaria, servia até de espaço para a celebração de missas improvisadas pelos católicos do bairro. Em 1939, a colônia contava com setenta e dois pescadores inscritos e no salão realizavam-se os bailes da comunidade. Na década de 1960, o segundo andar da sede foi alugado para abrigar o Grupo Escolar Colatina Mascarenhas. O térreo ficou como mercado de pescado dos associados.

³⁵ Atualmente, Avenida Leitão da Silva.

³⁶ Fonte: Jornal A Gazeta de 16/01/06 - texto de José Carlos Mattedi – Secretaria Municipal de Cultura, 2002. As colônias, de acordo com alguns escritos foram criadas pelo Estado.

³⁷ Mattedi, 2002, p. 37-38 passim.

Conforme relato³⁸, no ano de 2006 a colônia Z5 era a maior do Estado, e atendia pescadores de bairros costeiros da capital e da Serra, além de municípios dos interiores capixabas e mineiros, como Colatina, Baixo Guandu, Governador Valadares e Conselheiro Pena, devido à pesca fluvial. Eles também contavam com mais de sessenta barcos e vendiam seus produtos diretamente no mercado da associação.

Segundo Mattedi em 2002, a colônia possuía 3.400 associados e Álvaro Martins da Silva, 54 anos, Presidente da Colônia e filho do pescador português Belmiro Martins (falecido), disse³⁹ que no ano de 2007 existiam quatro mil associados na colônia.

A colônia oferecia atendimento médico e odontológico gratuito, serviço que foi desativado, somado a perda do convênio com o Sistema único de Saúde - SUS. Atualmente, cuida apenas do seguro-desemprego dos pescadores na época do defeso e do cadastro para novos interessados na profissão.

Assim como a colônia, a Igreja de São Pedro é um importante patrimônio histórico do lugar e foi também construída pela iniciativa dos pescadores. Segundo Mattedi (2002, p. 35), “o primeiro oratório foi levantado nas areias da extinta prainha, sob uma palhoça, “que servia como uma casinha de oração”.⁴⁰

No início da década de 1930, as missas eram improvisadas no sobrado de alvenaria da Colônia de Pescadores, na Rua Almirante Tamandaré, quando ainda não havia peixarias. No salão, os fiéis faziam devoções a duas pequenas imagens sacras – a de São Pedro, que veio de Póvoa do Varzim (Portugal) e a de Nossa Senhora dos Navegantes⁴¹, que deu o nome à avenida que limita a Praia do Suá

³⁸ Texto de José Carlos Mattedi, Secretaria Municipal de Cultura, 2002 (Jornal “A Gazeta” - Gazeta nos bairros, 19/01/2006, p. 54).

³⁹ Em depoimento ao Jornal A Tribuna em 29/03/2007, publicada em 18/08/2007 – Cidades. p. 9.

⁴⁰ De acordo com esse autor, não há registros históricos sobre a Igreja de São Pedro; as anotações paroquiais realizadas pela Cúria de Vitória datam a partir dos anos 1970, portanto as informações sobre a igreja foram descritas pelos moradores da Praia do Suá.

⁴¹ Também de Portugal. A entrevistada Delorgilda Maio mantém a guarda da imagem, assim como, de uma história muito interessante sobre ela, condizente com a sua religiosidade.

da Enseada do Suá⁴². Para a celebração da liturgia, padres vinham de outras paróquias, sempre aos domingos.

Cansados do lugar pouco confortável e improvisado, os pescadores tomaram a iniciativa de construir um templo católico. O local escolhido foi o terreno de João Baptista Parra (atualmente nome de uma avenida), localizado na esquina das ruas Neves Armond e General Câmara, onde havia um pequeno sobrado que foi demolido.

A comunidade então se uniu para arrecadar fundos para a construção da igreja São Pedro, conforme relatou Amélia Maio Rodrigues⁴³, em entrevista à Mattedi (2002, p. 35). Era arrecadado dinheiro da festa de São Pedro, na qual a “colônia participava ativamente”.

O pescador José Pedro em entrevista à Mattedi (2002, p. 35), disse que “cada casa de pescador tinha uma espécie de cofrinho, e ali depositavam suas moedas”. Todo o final de mês se recolhia o dinheiro, história confirmada pelo morador Moacyr Reis, que relatou “cada barco tinha um mealheiro onde se colocava uns trocadinhos, era um tipo de dízimo, os pescadores de fora, principalmente os cariocas, também ajudavam quando vinham para essas bandas”.

Em entrevista, o morador Moacyr Reis relatou à Mattedi (2002, p. 36) “trabalhávamos na festa do padroeiro para se fazer a igreja; aquele templo não foi feito por padres, mas pelos pescadores do bairro; o dinheiro era guardado por gente séria, por isso não havia desconfiança”.

Devido ao esforço e dedicação dos moradores, no ano de 1937 a capela foi inaugurada, mesmo não estando totalmente acabada – tinha bancos, confessionário e, até um mezanino interno.

Aos domingos, a comunidade se enchia de orgulho quando ouvia o sino da igreja tocar chamando para a missa, pois para a celebração da liturgia, vinham padres de outras paróquias. A moradora Amélia disse para Mattedi (2002, p. 36), que “era um badalar lindo, que enchia a todos de prazer ou de dever cumprido com o

⁴² Fonte: Mattedi, 2002, p. 35-36 passim.

⁴³ Na época com 71 anos, filha do pescador português David Maio.

padroeiro”. Há pouco tempo “o sino voltou a tocar”, desta feita com a utilização da tecnologia, que substituiu o badalar do sino por toque musical.

Ao longo dos anos, a igreja passou por uma série de reformas – o prédio teve que ser ampliado e modernizado para atender aos frequentadores, o que, na opinião de Mattedi (2002, p. 36), contribuiu para uma descaracterização do “aspecto de igreja”.

No ano de 1975, o arcebispo Dom João Baptista da Motta e Albuquerque criou a Paróquia de São Pedro da Praia do Suá, que funciona no mesmo lugar onde foi construído o primeiro templo.

Se contrapondo à religiosidade, existiu na Praia do Suá, nos anos 30⁴⁴, uma zona de prostituição, chamada pelos moradores de “Beco do Formigueiro”, que de acordo com Mattedi, (2002, p. 16), era um núcleo de “mulheres da vida” [grifos do autor], que dentre os entrevistados por esse autor, “ninguém soube informar de onde vieram”. O local ficava próximo à prainha, na rua, que hoje é denominada de Professor Sarmento.

Segundo Mattedi (2002, p. 16),

À noite, a zona se transformava. Mulheres nas portas das casinhas à espera dos clientes, e forasteiros apressados circulando entre os barracos. Ali funcionava uma espécie de boate, única na área [...]. O lugar era tão popular que atraía homens de outros bairros, de todo tipo ou farda.

Em entrevista à Mattedi (2002), a moradora Maria Eleonor (atualmente falecida)⁴⁵, disse que não era raro haver brigas no lugar. Esse autor relata que o “Formigueiro” tinha algum conceito positivo, “a casa, de tão famosa, chegou a receber alguns ilustres da MPB [música popular brasileira]”, e que a moradora Maria Eleonor disse também a ele que “um dia, a Emilinha Borba foi cantar na boate; eu estava doida para ver a Emilinha, mas papai não deixou; os pais não deixavam a gente entrar ou passar em frente ao Formigueiro, era pecado”.

⁴⁴ Fonte: Mattedi, 2002, p. 16-17, passim.

⁴⁵ Na época com 66 anos e presidente da Associação de Moradores.

Nos anos 40⁴⁶, “na Rua General Câmara, a poucos metros da Avenida Leitão da Silva, passou a funcionar outro prostíbulo, a Casa da Alagoana. A proprietária, natural das Alagoas (daí o apelido), era uma mulher gorda, de baixa estatura. De acordo com o morador Moacyr Reis em entrevista à Mattedi (2002), “não havia escândalos e brigas naquela casa, que apenas recebia casais; a Alagoana impunha respeito”. De acordo com Mattedi (2002, p. 17), “os setores” de prostituição findaram na década de 1950.

No final dos anos de 1950 e início dos anos de 1960 com a iniciativa da colônia foi construído o Hospital dos Pescadores, denominado de São Pedro (Fotografia 8), em homenagem ao santo padroeiro dos pescadores, cuja representação aparece no topo do prédio.

É no Hospital São Pedro [...] que fica o principal símbolo da Praia do Suá: a estátua do padroeiro do bairro, São Pedro. Lá no alto, na esquina do edifício de quatro andares que tem a forma de um “V”, o santo pescador puxa sobre seu ombro uma rede de pesca, e olha firme em direção daquilo que um dia foi o mar do Suá. O mar já não está lá, mas sua posição ereta continua majestosa [...]. (MATTEDI, 2002, p. 38).

O formato do hospital em “V” deve-se ao significado da construção - um navio ou um grande barco, com um pescador, que lançava a sua rede ao mar. Segundo Faris (1992), o monumento (a estátua),

É constituído de concreto, representa a figura do apóstolo São Pedro, padroeiro dos pescadores. Apresenta-se com suas vestimentas típicas da época, tendo às suas costas, o seu principal instrumento de trabalho, a rede de pesca e localiza-se sobre o alto da fachada principal do Hospital São Pedro, na Praia do Suá.

De acordo com Mattedi (2002, p. 38) “são quase três metros de altura de uma estátua esquecida, cujo pedestal do prédio também parece ter saído da lembrança de todos” e “ninguém no bairro soube informar quem foi o escultor de tal obra e o ano em ela ocupou tal honraria”. O hospital foi doado⁴⁷ pelo Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira à colônia de pescadores da Praia do Suá.

Segundo Mattedi (2002, p. 38),

O idealizador do hospital foi o Dr. Guedes Júnior. Com recursos federais, ele conseguiu levantar o prédio que serviria para atender a comunidade

⁴⁶ Ibid, p. 17.

⁴⁷ Fonte: Jornal A Gazeta, 15/12/1992, p. 12.

pesqueira do Suá, sob a administração e posse da Colônia de Pescadores, da qual era o presidente na ocasião. A inauguração ocorreu em 1959.



Fotografia 8 - O Hospital São Pedro (1960).
Fonte: Acervo do IJSN

Em entrevista à Mattedi (2002), Delorgilda Maio contou que o “Dr. Guedes tinha muito ciúme da estátua de São Pedro. Quando ele via um urubu pousar nela, ele dava um tiro de espingarda para o alto para afugentar o bicho. Por causa disso, deram até parte dele na polícia”.

Em entrevista à autora desse estudo, essa moradora relatou:

Eu vi quando o Hospital São Pedro foi fundado, quando foi posta a pedra fundamental; tinha um quadro (representando figuras de pescadores) muito bonito lá dentro, pintado por Álvaro Conde, e então, o que fizeram? Quando foram fazer a reforma do hospital destruíram a pintura. Eu tive um filho no Hospital São Pedro no ano de 1960, foi o único parto realizado lá. “É homem, então o nome dele é Pedro”, disse o médico.

Em entrevista à autora desse estudo, Sylvio de Jesus Pazzini, pescador aposentado, declarou “a gente dormia com as janelas abertas e no calor eu e meus amigos ficávamos sentados e até deitados, nas portas do Hospital São Pedro conversando até tarde da noite”.

Em 1967, o Hospital São Pedro teve instalado em suas dependências o Departamento de Cirurgia da Universidade do Espírito Santo⁴⁸. No ano de 1974 foi arrendado por 99 anos⁴⁹ ao Instituto Nacional de Previdência Social - Inamps e transformado em um centro de reabilitação, e a justificativa dada pelo tesoureiro da Colônia, Carlos Eduardo Reis, em entrevista à Mattedi (2002, p. 38), foi que, “por falta de verba, a diretoria da colônia da época achou melhor arrendar o hospital”.

Em entrevista à Mattedi (2002, p. 38) Delorgilda Maio disse se lembrar que “no saguão do edifício havia uma enorme paisagem marinha⁵⁰, [confeccionada pelo pintor] Álvaro Conde e que anos depois, essa imagem foi apagada quando o hospital passou às mãos do antigo Inamps [...]”.

Entre as tradições da Praia do Suá, também fazem parte, restaurantes especializados em frutos do mar, tal qual, o Restaurante Sara Diniz, de propriedade do pescador português, Álvaro Diniz e sua esposa “Sara”, que recebia figuras ilustres da televisão e política em seu recinto. A sua localização era à Rua São Sebastião. Esse restaurante foi desativado.

Outro restaurante de mesma especialidade é o Restaurante São Pedro, fundado em 1952, que também recebia figuras ilustres da televisão e política em seu recinto, localizado na Avenida Ferreira Coelho, que, de acordo com Mattedi (2002, p. 33), “era uma pequena casa com apenas cinco mesas”.

Segundo Mattedi (2002, p. 22 e 33) “os restaurantes São Pedro e Sara Diniz, especializados em frutos do mar, foram consagrados como os melhores da ilha” e que em termos de culinária de frutos do mar e apesar de não ter a fama de antes

⁴⁸ Fonte: Revista Capixaba, agosto de 1967, p.88-90.

⁴⁹ Fonte: Jornal A Gazeta, 15/12/1992, p. 12.

⁵⁰ Pescadores puxando uma rede, segundo alguns moradores.

devido ao crescimento da cidade “[...], o Restaurante São Pedro⁵¹ continua sendo uma referência capixaba e ainda é ponto de reuniões políticas”.

b) O incremento do comércio

Da história da Praia do Suá também constam participações de agentes produtores, advindos da imigração, que não só os portugueses. Outros imigrantes vieram para o lugar e também produziram uma paisagem, acrescentando elementos à história em produção, cujas marcas, ainda são encontradas no bairro.

A Avenida Cézar⁵² Hilal e adjacências têm uma história curiosa, pois se houvesse sido executado na íntegra o Plano urbano⁵³, direcionado ao lugar, nos anos de 1950, poderia a história da Praia do Suá ser contada de maneira diferente, a partir dessa

⁵¹ Fonte: Jornal “A Gazeta”- 15/12/1992, p. 12. Em entrevista ao jornal mencionado, Ruth Alves da Silva, filha do empresário Hercílio Alves da Silva (fundador do restaurante) relatou que “a história começou com seu pai, quando teve a idéia de fazer um restaurante que servisse prato-feito, na época em que começaram a fazer a Avenida Beira-Mar” - atual Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes. De acordo com o relato, o restaurante foi pensado para proporcionar alimentação para os construtores dessa avenida. Segundo a reportagem, “era servida uma vitela ensopada com legumes, até que um dia o cliente Délio Grijó de Azevedo perguntou a mãe de Ruth (Almerinda), se poderiam fazer uma moqueca”. O que foi aceito por ela, com a ressalva de que não poderia ser nos dias de movimento. Sendo assim, ficou combinado da moqueca ser feita no sábado. Ela preparou uma moqueca de “Papa-terra”, que foi um sucesso, iniciando assim, o serviço de moquecas no restaurante. Os próprios clientes foram saboreando a moqueca e fazendo propaganda e, assim, todas as autoridades e artistas que visitavam Vitória passavam pelo restaurante, que em decorrência do movimento foi ampliado. De acordo com a reportagem, o restaurante recebeu ao longo do tempo, personalidades “do mundo” político e artístico, tais como: governadores da Guanabara e de São Paulo (Carlos Lacerda e Ademar de Barros), entre outros políticos, como, Ulysses Guimarães e Lula; cantores e compositores famosos: Nelson Gonçalves, Altermar Dutra, Ataulfo Alves, Ari Barroso, Jamelão, Clara Nunes, Milionário e Zé Rico (dupla sertaneja); grupos como: Ultraje a Rigor, Titãs, Engenheiros do Havaí; vários artistas, entre eles: Chico Anísio, Moacir Franco e Os Trapalhões e também o escritor Dias Gomes. O restaurante possui uma coleção de autógrafos, fotos e dedicatórias que consta como, por exemplo, a dedicatória do cantor Luiz Gonzaga, “Viva São Pedro, o pescador das escrituras”, e a do cartunista Ziraldo, “a alegria já começa pelo cheirinho bom”. Conforme a reportagem, a empresária Ruth começou a gerenciar o restaurante, após a morte de seus pais. Após um período de decadência, que foi superado em 2002, foi realizada uma nova reforma no restaurante, preservando suas características, continuando a receber políticos e artistas famosos. Nessa entrevista, Ruth disse que “foi papai quem inventou junto com um serralheiro, o suporte de ferro que é utilizado pelos restaurantes especializados em moquecas, do estado” e declarou que da época da fundação até 20 anos atrás, a sua mãe cozinhava num fogão feito com pó de serra e que há 40 anos a moqueca é servida na panela de barro e trazida à mesa numa bandeja. Na opinião de Mattedi (2002, p. 33), “se a moqueca capixaba hoje é famosa em todo o país, é graças também – ou muito – às mãos mágicas de dona Almerinda, esposa de Ercílio Alves, fundadores do restaurante e já falecidos”.

⁵² Esse nome foi encontrado escrito de várias maneiras (s,z) e ora com acento, ora sem acento (inclusive nos documentos oficiais).

⁵³ Pela Imobiliária Família Hilal Ltda, composta de imigrantes sírios, cujo Plano foi aprovado pela Prefeitura Municipal de Vitória – Decreto-Lei 1.820, de 28/11/1949 – Fonte: Revista Vida Capixaba. Julho de 1954, n. 649 – junho de 1955, n. 669, p. 31-a, 31-b, 36 – Acervo da Biblioteca Pública Estadual.

época, desta feita, com a participação de imigrantes sírios, que também deixaram resíduos de sua produção no lugar, como descortinaremos a seguir.

Segundo os irmãos Hilal disseram⁵⁴ em relação à área contígua onde foi construída a Avenida Cézar Hilal, eles iriam “[...] transformar um local dantes coberto de lama numa área cem por cento majestosa [sic] e com prédios dignos de figurarem até numa avenida atlântica [...]”. De acordo com o mencionado na reportagem por um professor de nome Ari⁵⁵, o objetivo era a construção, “nada mais, nada menos do que uma pequena cidade autônoma dentro desta capitania”. O plano conforme detalhado nas revistas previa,

[...]a construção por excelência de um grande e moderno mercado com instalações de boxes para padarias, mercearias, quitandas, etc., de um luxuoso hotel [...], com ar condicionado, igreja, colégio, jardim, playground, casa de saúde, posto de lavagem e lubrificação, afora os inúmeros edifícios de apartamentos residenciais, dos quais, muitos já estão prontos e até habitados ocupando uma área de 56 mil metros quadrados [...].

Em outro contexto, não mais no do “Novo Arrabalde”, explicitamos a seguir (Figura 5) a maquete do conjunto imobiliário, parte de um plano bem arrojado para a época, proveniente da iniciativa privada, apoiada pela pública.

Esse plano, se totalmente concretizado, ocuparia uma grande dimensão da Praia do Suá. A área ocupada pelas construções, de acordo com a imagem, se estenderia por grande parte da Avenida Leitão da Silva, de um lado e de outro, ocuparia ainda, parte do que atualmente a Prefeitura de Vitória reconhece como bairro Bento Ferreira, se prolongando até parte do que atualmente se reconhece administrativamente como bairro Santa Lucia.

A visualização, fora o destaque da paisagem natural, “imposta” pelo chamado Morro de Bento Ferreira, na época, é de uma paisagem urbana, constando de imóveis com formatos verticais (até três pavimentos), vias, arborização e outros objetos, (mencionados anteriormente), assim descrita

Maquete do majestoso conjunto imobiliário⁵⁶, uma pequena cidade, [...] construção de um bairro em linhas moderníssimas, autônomo e confortável dotado de: prédios de apartamentos residenciais; prédios de apartamentos

⁵⁴ Fonte: Revista Capichaba, n. 649, de julho de 1954.

⁵⁵ Fonte: Revista Capichaba, n. 669, de junho de 1955, p. 31-A.

⁵⁶ Planejada pelo engenheiro José Alves Braga com Plano do arquiteto Décio Tevenard. Fonte: Revista Vida Capichaba, julho de 1954, n. 649.

pequenos para solteiro; prédios comerciais para lojas e escritórios, igreja, cinema, play-ground para os brinquedos infantis, um grande luxuoso hotel dotado de restaurante, colégio moderno, garagem coletiva, cinema com ar condicionado e aparelhagem ultramoderna, mercado com serventia para açougue, padaria, armazém, mercearia, casa de saúde moderna e confortável.

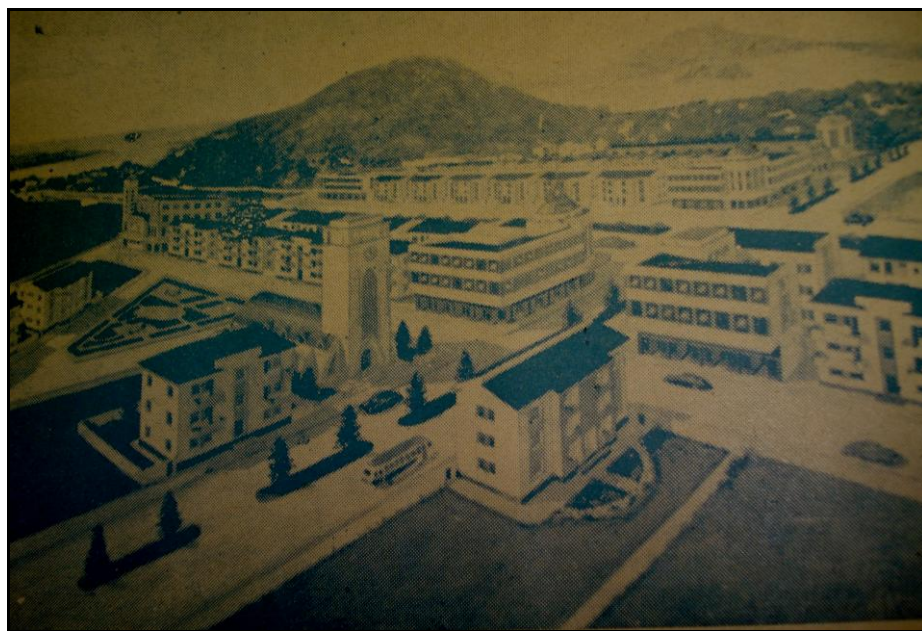


Figura 5 – Maquete do conjunto imobiliário Hilal [194-?].

Fonte: Acervo da Biblioteca Estadual.

Na próxima imagem (Fotografia 9) visualiza-se uma particularidade dessa maquete – um edifício de grande porte em construção e sete prédios prontos na Avenida César Hilal, que também estava sendo construída, na qual é possível ver homens trabalhando na execução do plano urbano.

A construção desse prédio previa em seu planejamento a instalação,

[...], em suas dependências superiores do 1º, 2º e 3º andares, a escritórios, laboratórios, consultórios e provavelmente, em uma de suas salas dependências inferiores, térreas, a algumas lojas, a um ótimo e bem montado restaurante (na parte lateral), a uma moderna sorveteria (na esquina) em finalmente a uma luxuosa casa de chá ou confeitaria, que ocupará, de um extremo a outro, toda a frente do prédio, em cuja área externa serão localizadas 20 e tantos guarda-sol [...] (REVISTA VIDA CAPICHABA, n. 669, 1955, p. 31-A).



Fotografia 9 – A obra da família Hilal [195-].

Fonte: Acervo da Biblioteca Pública Estadual.

O edifício denominado atualmente de São Jorge (Fotografia 9), que se refere no presente, à Fotografia 10, com uma forma arquitetônica cujo desenho acompanha uma esquina, já teve instalado em seu andar térreo um bar e uma boate, esses na frente do prédio com acesso para a Avenida César Hilal e uma sorveteria (Kiskina) e, mais recentemente uma papelaria, no seu contorno com acesso para a Avenida Ferreira Coelho.

Atualmente, em substituição, há na extensão de seu andar térreo, uma loja de filtros de água, um restaurante, uma farmácia, um caldo de cana, uma loja de cosméticos e uma copiadora. Nos andares superiores durante muito tempo funcionou a Escola pública Colatina Mascarenhas, o Instituto Jones dos Santos Neves e atualmente a Faculdade Saberes.



Fotografia 10 – Edifício São Jorge (2010).
Fonte: Trabalho de campo.

Devido ao exposto, inferimos que essa produção advinda dos imigrantes Sírios incrementou o pequeno comércio⁵⁷ que havia na Praia do Suá, a partir daquela época, trazendo uma mudança estrutural e funcional na Vila de Pescadores.

A Fotografia 11, parte do plano exposto na Fotografia 9, mostra mais uma construção arquitetônica da Imobiliária Hilal, o centro comercial 4 irmãos⁵⁸, que já existia nos primeiros anos de 1970, que abrigou várias atividades comerciais, entre elas, o Supermercados Santa Martha, que depois foi denominado Supermercados Coutinho, depois mudou novamente de nome para Supermercados Extrabom. Atualmente esse centro comercial abriga variados pontos de comércio, além do supermercado.

⁵⁷ Nos anos de 1960, já havia um comércio de bairro na Praia do Suá com pequenos estabelecimentos, que chamavam de “vendas” – secos e molhados, como a do Sr. Adilson, do Sr. Barrinhas, do Sr. Andrade, do Sr. Almir - que vendia hortaliças, temperos e verduras; tinha o “bar da dona Emília”, que vendia picolés e doces e possuía “um jogo de totó”. Além das vendas existiam ainda, na vila, botecos e bares - como o bar do David (ainda existe), do Josmar, do Sr. Murilo, do Jessé e outros, cuja localização é justificada pela clientela, os pescadores. O sapateiro também se fazia presente no lugar, como até pouco tempo, o Sr. Antônio exercia essa profissão no bairro, apesar de nunca ter morado na Praia do Suá.

⁵⁸ O nome dos quatro irmãos sírios era: Sami, Munir, Aref e Jaudat. O Cezar Hilal, integrante dessa família faleceu em data anterior ao plano, no ano de 1938. Em 8/9/1951, segundo a notícia na revista, ele completava 13 anos de falecimento, naquele ano. De acordo com o exposto em algumas edições dessa revista, essa família saía sempre nas colunas sociais elogiando os governantes da época (gratos à acolhida), com os quais pareciam manter um bom relacionamento.



Fotografia 11 – Centro Comercial 4 irmãos (2010).
Fonte: Trabalho de campo.

Havendo recorrido sobre a construção da paisagem da Praia do Suá e da identidade pesqueira do lugar – pelo projeto do “Novo Arrabalde” e imigrantes portugueses e incremento do comércio pelos imigrantes sírios, é importante destacar que na opinião de Mattedi (2002, p. 21),

O Suá começou a perder parte de suas características, físicas e provincianas, a partir dos anos 50, com a chegada do tal “progresso”. No governo Jones dos Santos Neves (1951-1954) foi iniciado o aterro do manguezal⁵⁹ de Bento Ferreira, provocando sérios efeitos na colônia. Um deles foi quando escavadeiras e tratores rumaram para o Morro da Garrafa, depois que as terras extraídas dos montes na área de Bento Ferreira apresentaram escassez. Por sorte, as pedras logo afloraram e as máquinas foram levadas para a exploração da Ponta Formosa. Contudo, não deixou de causar estragos na topografia do Garrafa.

O processo mencionado, não impediu a ocupação do morro, talvez tenha até facilitado o acesso ao lugar. Em relação ao morro, segundo Mattedi (2002, p. 23), “começou a ser ocupado, na parte sul-leste, de baixo para cima, a partir da beirada da maré, do final dos anos 50 até o início dos anos 1970. Abrigou, principalmente, parentes de pescadores e migrantes do interior capixaba”.

Nessa produção em processo, outro plano urbano, “Aterramento da Praia do Suá”, foi elaborado no século XX e executado nos anos de 1970, utilizando também aterros e atingindo a Praia do Suá. Esse plano objetivava, entre outros aspectos, a

⁵⁹ Pode ser visualizado na Fotografia aérea 1, pág. 67.

descentralização⁶⁰ das atividades do centro da cidade de Vitória, o qual, ao ser posto em prática, promoveu alterações irreversíveis na Praia do Suá, a serem demonstradas no prosseguimento do estudo.

É importante salientar que o próximo item, assim como o anterior, não foi construído visando analisar os planejamentos/projetos/planos urbanos, o que não é objetivo desse estudo, mas analisar a produção da paisagem advinda do processo de (re) produção do espaço urbano de Vitória, cujos reflexos foram perceptíveis na Praia do Suá. Sendo assim, reproduzimos as informações coletadas em documentos e estudos, as quais se reportam à produção da cidade.

3.2.2 O aterro e as transformações na Praia do Suá: O plano de “Aterramento”⁶¹

Os anos de 1960 marcaram o período de transição quando a indústria começa a despontar como alternativa para a diversificação econômica do Estado. O êxodo rural ocasionado pela erradicação dos cafezais, a intensificação das atividades de centro-administrativo, portuário e de prestação de serviços mais a atividade industrial iniciada nesta mesma época por intermédio da implantação dos Grandes Projetos⁶², proporcionaram a Vitória um expressivo crescimento urbano⁶³.

Os contextos mencionados propiciaram a atração de uma grande massa populacional para a cidade, que buscava oportunidades de trabalho e moradia.

O centro da cidade foi ocupado por atividades informais nos espaços livres (praças e ruas), ficando confuso e comprometido em sua organização. A elite passou então a procurar locais mais afastados para morar, como a região das praias, e a população

⁶⁰ Descentralização foi a palavra utilizada no Plano de aterramento.

⁶¹ Esse item foi construído utilizando como uma das fontes de pesquisa: Grande Vitória. Plano de Estruturação do Espaço. Revista Fundação Jones dos Santos Neves. Vitória. v.2, n.2, p. 5-7, 1979.

⁶² Instalação de projetos industriais de grande porte, através da entrada do capital nacional, internacional e estatal federal na Grande Vitória, que se propunham a mudar a escala da economia local, nas décadas 1960 e 1970.

⁶³ Pela vinda de grandes indústrias para o território capixaba - Vale do Rio Doce, Aracruz Celulose, Samarco e outras.

de classe mais baixa que não conseguiu se alocar em Vitória procurou municípios vizinhos ou os morros para morar.

Esses fatores contribuíram para uma retomada no processo de reprodução do espaço urbano. Vários planos foram elaborados pelos governantes com a finalidade de urbanizar a cidade.

Em 1967, por meio de uma iniciativa conjunta entre as prefeituras da Grande Vitória⁶⁴ foi assinado um convênio criando a Comissão de Plano Integrado da Grande Vitória - COPI. Para compor essa comissão, foi escolhida uma equipe interdisciplinar.⁶⁵

Naquele ano, o governo do estado procurou estabelecer uma política de plano físico-territorial para o Espírito Santo. Nesse contexto é que foi criada a Companhia de Desenvolvimento Urbano Sociedade Anônima - Comdusa⁶⁶ em 28/08/1969.

Um escritório de planejamento ficou com a tarefa de organizar informações coletadas pela Comdusa e COPI, no sentido de formular um Plano de Desenvolvimento Integrado⁶⁷ para a Grande Vitória, bem detalhado e tendo como proposta o desenvolvimento da Grande Vitória, procurando evitar o inchamento urbano e favorecendo a ocupação dos espaços vazios.

No contexto desse plano é que “as ilhas do Boi e do Frade e o aterro da Praia do Suá foram incorporados à trama urbana” (PMV, 1984), porém, ao ser concluído em fevereiro de 1971, esse planejamento já estava defasado, sendo acompanhado pelas primeiras gestões dos “Grandes Projetos”.

⁶⁴ Sob o controle do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), órgão extinto, e com o trabalho de regionalização preparado pelo Conselho Nacional de Geografia.

⁶⁵ Com o objetivo de elaborar um plano de desenvolvimento integrado para resolução conjunta de problemas gerados pela desenfredda expansão populacional, verificada nessa região a partir da década de 60.

⁶⁶ Para estabelecer as normas e diretrizes do plano territorial do estado e fornecer subsídios necessários à elaboração de leis sobre o uso e ocupação do solo urbano, realizar projetos de urbanização na Ilha do Príncipe e nas praias (do Suá, Santa Helena e Comprida), assim como, estudos e pesquisas necessárias à elaboração e execução de um plano diretor da área da Grande Vitória e outras atividades.

⁶⁷ De forma a promover a coesão dos vários projetos setoriais em andamento, tais como a ampliação do complexo portuário, a instalação de um distrito industrial, o abastecimento de água e saneamento, a urbanização de áreas conquistadas ao mar e outros que propiciassem um instrumento de planejamento e ordenação indispensáveis a um desenvolvimento harmonioso.

Em 1976 foi concluído o “Plano de Estruturação do Espaço - PEE⁶⁸”, cuja proposta era um modelo de organização espacial para a região da Grande Vitória, em decorrência do intenso fluxo migratório registrado em direção a essa região, nas décadas de 1950 a 1970, e da mudança na escala de investimentos federais nessa área, em função dos “Grandes Projetos”.

Para avaliar o impacto econômico desses projetos na estrutura espacial da Grande Vitória foi elaborado um estudo pelo Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo – Bandes, por um grupo de trabalho e se chamava Programa de Reaparelhamento Estrutural - PRE⁶⁹.

Para propor uma nova forma de expansão da aglomeração urbana foi também, criado um plano, com base nas informações coletadas pela COPI. Os Planos Diretores Urbanos (PDU's), e várias outras modificações pelas quais passou a cidade de Vitória são oriundos do Plano de Estruturação do Espaço.

Nesses contextos é que no governo de Arthur Carlos Gerhardt Santos, foi executado um projeto de Aterramento⁷⁰ na baía de Vitória, até então, um dos limites da Praia do Suá, no qual foi criado, posteriormente, o bairro Enseada do Suá.

Assim é que nova produção foi vislumbrada na Praia do Suá, a partir dos anos de 1970, ocasionada por outro grande plano, “O Aterramento da Praia do Suá”⁷¹, conforme demonstrado na Fotografia aérea 2 (Figura 6).

⁶⁸ Elaborado por um grupo criado pelo governo do Estado, integrado por Arlindo Villaschi Filho, Antônio Luiz Borjaille e outros.

⁶⁹ Que buscava um desenvolvimento da infra e superestrutura para os anos seguintes e que, com a criação da Secretaria de Plano, serviria de base à elaboração do Plano de Estruturação do Espaço da Grande Vitória.

⁷⁰ Iniciado no ano de 1972, pela Comdusa, conforme o Relatório da Comdusa (Acervo do IJSN).

⁷¹ De acordo com Oliveira (2007, p. 57) “o plano do aterro do Suá (assim foi chamado inicialmente), foi elaborado no início da década de 1971 e as obras do aterro tiveram início em 1971”, o que discorda Klug (2009, p. 54), quando diz que foi a partir de 1975. A data de sua conclusão, também é contraditória, já que para Oliveira (2007, p. 60) foi concluído no ano de 1977 e de acordo com o visualizado na Fotografia aérea 3, no ano de 1976, o aterro parece estar concluído.



Figura 6 - Fotografia aérea 2 - Aterro da Paia do Suá (1976).

Fonte: Acervo do antigo IDAF

Organização: Souza, Lucia Helena Pazzini de (2001).

A respeito desse planejamento, Mattedi (2002) disse que

O primeiro aterro⁷² não levou do bairro sua principal característica: terra de pescador. A prainha, rasa e de fundo enlameado, continuou lá, mesmo já sofrendo os efeitos dos aterros em outras bandas. Os barcos ainda enfeitavam a orla do lugar, e os marujos permaneciam ali, tostados de sol e cheirando à maresia, tudo como antes. Mas o areal foi avançando, por ordem dos governantes, como um dos remédios para atender ao crescimento de Vitória numa época em que o país vivia o chamado “milagre econômico”.

Destarte, conforme descrito no plano de aterramento, o aterro do mar que limitava a Praia do Suá foi iniciado no ano de 1972. Com o aterramento e a criação de outro bairro sobre o aterro, nova paisagem e novas configurações espaciais surgiram na Praia do Suá.

De acordo com a síntese do plano de aterramento, o objetivo “era a conquista ao mar de uma área com aproximadamente 1.300.000 metros quadrados”. O processo de aterro hidráulico foi considerado o mais adequado - por ser mais econômico e indicado no caso, já que a área possuía pequena profundidade evidenciada pelo fato de o fundo se tornar visível na fase de baixa-mar.

⁷² Mattedi (2002) se refere ao manguezal de Bento Ferreira, um dos entornos da Praia do Suá.

Várias justificativas foram apresentadas como finalidades desse planejamento - criação de área para ocupação residencial; urbanização da região do Suá; possibilidade de criação de atividades comerciais e de prestação de serviços na região, deslocando-as do confuso e congestionado centro de Vitória; criação de uma extensa praia e avenida litorânea para uso da coletividade geral; melhoramento do trânsito de veículos, entre outros, que “com isso mudou radicalmente o uso do espaço, bem como a função do “lugar” [grifos da autora] na metrópole” (CARLOS, 201, p. 207).

O plano também previa que, da área total utilizada, somente 48,4% seria para ocupação por meio de edificações e que ao serem consideradas, as taxas de uso permitidas, tal percentagem reduziria para menos de 23%, o que se constata que não foi cumprido, face às alterações que ocorreram nele.

Em relação ao aterro da Praia do Suá, Mattedi (2002, p. 22-23), comenta que,

A Revista Capixaba, em sua edição nº 17, de 1968, traz uma matéria assinada por Paulo Bonino com o seguinte título: Revolução Urbanística em Vitória. Diz o texto: “O Governo vai fazer um enrocamento partindo logo depois do Clube Álvares Cabral até as ilhas do Papagaio, do Sururu, do Bode e do Boi. Uma avenida moderna e ampla será plantada na beira do enrocamento, a exemplo e como continuação da Beira Mar. Passará pela Praia do Suá, onde uma grande área será recuperada e urbanizada, continuará [...]. Em frente à atual Praia do Suá, na área fronteira ao Hospital dos Pescadores, será conseguida uma área enorme, capaz de comportar um excelente plano de urbanização”. Tudo isso virou realidade no início da década de 1970, no governo de Arthur Carlos Gerhardt Santos, através da Condusa [...].

Nesses contextos é que foi produzido o aterro e posteriormente, o bairro Enseada do Suá, o nosso próximo assunto.

3.2.2.1 *A produção da Enseada do Suá*

Segundo Carvalho & Rothschaedl (1994), no plano inicial da Enseada do Suá, esta constava como sendo uma área de expansão residencial com apenas uma região de pequeno comércio. Seria construída para descentralizar o centro, mas com características principalmente residenciais. O comércio e serviços que ali existiriam seriam para atender as proximidades.

Pelo exposto, inferimos que o plano inicial parece não ter sido de um “novo bairro”, como mencionam as autoras Carvalho & Rothschaedl, e sim da expansão de um já existente, o Praia do Suá, conforme o entendimento no texto a seguir explicitado⁷³,

O Plano urbanístico denominado Praia do Suá consiste no aproveitamento orientado de áreas de baixios situadas ao longo da costa da ilha de Vitória, margeando a Praia do Suá e a do Canto e tendo como limites exteriores o conjunto de ilhas que lhes são fronteiras.

De acordo com Carvalho & Rothschaedl (1994), o plano foi alterado devido a mudanças na presidência da Comdusa. A localização da Terceira Ponte no aterro também contribuiu para mudanças no plano de aterramento, pois, a partir da construção desse empreendimento, o local não foi visto mais simplesmente como área para expansão residencial e sim, para exploração comercial e serviços locais, tendo-se também a intenção de considerá-lo no futuro como um possível novo centro de Vitória.

Em meio às mudanças no plano original, terrenos foram vendidos e residências foram construídas no aterramento, sem que ainda, o “bairro” tivesse um nome definido, segundo publicação na época⁷⁴, denominado pelos moradores de “Finalzinho da Praia do Suá” que era “bairro de classe média-alta e alvo de valorização imobiliária”. Algumas particularidades do “novo bairro”, o jornal referenciado comentou na época, conforme se segue,

Até bem pouco tempo, a parte leste do aterro da Praia do Suá, nas imediações da inacabada Terceira Ponte, não passava de um grande terreno baldio. Nos últimos cinco anos, entretanto, a paisagem transformou-se totalmente, dando lugar a um bairro de classe média-alta. Nem mesmo a possibilidade futura de poluição sonora, provocada pelo tráfego na Terceira Ponte – cuja parte já construída corta o bairro ao meio – está afugentando os proprietários. Ao todo já existem 23 casas construídas, todas habitadas, outras dez em obras e vários lotes delimitados com piquetes ou murados. O metro quadrado do terreno está custando em média [...], com valorização ascendente – em 1979 estava em torno de [...]. As casas são todas em estilo colonial sofisticado ou moderno, pertencentes, na sua maioria, a médicos, engenheiros, advogados e funcionários graduados da CST. [...] o melhor lugar para se morar. Também pudera, o mar fica a menos de 500 metros das casas mais distantes, formando uma enseada particular, onde as crianças podem brincar sem correr o risco de serem atropeladas por carros ou bicicletas, além de prometer um bronzado permanente durante todo o ano e uma pescaria despreocupada à noite.

⁷³ Plano de urbanização da Praia do Suá - Julho de 1972 – Estudo de viabilidade – Comdusa – Acervo do IJSN.

⁷⁴ Fonte: Jornal A Tribuna (25/08/1982, p. 14) – Acervo do Instituto Jones dos Santos Neves.

O texto anterior menciona que em 1982 havia construções e moradores no local e de acordo com Abe (1997, p. 17),

A área permaneceu desocupada durante toda a década de 1980, aguardando a retomada e o término das obras da Terceira ponte e na expectativa de definição do sistema de vias que lhes dariam acesso. Quando isso ocorreu, já na década de 1990, verificou-se um grande surto de obras, de edifícios residenciais, de escritório e de hospedagem. A empresa telefônica e o Banco do Brasil para lá transferiram suas operações, e diversos órgãos de planejamento e de desenvolvimento reservaram áreas.

O que leva a subtender que a área permaneceu naquela época, em grande parte desocupada e não totalmente, já que o texto do jornal “A Tribuna” refere-se a ocupações próximas a ponte em construção. Salientando que essa parte em processo de ocupação naquela época era mínima em comparação com a grande área aterrada.

A ex-moradora Neuzeli Diniz, 54 anos, filha de pescador português lembra-se do processo de produção da Enseada do Suá, com um pouco de saudosismo, embora reconheça o lado positivo da urbanização.

A construção do bairro Enseada do Suá que na verdade passou a existir depois do aterramento, para mim não veio significar muita coisa se levar em consideração minha vivência no lugar, como valorização de imóveis, deslocamentos, questões ambientais e outras coisas, pois depois que surgiu o bairro Enseada do Suá logo me mudei para outro bairro, não tendo oportunidade de conviver muito com essa mudança que refletiu claro, no bairro Praia do Suá, positivamente. Na Enseada do Suá se instala grandes empreendimentos, o que no passado não passava de uma vila de pescadores, habitado por portugueses e seus descendentes. Hoje onde há vários estacionamentos de veículos, muitos deles luxuosos, antes era ancoradouro de embarcações não tão luxuosas quantos aos iates dos que hoje moram ali. Onde hoje passamos em nossos carros e outros tipos de veículos de transporte terrestre, antes navegávamos por mar até chegar a Ilha do Boi ou a Ilha do Frade, lindo lembrar isso!

Em relação ao nome que deram a grande extensão aterrada, o ex-morador Luiz Carlos Souza Pazzini disse que

A construção do bairro Enseada para mim foi politicagem pura para favorecer alguns grandes de nossa sociedade. Por que não deixaram continuar o nome Praia do Suá como, Grande Praia do Suá? Com a divisão, a Enseada do Suá passou a ser bairro e a Praia do Suá simplesmente um lugarejo ou talvez uma pequena favela.

A ex-moradora Maria da Penha, 42 anos, nativa do lugar, também não viu com “bons olhos” a produção do novo bairro.

Com a construção do bairro Enseada do Suá, as pessoas perderam a tranquilidade [sic]. Antes, podíamos ter liberdade para observar as coisas boas e ruins da comunidade. Com a construção da Enseada também desenvolveu a economia. A Praia do Suá virou comércio. A Praia do Suá é o pessoal do morro (povo simples). Ficou só quem não tinha condições de mudar, só algumas famílias tradicionais. Eu gostava da Festa de São Pedro quando era realizada na Rua das peixarias, era legal. Agora tudo é na base da política. As famílias faziam a festa. As barraquinhas eram todas simples.

O morador e pescador aposentado Sylvio de Jesus Pazzini também questionou a nova denominação e deu mostras do conflito que se estabelece nas contradições do processo de produção do espaço urbano

Por que colocaram nome Enseada do Suá, se aqui era a Praia do Suá, não é a mesma coisa? Eu vejo a Enseada como um lugar para fazer eventos. Qual foi a importância da construção da Enseada do Suá? Para beneficiar eles mesmos – os construtores e empresários, não foi para a classe pobre que continuou nos morros. Melhorou só para eles, os ricos. O dinheiro fala mais alto, se eles cismarem fazer um negócio eles fazem. A Praia do Suá pode ter melhorado para eles. Você não vê pobre morando na Ilha do Boi, ou atrás do *shopping*. Como pode a marinha permitir que morem no mar? Tudo bem, os bancos ali facilitam a minha vida, benefício de um lado e malefício de outro.

O funcionário público Samildi Faustino, frequentador da Praia do Suá, disse que a “Enseada do Suá não é um bairro construído ao longo do tempo, ele foi montado a partir do aterro de parte da Praia do Suá e parte da Praia do Canto”.

Ao estabelecer uma analogia entre a Praia do Suá e a Enseada do Suá, o Antropólogo Osvaldo Martins de Oliveira disse que “existe um contraste entre uma vila de pescadores e um bairro de elite”.

As produções sobre o aterramento trouxeram outras modificações na estrutura da Praia do Suá. Uma delas foi a construção da Terceira Ponte, que modificou radicalmente o modo de vida dos moradores da Praia do Suá, tal qual se verificou na Operação Urbana Faria Lima, em São Paulo, como a autora menciona a seguir,

Essa “inovação” [grifos da autora], que mudou comportamentos, transformou a vida, inundou de carros antigas ruas calmas, mudou o passo das pessoas, trancou crianças em casa diante da televisão, redimensionou a articulação espaço público/espaço privado, impôs uma normatização da vida e uma nova inserção dos habitantes do bairro (CARLOS, 2001, p. 207).

Em relação às mudanças ocasionadas pela construção da Terceira Ponte, Escobar (1989, p. 19), diz que,

A expectativa da inauguração desta ponte incentivou uma corrida imobiliária aos locais mais próximos a ela [...], mas, também alguns setores comerciais

e prestadores de serviços receberam novos incentivos, após o início das obras da ponte. Alguns bancos, conjuntos de lojas ou centros comerciais, também apostaram na área mais próxima da ponte.

Para efeito de localização, a Praia do Suá era uma das áreas mais próximas da ponte e foi atrativa à especulação imobiliária, a ser demonstrado no decorrer do estudo. Sobre os impactos provenientes da ponte em funcionamento, Abe (1997, p. 17), aponta que,

Além do aterro da Enseada do Suá, o bairro mais diretamente afetado pela ponte seria o Santa Helena, situado junto à sua cabeceira. Num segundo plano, o bairro Praia do Suá, que fica na direção oeste, para onde se dirige o fluxo que demanda o centro histórico.

As consequências ocasionadas pela Terceira Ponte já eram previstas. Segundo Escobar (1989, p. 47), “a nova ligação entre Vitória e Vila Velha com acessos muito próximos às áreas residenciais e a eixos viários importantes, causará impactos na estrutura urbana destas áreas”.

Esta mesma autora disse também que a tendência era de haver falta de segurança para atravessar uma pequena rua dentro dos bairros próximos à Terceira Ponte, pois de acordo com a moradora Onorina “diminuíram o espaço que a gente passa e aumentaram o espaço para os carros passarem”. É o que acontece atualmente na Praia do Suá, estando comprometida a locomoção das pessoas no interior do bairro, como seguimento a uma propensão geral no espaço urbano.

Quanto ao exposto o frequentador Carlos Alberto Firmino se posiciona “a tendência da Praia do Suá, face à urbanização em seu entorno, é de se tornar um bairro com intenso trânsito por suas ruas, com muito barulho, poluição e ruas mal-iluminadas”, o que já não é tendência e sim, ocorrência, desde o funcionamento da Terceira Ponte e do Shopping Vitória, nos anos de 1990, movimento esse atualmente acentuado pelas produções nos outros entornos do bairro.

O fluxo de veículos, a população flutuante e a localização de empresas e comércio no bairro são atribuídos a construção do Shopping Vitória nas proximidades da Praia do Suá, que de acordo com Vargas (1982, apud ABE 1997, p. 17),

Contudo o mais expressivo e subversivo equipamento que naquela época se instalou na Enseada do Suá foi o Shopping Center Vitória, que passou a ser referência urbana regional, potencializou a taxa de acumulação do capital imobiliário e redirecionou a dinâmica de estruturação urbana, ao

alterar a forma de apropriação dos espaços destinados às atividades comerciais varejistas.

A propósito do mencionado pela autora, o Shopping Vitória centralizou o lazer, como por exemplo, os cinemas de Vitória e o comércio, que na Enseada do Suá é a maior e única representação, pois,

[...] ao lado dos espaços públicos, há, na metrópole, os espaços semipúblicos, que tendem a substituir o público, como os espaços comerciais, galerias, *shoppings centers*, por exemplo, onde os encontros, organizados e normatizados, são locais de exclusão. Têm horário de funcionamento, abrem e fecham, são vigiados, não são acessíveis a qualquer hora ou dia, nem a “qualquer um” [grifos da autora], contêm códigos e normas de uso [...] (CARLOS, 2001, p. 36).

Após breve análise do plano em pauta, chegou-se a conclusão que em relação aos desdobramentos dele, a construção da Terceira Ponte e do Shopping Vitória, uma dinâmica espacial, de forma acelerada ocorreu na ilha de Vitória, a partir dos anos de 1990, as quais produziram reflexos diferenciados na cidade, com grandes impactos, nas proximidades, inclusive, na Praia do Suá.

A Praia do Canto, por exemplo, que se originou do mesmo projeto urbano que a Praia do Suá e que também era margeada pela baía de Vitória foi um dos bairros que teve alterações significativas em sua estrutura decorrentes da intensa produção imobiliária em Vitória naquela época, tendo como consequência uma verticalização, em ritmo acelerado e progressivo, conforme Gomes (2009, pág. 16),

Constatamos que na Praia do Canto, a verticalização “nasceu” de forma representativa no início da década de 1970 com edifícios predominantes baixos (de no máximo cinco pavimentos), desenvolveu-se na década de 1980 (com a construção do maior número de edifícios na orla) e consolidou-se no período de 1990-2000 (com alguns edifícios chegando a ter mais de vinte pavimentos).

O que para esse estudo, diferencia a Praia do Suá da Praia do Canto, onde o mesmo processo produziu resultados diferentes, cujos reflexos do aterramento na Praia do Suá foram à intensificação do comércio, implantação dos serviços e alterações culturais e viárias no lugar.

a) O “Novo Arrabalde” e o “Aterramento da Praia do Suá”

Fazendo uma analogia entre o projeto do “Novo Arrabalde” e o plano de “Aterramento da Praia do Suá”, de acordo com Klug (2009, p. 56) “em uma primeira análise do plano de urbanização implantado na Enseada do Suá, percebe-se que o

mesmo não segue os princípios propostos por Saturnino de Brito na área do “Novo Arrabalde”.

No nosso entendimento, de certa maneira, o plano de urbanização referido concretizou algumas lacunas, abertas no projeto do “Novo Arrabalde” como, por exemplo, em relação a continuidade dos aterros, visando a expansão da capital, que nas palavras de Brito (1896, p. 58), “com efeito, não se trata só de aproveitar terrenos seccos [sic], e sim, ainda, de conquistar definitivamente ao mar uma certa área, até agora sob o domínio das altas marés”, e que na síntese do plano de aterramento⁷⁵, aquela urbanização teria como base também um aterro, “[...] a conquista ao mar de uma área com aproximadamente 1.300.000 metros quadrados”.

No tocante a área residencial, “não se trata de mudar o commercio da Victoria [sic], de fazer surgir, como por encanto, uma nova capital commercial: - trata-se, sim, de mudar as famílias para cerca de 4 kilomros [sic] de distancia, proporcionando-lhes todas as commodidades [sic] que jamais serão praticamente alcançadas na velha cidade (BRITO, 1896, p. 58), e no Plano de Aterramento da Praia do Suá, segundo Carvalho & Rothschaedl (1994), constava como sendo uma área de expansão residencial.

O planejamento do aterro da Praia do Suá foi atrativo para a especulação imobiliária, pois por ocasião do projeto do “Novo Arrabalde”, um mercado ainda estava em formação, que de acordo com o entendimento de Campos Júnior (1996), “por trás da atitude do governo não havia nenhum plano que pudesse favorecer interesses imobiliários na capital” e nem a instalação de indústrias na Grande Vitória, o que ocorreu nas décadas de 1960 a 1970, estando o “Novo Arrabalde” direcionado para o desenvolvimento comercial.

O referido plano foi orientado no sentido de promover, a partir da iniciativa do governo, uma nova organização do espaço em âmbito estadual, e tinha por finalidade motivar o desenvolvimento, através da atração e centralização espacial de capitais privados em Vitória, dirigidos pra o comércio (CAMPOS JÚNIOR, 1996, p. 138).

Essa produção na urbe ocasionou reflexos na Praia do Suá, pois, constatamos a partir daquela época, modificações em sua paisagem, em forma de mudanças estruturais e funcionais, a serem demonstradas nos seguimentos.

⁷⁵ Fonte: Acervo do Instituto Jones dos Santos Neves.

O próximo capítulo (inferências da pesquisa) foi construído visando demarcar a transição da Praia do Suá como Vila de pescadores e sua posterior inserção no espaço urbano, assim como, as implicações sócio-espaciais decorrentes desse processo.

Nesse sentido tentamos acompanhar ao longo do tempo a partir da gênese do bairro, os contextos histórico-geográficos e as produções realizadas pelos diversos agentes sociais – governo, moradores, iniciativa privada, promotores imobiliários, que ora sozinhos, ora coligados deixaram suas marcas em forma de paisagem no lugar.

A paisagem atual da Praia do Suá é derivada de elementos de diversas idades, cuja formação se deu em diferentes momentos históricos-geográficos, a serem analisados. A esse respeito, Carlos (2001, p. 30) diz que “ao recuar-se no tempo pode-se perceber que em cada época a relação sociedade-espaço é distinta”.

Assim, assuntos tratados até então foram resgatados de forma a fundamentar o próximo capítulo. Na construção das inferências foram trazidas também para o debate algumas teorias tratadas no decurso desse estudo, assim como imagens, as quais nos auxiliarão na análise da pesquisa.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este capítulo foi construído visando um entendimento de vários componentes, advindos da dinâmica do espaço, tratados nesse estudo. Salientamos sobre a importância de cada conceito, os quais não devem ser olhados individualmente, mas permeando as relações.

Nesse sentido, apesar de os separarmos com o objetivo de proporcionar uma melhor compreensão, esclarecemos que todos estão interligados. Ao tratar de paisagem, por exemplo, estamos falando de cultura, identidade, pertencimento, lugar, bairro, da construção da urbe pelos agentes sociais, modo de vida e outros. E sob este aspecto, concordamos com Lefebvre (2008, p. 52), quando diz

Se há uma produção da cidade, e das relações sociais na cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos por seres humanos, mais do que uma produção de objetos. A cidade tem uma história; ela é a obra de uma história, isto é, de pessoas, e de grupos bem determinados que realizam essa obra nas condições históricas.

Sendo assim, as pessoas nesse estudo aparecem enquanto indivíduos e sujeitos sociais, dotados de razão e emoção – estas, responsáveis pela produção do espaço geográfico, ou seja, o espaço de sua vivência e prática social.

As categorias paisagem, lugar, memória e bairro constituíram, junto com outros conceitos, o arcabouço do estudo, cuja finalidade foi de um entendimento amplo na visão de vários autores (dísparos inclusive), antes de adentrarmos na problemática, para posteriormente resgatarmos os pensamentos/óticas que mais se adequavam às nossas análises e reflexões.

Assim, a discussão sobre paisagem está pautada, principalmente, no pensamento de Milton Santos, Roberto Lobato Corrêa, Zeni Rosendahl, Angelo Serpa e Ana Fani Alessandri Carlos; a do lugar, principalmente, no pensamento de Yifu-Tuan, Milton Santos, Ana Fani Alessandri Carlos e Leonardo Boff; a de bairro, principalmente no pensamento de Marcelo Lopes de Souza, Ana Fani Alessandri Carlos, Angelo Serpa e Kevin Lynch; e a de memória utilizou o pensamento de vários autores, entre eles, Ecléa Bosi, Michel Pollak e Ana Lucy Oliveira Freire.

2.1 DEBATE CONCEITUAL¹: PAISAGEM, LUGAR, MEMÓRIA E BAIRRO

a) Paisagem

O termo paisagem (polissêmico) é largamente utilizado no senso comum para se referir aos mais variados “cenários”, estampados em fotos e cartões postais, por exemplo, de cidades turísticas, nas quais uma das invocações é à natureza (mar, sol, montanhas etc.), como forma de atrativo. Neste sentido, a visão² é o sentido predominantemente explorado, por intermédio de cores e diversidades, quando o olhar é evocado para apreciar “belas paisagens”, dissimulando o apelo ao consumo.

Na maioria das vezes, “o feio” não é chamado de paisagem e sim, o belo, o oneroso, o longínquo, o intransponível. O conceito de paisagem é amplo, perpassa por origens distintas: naturais, artificiais e culturais. Segundo Klug (2009, p. 14), a sua formação,

A partir do contato do homem com a natureza, estabeleceram-se relações diferenciadas entre a paisagem natural³ e a construída. Seja de sobreposição, de dominação, de ruptura, seja de continuidade, de complementação... Essas paisagens existem dentro da urbe e interferem na qualidade do ambiente das cidades.

A paisagem das cidades é produzida pelo próprio homem que desde os seus primórdios teve que organizar o seu espaço de vivência e convivência, intervindo e interagindo com os elementos naturais que o circundavam. Essa intervenção foi necessária para propiciar a sobrevivência desse homem, que precisava se proteger contra as intempéries e adversidades do meio ambiente.

¹ Enfatizando que nesse capítulo são utilizados, intencionalmente, pensamentos de autores díspares (de diferentes correntes filosóficas), cujas visões de mundo contribuíram para uma compreensão mais ampla dos assuntos tratados, de como as categorias podem ser analisadas. Esclarecemos que o objetivo nesse momento não foi o de estabelecer convergências, nem divergências, entre as opiniões dos autores, mas sim o de demonstrar a complexidade e extensão dos conceitos/noções abordadas. Esse procedimento metodológico favoreceu nosso posicionamento, que se revela no decorrer do estudo.

² Utilizando um olhar fenomenológico, para Tuan (1980, p. 12), “uma pessoa que simplesmente “vê” [grifos do autor] é um expectador, um observador, alguém que não está envolvido com a cena”. Para esse autor, o ser humano usa ao mesmo tempo todos os sentidos para perceber o mundo, o que ele chama de percepção.

³ O conceito de paisagem natural ao qual a autora se refere em sua pesquisa não é relacionado às paisagens primárias, intocadas, mas sim ao conjunto de elementos naturais existentes no sítio urbano onde se desenvolveu a cidade de Vitória.

Com a construção das cidades, o homem necessitou planejar, pois dividiria o espaço habitado com outros, além de seus familiares, o que passou ao longo do tempo a ser instrumento de aplicação coletiva, dado o aumento da população.

Assim, o planejamento do uso dos espaços foi concebido por meio de legislações próprias, que propiciaram o estabelecimento de infraestruturas diversas, necessárias à moradia e à convivência social.

O incremento da população, advindo da reprodução humana e das migrações, fez com que a paisagem da cidade fosse produzida em parte pelos planos urbanos, que por interesses diversos, estruturam a urbe por meio de: aterros, cores, praças, monumentos, edificações, ruas, avenidas e outras formas de urbanização; e, em parte, pelos seus habitantes.

Nesse contexto, as pessoas utilizam o trabalho advindo da urbanização para também produzirem uma paisagem sazonal, efêmera ou permanente por meio de: festas culturais, feiras livres, parques, circos, locomoção de veículos, deslocamento, moradia, implantação de estabelecimentos comerciais e outros, pois

No uso do espaço, é possível apreender o imprevisto, a improvisação, o espontâneo, que criam os pontos de referência da cidade, onde a multidão improvisa a festa, a reunião, superpondo-se à rotina no igual e no repetitivo. Dessa feita, as ruas, praças e avenidas, com suas marcas particulares e identificadoras, marcam o convívio e apresentam modos diferenciados de apropriação (CARLOS, 2001, p. 36).

A paisagem apresentada por esta autora demonstra uma importante característica dessa categoria, que é a apropriação dos espaços, que marca um domínio, criando referências no/do lugar. As improvisações mencionadas demonstram um movimento funcional da paisagem (SANTOS, 2008), o qual é percebido no local em estudo, sob várias aparências, tratadas no decurso da pesquisa.

O estudo da paisagem foi importante para a construção de uma categoria do espaço geográfico, corroborando para o entendimento do objeto da geografia.

Neste sentido, Neto (2008, p. 243) acrescenta que “o conceito de paisagem, discutido ainda nos primórdios da geografia, está atrelado à sua própria busca por um método próprio”. Nessa procura, várias contribuições se deram por meio de autores que, a partir de suas concepções, deixaram todo um legado para a

compreensão dessa categoria do espaço, tais como Estrabão, Humboldt, Christofletti, Bertrand, Sotchava, Tricart, La Blache, De Martonne, Deffontaines, Sauer, entre outros.

Na geografia, o conceito de paisagem foi modificando-se, acompanhando o desenvolvimento dessa ciência. Este conceito foi notoriamente utilizado, nos primórdios, pela geografia física – como, por exemplo, sendo “pano de fundo” para representar pinturas e relatos de viagem e “retornando”, com grandes contribuições na geografia humana/cultural.

Nos aspectos apresentados até então, se percebe o quanto a paisagem, juntamente com outros conceitos, facilita o entendimento do espaço geográfico, pois

O espaço geográfico pode ser lido através do conceito de paisagem e/ou território, e/ou lugar, e/ou ambiente, sem desconhecer que cada uma dessas dimensões está contida em todas as demais. Paisagens contêm territórios que contêm lugares que contêm ambientes, valendo para cada um, todas as conexões possíveis (SUERTEGARAY, 2000, p. 31).

A partir dos anos de 1970, a forma de conceber a paisagem foi alterada e/ou enriquecida, passando a ser objeto de interpretação, já que, de acordo com Corrêa (2007, p. 179), a paisagem urbana “permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais, envolvendo diferenças sociais, poder, crenças e valores”.

Nesse sentido, Santos e Souza (2010)⁴ dizem que “[...] é possível pensar a paisagem, além de sua materialidade, considerando também as construções simbólicas que a constituem”.

As autoras mencionadas, parafraseando Serpa (2007, p. 4), dizem que,

Analisar a paisagem produzida é o caminho mais importante de geógrafos, urbanistas, arquitetos, paisagistas, e o caminho não é somente propor novas paisagens, mas fazer uma crítica das paisagens, tal como elas se apresentam. A crítica para o presente autor deve ser elaborada a partir de pressupostos de uma fenomenologia da paisagem, pois esta permite uma leitura da paisagem como algo concreto-abstrato, revelando inúmeras particularidades e singularidades e apresentando o invisível espacial que

⁴ A paisagem geográfica através da fenomenologia: possíveis caminhos para a construção de um método - Cláudia Alves dos Santos – Flávia Silva de Souza.
Disponível em: <http://www.geografia.ufpr.br/neer/NEER-2/Trabalhos_NEER/Ordemalfabetica/Microsoft%20Word%20-%20ClaudiaAlvesdosSantos.ED2III.pdf>
Acesso em: 08jul2010.

está presente “no “visível” de cada paisagem, de cada aparição, enquanto “essência”, construindo uma tipologia baseada em sistemas materiais e sistemas de valores.

Na visão desses autores está explícita a complexidade que é analisar uma paisagem, pois alguns de seus elementos não percebidos (os imateriais) existem e não deveriam ser desprezados, já que junto com os elementos naturais formam uma amálgama, uma totalidade.

Pode ser que em vista dessa complexidade, para Bertrand (1971) a paisagem tenha adquirido uma noção de conjunto, ou seja, de uma interação entre os seus elementos. Nessa perspectiva, a paisagem aparece como algo que não é só para ser visto, mas compreendido. No aspecto apresentado, o uso da percepção⁵ é fundamental, pois

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É, numa determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução (BERTRAND, 1971, p. 2).

Sendo assim, a antiga concepção de que paisagem era algo estático “caiu por terra”. Sob este aspecto, Cosgrove e Jackson (2007) dizem que em estudos atuais a paisagem aparece como uma categoria dotada de significados, que precisam ser descobertos.

O conceito de paisagem foi revisto e aprimorado, possuindo atualmente uma grande importância no meio acadêmico por manifestar variedades de fenômenos a serem explorados, conforme enfocado a seguir:

Na década de 1970, os argumentos da geografia humanista sobre a autenticidade e a integridade do lugar (RELPH, 1976) recorriam à crítica da sociedade moderna feita pela Escola de Berkeley. Eram argumentos que suprimiam muitos aspectos da diferenciação cultural e ecológica. Ao reconstruir os conceitos de paisagem e de cultura com novas referências conceituais, os estudos recentes de geografia cultural enfatizam o caráter de construção cultural sofisticada do próprio conceito de paisagem. Segundo eles, o conceito de paisagem é, ele próprio, um modo especial de compor, estruturar e dar significado a um mundo externo, cuja história tem que ser entendida em relação à apropriação material da terra. Assim, as qualidades simbólicas da paisagem, que produzem e sustentam seu significado social, tornaram-se objeto de pesquisa, ampliando as fontes

⁵ Para Tuan (1980, p. 4), percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados.

disponíveis para a geografia cultural. Se a paisagem passa a ser considerada uma imagem cultural, “um meio pictórico de representar ou simbolizar tudo o que circunda o ser humano, então pode ser estudada através de vários meios e superfícies [...]” (grifos dos autores). Cada um desses meios revela significados que os grupos humanos atribuem às áreas e aos lugares, e permite relacionar estes significados a outros aspectos e condições da existência humana. O estudo de Cosgrove (1984) sobre a evolução do conceito de paisagem [...], analisa um leque de representações da paisagem que vai da pintura e da poesia à jardinagem e ao *design* [grifo dos autores] urbano (COSGROVE e JACKSON, 2007, p. 137).

Nesse percurso, uma das maneiras com que a paisagem se apresenta é como texto (em forma de metáfora), que segundo Cosgrove e Jackson (2007, p. 138), vem atraindo geógrafos humanistas. Esses autores se preocupam com a superficialidade proporcionada pelo mundo “pós-moderno”, que segundo eles “atribui signos e símbolos sem aprofundá-los, muitas vezes invertendo-os para reciclá-los em contextos diversos, transformando sua referência”. Para eles,

A analogia da paisagem com o texto e o teatro é valiosa, pois preserva o significado da ação humana, da criatividade e da sobreposição de camadas de significado. Mas pode também ser limitante, na medida em que a paisagem é concebida como a história de um modo de ver e de representar.

É interessante inferir que a paisagem no contexto do teatro aparece provisoriamente, embora pressuponha uma permanência relativa (Santos, 2008), já que se repete, como nas festas, nas feiras livres, nos shows e em diversos eventos. A funcionalidade materializa-se em forma de comércio, de interpretação, de divertimento e outros. Nessa perspectiva, a paisagem é também o ator, o vendedor, o comprador, o animador, a plateia, ou seja, pessoas que utilizam os objetos construídos (loja, teatro, cinema, rua, praças e outros).

A paisagem cultural descrita se diferencia da paisagem urbana; nesta, formas materiais são portadoras de funções (residenciais, comerciais) – por meio da arquitetura, por exemplo, dotada de certa permanência, adentra-se uma loja, um edifício, um restaurante, um elevador etc. – e funcionalidades (ruas, avenidas, praças), por meio de movimentos cíclicos, sazonais e/ou pendulares da população e atividades comerciais, por exemplo.

Nos argumentos explicitados, infere-se que a epistemologia da geografia foi então enriquecida pelo desvendamento da paisagem, considerada, por algum tempo, uma categoria elementar para essa ciência, principalmente no tocante à geografia humana. Nesse percurso, ela (re)aparece como seu objeto de estudo, no que se concebe que ela se faz objeto por ser um importante instrumento para essa ciência.

Ela é instrumento por manifestar, através de uma morfologia, atividades, costumes, relações humanas, dando subsídio para a compreensão da realidade e, também, atribuindo significados aos lugares, por meio de simbologias diversas.

Destarte, concebe-se a paisagem como instrumento essencial no fornecimento de subsídios para o estudo da natureza geográfica. Estudando os aspectos físicos, urbanos, sociais, culturais, econômicos e políticos de um determinado lugar, os indicadores da paisagem convidam à reflexão sobre o espaço a ser analisado.

Com todas as suas variações, a paisagem mostra o processo histórico dos lugares e se coloca como componente de atualização do espaço, embora pareça que, em relação à cultura, ela não reflita fielmente todos os aspectos – o que na explicação de Claval (2007, p. 314) ocorre porque os “seus elementos foram realizados por atores variados [...]”, e, também na nossa ótica, devido aos elementos imateriais, que dificultam o entendimento de significados.

Assim sendo, devido à dimensão de conceitos, na busca de definições da paisagem preocupações emergem, pois ao eleger essa categoria como objeto de estudo, é preciso atribuir a ela uma definição, e ao elencá-la como instrumento, compreender os indicativos que ela sinaliza para a ciência geográfica.

Os indícios são, portanto, um meio de aproximação com essa categoria do espaço geográfico, pois, apesar da forma explícita de se apresentar, ela é dotada de subjetividades e aparências e não mostra o todo: aparece em “porções” e descontinuidades (o que também é complexo), necessitando-se, por muitas vezes, de lentes apropriadas para compreendê-la e decifrá-la, pois nem todos os aspectos são visíveis (advindos de processos variados).

O mostrar sem revelar gera conflitos, cabendo então à geografia, que a tem como categoria e instrumento de estudo, buscar a essência das paisagens a serem estudadas e levar ao entendimento de seus significados, da sua extensão. Santos (2008, p. 85), diz que

A paisagem, porém, não é total, mas parcial. Ela é sempre um fragmento, e por isso mesmo sua percepção nos engana e não pode diretamente conduzir-nos à compreensão do real, porque nunca se dá como um todo.

Nesse sentido, é complexo analisar a paisagem pelos elementos soltos que fazem parte de um conjunto heterogêneo, com idades diferenciadas, provenientes de processos e agentes diversificados. Neste contexto, Santos (1986, p. 23), diz ainda que

Diante de uma paisagem, ou nossa vontade de apreendê-la se exerce sobre conjuntos que nos falam à maneira de cartões postais, ou então nosso olhar volta-se para objetos isolados. De um modo ou de outro, temos a tendência de negligenciar o todo; mesmo os conjuntos que se encontram em nosso campo de visão nada mais são do que frações de um todo. A paisagem, certo, não é muda, mas a percepção que temos dela está longe de abarcar o objeto em sua realidade profunda. Não temos direito senão a uma aparência. [...] o objeto possui duas faces: a verdadeira, que não se entrega diretamente ao observador, e a face visível, amoldada pela ideologia.

Assim é que para Santos (1986, p. 24), “o que se encontra na forma-objeto como *significante*, encontra-se na totalidade como *significado*” [grifos do autor], ou seja, como explicação, o que talvez dificulte a leitura do todo após a análise, dada essa complexidade impressa na paisagem.

Outra dificuldade que se apresenta na leitura da paisagem é que ela é confundida com outras categorias, inclusive com o espaço. Santos (2006, p. 66 e 67), diz que “as paisagens estão contidas no espaço assim como o espaço contém as paisagens, no entanto as paisagens são visualizadas no espaço em porções”. Para Santos (2006, p. 67), paisagem, configuração territorial e espaço se diferenciam:

A paisagem é o conjunto de formas, que num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são essas formas mais a vida que as anima. A palavra paisagem é freqüentemente utilizada em vez da expressão configuração territorial. Esta é o conjunto de elementos naturais e artificiais que fisicamente caracterizam uma área. A rigor, a paisagem é apenas a porção da configuração territorial que é possível abarcar com a visão. Assim, quando se fala em paisagem, há, também, referência à configuração territorial e, em muitos idiomas, o uso das duas expressões é indiferente. A paisagem se dá como um conjunto de objetos reais-concretos. Nesse sentido a paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. Cada paisagem se caracteriza por uma dada distribuição de formas-objetos, providas de um conteúdo técnico específico. Já o espaço resulta da intrusão da sociedade nessas formas-objetos. Por isso, esses objetos não mudam de lugar, mas mudam de função, isto é, de significação, de valor sistêmico [sic]. O espaço é a sociedade, e a paisagem também o é. No entanto, entre espaço e paisagem o acordo não é total, e a busca desse acordo é permanente; essa busca nunca chega a um fim. A paisagem existe através de suas formas, criadas em momentos históricos diferentes, porém coexistindo no momento atual [...].

Com base no exposto, infere-se que a paisagem conta a história de um lugar, a produção de um espaço, testemunhando, por meio de indícios, as ações de distintos agentes sociais ao longo do tempo, revelando relações e interações desses agentes entre si e com o meio natural e construído.

O estudo da paisagem contribui para o entendimento do espaço, já que existe uma articulação entre aparência e essência; nesse contexto, a paisagem é a aparência, mas pode ser também a essência, que mescla elementos físicos, sociais, psicológicos e imaginários que fazem parte da construção do espaço. Nesse sentido, há diferentes formas de percepção dessa paisagem, provenientes da formação e/ou intenção do observador (o olhar). Assim, inferimos que a paisagem é coadjuvante nas relações espaciais, ligando os agentes.

Nesse percurso de definições do conceito de paisagem, Sauer (1925, p. 19-54, apud Corrêa e Rosendahl, 1998, p. 22) diz que “a tarefa da geografia é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que envolva a fenomenologia da paisagem, de modo a captar em todo o seu significado e cor a variada cena terrestre”. Sendo assim, toda lente de natureza geográfica é chamada a identificar as formas e os processos de produção do espaço que a paisagem representa.

A identificação dos processos e formas por meio da paisagem nem sempre é fácil, sobretudo na estrutura vigente de produção do espaço urbano, nessa época de espera, de indefinições, do domínio do descartável, da superficialidade, da efemeridade, competitividade e outros atributos, que contribuem para acelerar as formas de construções espaciais, carregando com mais intensidade a paisagem de sobreposições, dificultando uma leitura, devido à velocidade dos processos.

O estudo da paisagem permite olhares diversificados que, no entanto, não devem ser neutros, dado o conteúdo objetivo e subjetivo que ela carrega em seus processos, sendo o seu entendimento dificultado pela complexidade que ela apresenta, já que aparece em variadas formas, que podem ser objetos de múltiplas interpretações. Nesse sentido, é preciso estudar a paisagem para descobrir o que ela não revela de forma explícita, pois as marcas (as explicações) estão nela ou a partir dela.

Assim sendo, dada a amplitude do conceito e prováveis polêmicas e confusões que podem se estabelecer nessa procura, a teorização se faz necessária e esclarecedora.

No tocante às formas artificiais, a paisagem aparece como elemento “determinado”, que logo após é também “determinante”, já que é

Preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política, etc. e, por outro lado, ela é matriz, ou seja, determina em contrapartida, um olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política, etc. (BOBER e SCHMITHÜSEN, 1998, p. 75-91)

No contexto mencionado, apreende-se que “a paisagem urbana permite múltiplas leituras a partir de diversos contextos histórico-culturais envolvendo diferenças sociais, poder, crenças e valores (CORRÊA e ROSENDAHL, 2007, p. 179) que, para Santos (2008, p. 75), além da condição cultural, podem possuir formas que nascem das possibilidades técnicas de uma época, dependentes também das condições econômicas, políticas [...]”, ou seja, do dinamismo espacial.

De acordo com Santos (2008, p. 78-79), “a paisagem é a materialização de um instante da sociedade”, ou seja, “um trabalho morto”, como fotografar ou filmar um momento, congelar uma imagem, gravar uma voz: fica-se o registro, mas o momento passou e novos elementos são incorporados às paisagens que mantêm os registros, por meio da história, fotografias, relatos e outros instrumentos. Sendo assim, o espaço seria “o conjunto do trabalho morto (formas geográficas) e do trabalho vivo (o contexto social)”, que por meio das relações sociais atualiza (de forma processual) a paisagem, pois contém o “movimento”, a vida.

Ressalta-se que, de acordo com Santos (1986), a paisagem não tem nada de fixo, nem de imóvel, ou seja, há relações incutidas nela e que

As alterações por que passa a paisagem são apenas parciais. De um lado alguns dos seus elementos não mudam – ao menos em aparência – enquanto a sociedade evolui. São as testemunhas do passado. Por outro lado, muitas mudanças sociais não provocam necessariamente ou automaticamente modificações na paisagem (SANTOS, 1986, p. 37).

Infer-se que a paisagem urbana é composta de elementos “novos e velhos”, dependentes estes do movimento da sociedade no tempo e no espaço. Sendo

assim, a modificação da paisagem (subtrações e adições), se dá em ritmos de duração diferenciados, subordinadas a condições diversas e adversas, pois

A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, porque formada por elementos naturais e artificiais. A natureza natural não é trabalho. Já o seu oposto, a natureza artificial, resulta de trabalho vivo sobre trabalho morto. Quando a quantidade de técnica é grande sobre a natureza, o trabalho se dá sobre o trabalho. É o caso das cidades, sobretudo as grandes. As casas, a rua, os rios canalizados, o metrô etc. são resultados do trabalho corporificado em objetos culturais. [...] suscetível a mudanças irregulares ao longo do tempo, a paisagem é um conjunto de formas heterogêneas, de idades diferentes, pedaços de tempos históricos representativos das diversas maneiras de produzir as coisas, de construir o espaço (SANTOS, 2008, p. 74 e 75).

O exposto nos auxilia na compreensão de mudanças e permanências na paisagem (objeto do nosso estudo). Inferimos que as mudanças se dão a partir de trabalho vivo (atualizações no/do espaço) e as permanências são identificáveis nos resíduos de produções de períodos pretéritos por agentes diversos, em tempos variados e irregulares; “mudanças e permanências” se misturam na atualidade formando uma paisagem (que testemunha trabalho vivo sobre trabalho morto), na qual estão incutidas relações de várias naturezas – social, política, econômica, demográfica, cultural e outras.

Sendo assim, em relação à mudança na paisagem, Santos (2008, p. 76), diz que “as mutações da paisagem podem ser estruturais e funcionais”, reflexão que é de grande valia e conduz esse estudo.

Para Santos (2008, p. 76) “uma mudança estrutural se dá também pela mudança nas formas”, que demonstra na paisagem as possibilidades de usos dos espaços. No entanto, em uma mudança somente de formas, a paisagem pode ocultar/mostrar sem revelar, pois a forma precisa da função para se definir, o que aparece por ocasião de uma funcionalização ou refuncionalização (reutilização de uma forma, com funções diferentes).

A esse respeito, Carlos (2001, p. 39) diz que “as construções poderiam ser tomadas como os elementos estáticos da paisagem. Se observarmos seu tipo, grau de conservação, arquitetura, perceberemos o movimento “escondido” [grifo da autora]

na forma”, o que faz com que essa categoria do espaço, a paisagem, seja dotada de aparência, que sem sempre denota aquilo que os olhos veem.

Assim sendo, a paisagem é materializada pelas formas, que comportam funções, ou funções que requerem formas específicas. A mutação da paisagem é decorrente de alterações nesses movimentos, ou seja, da modificação nas formas ou funções e dos processos decorrentes desses entrelaçamentos (dinâmica do espaço), que são as mudanças estruturais.

A complexidade da categoria paisagem se manifesta pela amplitude de conceitos e entendimentos a ela atribuídos. Nesse sentido, concordamos com Santos (2008, p. 77), quando diz que

A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão à espera de uma reutilização, que pode até acontecer; as segundas são adrede criadas para novas funções, para receber inovações. As funções que são mais suscetíveis de criar novas formas são: bancos, hipermercados, o Estado, *shopping centers* etc., além de certas funções públicas. Fora estas, são poucas as funções capazes de criar novas formas, e é por isso, mais comum o uso das preexistentes através de uma readaptação. É o caso de casas de saúde, escolas, serviços diversos, fábricas menores etc., que se instalam em antigos casarões ou prédios deixados por outras atividades, com readaptação de formas velhas para novas funções.

Esse movimento descrito por Santos é percebido na paisagem da Praia do Suá em vários momentos as quais se reporta o estudo, pois

Em cada período histórico, temos um conjunto próprio de técnicas e de objetos correspondentes. Num momento B, muitos elementos do momento A permanecem; e surgem novos. É a inovação triunfante que permite sair de um período e entrar em outro. A inovação traz a modificação da paisagem, que passa a ter objetos dos momentos A e B (SANTOS, 2008, p.74),

É assim que à paisagem existente são incorporados novos elementos, cujas histórias se sobrepõem e se misturam. A Praia do Suá possui, em sua paisagem, objetos que testemunham os vários momentos que construíram a história do lugar, retratados pelas “mudanças e permanências” na paisagem do bairro.

Nesse sentido, Santos (2008, p. 1980) diz que “a paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou modifica-se para acolher uma nova atualidade, uma inovação”, pois “em realidade a paisagem compreende dois elementos – os objetos

naturais, que não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele e os objetos sociais, testemunhas do trabalho humano no passado, como no presente”.

No aspecto mencionado, novos componentes são inseridos na paisagem, advindos das relações sociais, tais como funções novas para formas velhas. Santos (1992) diz que novas formas são criadas ou reformadas para atender a determinadas funções, inerentes ao processo de produção capitalista, as quais ele chamou de “novo”.

Assim, quando a paisagem “envelhece” [grifos da autora], perdendo a função pela qual foi produzida, é substituída por outras formas, em constante processo de modificação, pois “não há paisagem parada, inerte” (SANTOS, 2008a, p. 84), já que para este autor a paisagem é materialidade, “formada por objetos materiais e imateriais”, advindos de movimentos da sociedade no tempo e no espaço.

As formas antigas (fragmentos) que lembram um passado, chamadas por Santos de velho, ficam no espaço, como obstáculos à criação do novo que em contrapartida, força a saída do velho. Fica estabelecido, nos lugares, um jogo de forças - imposição de novos elementos na paisagem, em contraposição aos velhos, no qual os resquícios do passado dificultam a expansão urbana em sua intencionalidade, no seu esforço de construção de uma paisagem homogênea.

Os resíduos resistem às mudanças, dificultando que as marcas da produção anterior no/do espaço sejam completamente apagadas, esquecidas. O espaço é constantemente construído/desconstruído/reconstruído por intermédio da agregação/desagregação de novos elementos formadores de paisagens; as formas antigas permanecem como “recordações” formando uma nova paisagem com as inovações.

Nesse sentido, Santos (2008, p. 106) diz que

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, espaço, a política, a economia, o social, o cultural... Tanto o novo quanto o velho são dados permanentes da história; acotovelam-se em todas as situações. Mas se os elementos de uma dada situação trabalham em conjunto, é o novo que aparece dotado de maior eficácia. O novo nem sempre é desejado pela estrutura hegemônica da sociedade. Para esta, há o novo que convém e o que não convém. O novo pode ser recusado se traz uma ruptura que pode

tirar a hegemonia das mãos de quem a detém. [...] O novo não chega em todos os lugares e quando chega nem sempre chega quando é absolutamente novo. [...] A chegada do novo causa um choque. Quando uma variável se introduz num lugar, ela muda as relações preexistentes e estabelece outras.

Assim, inferimos que uma relação de poder é percebida na paisagem quando

Uma mesma variável apresenta o novo e o velho, existe nela uma luta contínua entre esses dois agentes. Muitas vezes o novo expulsa logo o velho, às vezes este resiste por muito tempo. Essa resistência não depende só dessa variável velha, mas do conjunto das variáveis, da combinação e relação que existem entre elas. É nessa relação contextual que vai se estabelecer como se dará a luta entre o novo e o velho. Aliás, o novo não é obrigatoriamente o interno, nem obrigatoriamente o externo [...]. (SANTOS, 2008. p. 108).

O entendimento dos contextos explicitados adveio da percepção em “modelos” de paisagens homogêneas, como, por exemplo, em condomínios de prédios e casas - tentativa de padronização no espaço urbano. Em contrapartida, o exemplo de paisagens heterogêneas é perceptível em bairros - que mesclam produções de diferentes agentes sociais, em tempos distintos, denotando a particularidade de cada lugar.

No novo contexto, proporcionado por uma releitura da paisagem, talvez sejam válidos esforços no sentido de valorizar essa categoria da geografia, de formas diversas, como no tocante à atribuição de significados. O perigo é que nessa busca de valorização haja um excesso de significações que prejudiquem o entendimento da paisagem, saindo de um extremo a outro. Antes, seu conceito era limitado; atualmente, se encontra bastante ampliado, o que dá margem para conflitos com outras categorias e entendimentos desprovidos de um rigor científico.

b) Lugar

O lugar é, assim, a porção do espaço [...], revelando o plano da microescala [sic]: o bairro, a praça, a rua, o pequeno e restrito comércio que pipoca na metrópole, aproximando seus moradores, que podem ser mais do que pontos de troca de mercadorias, pois criam possibilidades de encontro e guardam uma significação como elementos de sociabilidade. A análise da vida cotidiana envolve o uso do espaço pelo corpo, o espaço imediato de ir às compras, o caminhar, o encontro, os jogos, as brincadeiras, o percurso reconhecido de uma prática vivida/reconhecida em pequenos atos corriqueiros e aparentemente sem sentido que criam laços profundos de identidade, habitante-habitante e habitante-lugar, marcada pela presença. São, portanto, os lugares que o homem habita dentro da cidade e que dizem respeito a sua vida cotidiana, lugares como condição de vida, que vão ganhando o significado dado pelo uso [...] (CARLOS, 2001, p. 35-36).

O lugar é uma localização (referência) e a sua produção materializada na paisagem torna-o pessoal, próprio, com marcas dos agentes, pois cada lugar possui uma paisagem própria que o explica e o dota de significado.

O autor Tuan (1983, p. 6), ao fazer uma analogia entre lugar e espaço, concluiu que “na experiência, o significado de espaço freqüentemente se funde com o de lugar”, sendo que o “espaço é mais abstrato do que lugar”, e que “as idéias de “espaço” e “lugar” [grifos do autor], não podem ser definidas uma sem a outra, pois, para ele, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”, dizendo ainda que “se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que a localização se transforme em lugar” e em relação ao conhecimento do lugar, “uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo como conceitual”.

Para Tuan (1983, p. 3), “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro” e “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação”. Neste sentido, o lar representa o “lugar por excelência”, onde nos sentimos abrigados, acolhidos, protegidos, pois, de acordo com Carlos (2001, p. 217), “primeiramente o homem habita e se percebe no mundo a partir de uma casa”.

Assim também, o ser e o pertencer atingem várias dimensões - o país, a cidade, o bairro, a rua, o lar. O sentimento de posse é bem manifestado pelos pronomes “meu/minha” [grifos nossos], como usualmente se faz com os objetos de uso particular.

Pelo exposto até então, se atribui um sentimento de afeição/apego pelo lugar, ainda mais quando se nasce e convive-se nele. A afinidade com o lugar faz com que surja uma identificação, assim, para Tuan (1983, p. 37) “o lugar pode adquirir profundo significado [...], através do contínuo acréscimo de sentimento ao longo dos anos”. Percebe-se esse sentimento em pessoas que tiveram que deixar sua terra natal, salvo em casos específicos. Neste sentido, Tuan (1980, p. 6) diz que é importante

Compreender o que as pessoas sentem sobre espaço e lugar, considerar as diferentes maneiras de experienciar (sensório-motora, tátil, visual, conceitual) e interpretar espaço e lugar como imagens de sentimentos complexos - muitas vezes ambivalentes.

O pensamento desse autor se remete à percepção e, nesse sentido, somente ouvindo as pessoas, olhando para elas, é que se pode conhecer os sentimentos que guardam relativos ao “seu lugar”, sentimentos esses que se manifestam de várias formas, captadas pela emoção que demonstram – pelo timbre de voz, o jeito de olhar, os gestos, ou seja, as suas expressões fisionômicas – pois, as alegrias, as angústias, as dificuldades, ou seja, as marcas da sua vida estão cravadas nos lugares.

Parafraseando Rocha e Pádua (2008), a forma como se organiza o espaço vivenciado denota as diferenças existentes entre os indivíduos na construção dos lugares. Esses, considerados aqui como experiência e envolvimento com o mundo. Assim, prosseguem elas em seu entendimento,

[...] a geografia passou a se basear nas premissas de que há possibilidade de se compreender a maneira como os indivíduos se sentem em relação ao lugar, e considera que cada pessoa ou grupo humano possui uma visão e um modo diferente de enxergar o ambiente circundante, que se expressa por meio de suas atitudes e valores e na forma como organiza seu espaço (ROCHA E PÁDUA, 2008, p. 5).

Em relação ao tempo, Tuan (1983, p. 132), diz que está “implícito em todos os lugares nas idéias de movimento, esforço, liberdade, objetivo e acessibilidade”, e vinculando o espaço ao tempo diz que

A experiência de espaço e tempo é principalmente subconsciente. Temos um sentido de espaço porque podemos nos mover e de tempo porque, como seres biológicos, passamos fases recorrentes de tensão e calma. O movimento que nos dá o sentido de espaço é em si mesmo a solução da tensão. Quando esticamos nossos membros, experienciamos simultaneamente espaço e tempo – o espaço como a esfera de liberdade da limitação física, e o tempo como a duração na qual a tensão é seguida de calma.

Nesse sentido, de acordo com Carlos (2007, p. 17-18), o homem constrói e se apropria do espaço e do mundo através de seu corpo e de seus sentidos, acrescentando que

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* [...].

[...] hoje percebemos que cada vez mais distanciamos-nos da idéia do lugar visto apenas enquanto ponto de localização dos fenômenos, isto é um ponto no mapa, visto apenas enquanto situação determinada por coordenadas do traçado geográfico.

A contribuição dessa autora é interessante, pois coloca o lugar no ponto de vista do particular, do pessoal, do íntimo, podendo ser apossado, transitado, percorrido, vivenciado, experienciado, ou seja, percebido.

O significado de lugar para Santos (2006, p. 213), tem a concepção de que “cada lugar é, à sua maneira, o mundo”, proveniente do mundo globalizado em que vivemos, onde não existem mais fronteiras, no qual em cada lugar se percebem movimentos da totalidade, por meio dos fluxos e fixos. O pensamento de Santos é importante, pois ao considerar o mundo como lugar, significa que em seu movimento de totalidade, ele pode ser encontrado em todos os lugares.

No contexto mencionado a internet aparece como ferramenta que possibilita que o mundo seja encontrado nos lugares, pois ao favorecer a comunicação em vários segmentos, estabelece vínculos diversos, como por exemplo, funcionando como instrumento de criação de relacionamentos (em redes); no seu movimento virtual e contraditório, aproxima as pessoas e as afasta. A internet não é um lugar, mas, “conduz aos lugares”, disseminando hábitos, criando padrões de comportamentos, transformando assim os lugares, (des)caracterizando-os.

Nesse sentido, a globalização transforma os lugares e as pessoas. O que é um lugar hoje pode ser considerado um não-lugar amanhã, devido à superficialidade de relações e interações. A negação dos lugares pode partir de sua desvalorização, dada à velocidade dos acontecimentos, onde o real é efêmero e se transforma rapidamente em virtual. Nesse aspecto, Boff (2004, p. 11) diz que

A sociedade contemporânea, chamada sociedade do conhecimento e da comunicação, está criando, contraditoriamente, cada vez mais incomunicação e solidão entre as pessoas. A Internet pode conectar-se com milhões de pessoas sem precisarmos encontrar alguém. Pode-se comprar, pagar as contas, trabalhar, pedir comida, assistir a um filme sem falar com ninguém. Para viajar, conhecer países, visitar pinacotecas não precisamos sair de casa. Tudo vem à nossa casa via *on line* [grifos do autor]. A relação com a realidade concreta, com seus cheiros, cores, frios, calores, pesos, resistências e contradições é mediada pela imagem virtual que é somente imagem. O pé não sente mais o macio da grama verde. A mão não pega mais um punhado de terra escura. O mundo virtual criou um novo habitat para o ser humano, caracterizado pelo encapsulamento sobre si mesmo e pela falta do toque, do tato e do contato humano.

Para Boff, a internet proporciona certo isolamento, pois, segundo ele, é descolada de afetividade, o que ele chama de “atividade solitária”⁶. Concordamos em parte com o posicionamento desse autor, pois a partir da disseminação dessa técnica, o tempo despendido “nas navegações” dificulta relacionamentos pessoais, como, por exemplo, os de vizinhança, que criava amizades por meio de olhares, toques e compartilhamento de idéias e problemas, ou seja, de convivência e interações. O aperto de mãos, o abraço, o beijo e outras manifestações de carinho parecem estar ficando escassos. Mora-se em um lugar, mas, não se habita nele, pois “habitar é deixar rastros” (CARLOS, 2001, p. 213), e no sentido de apropriação

Trata-se do lugar da casa e de tudo que o ato de habitar implica à vizinhança, em contatos contínuos; a rua, com seus encontros, intercâmbios, troca de informações e sua dimensão lúdica. São lugares de orientação na metrópole, referência significativa da vida, que tem uma dimensão objetiva (da relação prática com o outro e com o espaço) e subjetiva (identidade, memória) [...] (CARLOS, 2001, p. 244).

Assim, a “identidade” dos lugares encontra-se ameaçada e podem, esses, perderem suas características genuínas, suas referências, quando suas peculiaridades não forem mais reconhecidas e/ou valorizadas, porque se esqueceu o significado da vida ou o cuidado⁷. Consideramos pertinentes as palavras de Boff (2004, p. 98-99), quando diz que

O modo-de-ser-no-mundo exclusivamente como trabalho pode destruir o planeta. Daí a urgência atual de resgatar o modo-de-ser-cuidado, como seu corretivo indispensável [...]. O resgate do cuidado não se faz às custas do trabalho e sim mediante uma forma diferente de entender e de realizar o trabalho. Para isso o ser humano precisa voltar-se sobre si mesmo e descobrir seu modo-de-ser-cuidado.

c) Memória

Dada à amplitude do conceito de memória – social, cultural, individual, coletiva e outros, nos ateremos a tratar sobre os vários aspectos, sem, no entanto, fazermos uma abordagem em profundidade.

⁶ O enfoque trazido por BOFF (2004) é importante, pois favorece uma forma de olhar. A importância da internet é indiscutível, mas, no entanto, é de conhecimento geral o tanto de problemas advindos do mau uso dessa ferramenta.

⁷ Para Boff (1999, p. 11-12), “o cuidado é na verdade, o suporte real da criatividade, da liberdade e da inteligência [...], no cuidado identificamos os princípios, os valores e as atitudes que fazem da vida um bem-estar e das ações um reto agir”.

O nosso objetivo é demonstrar a importância dos fatos narrados por sujeitos detentores de minúcias e particularidades que só a eles pertencem sobre a produção de um espaço apropriado e construído também por eles que, com detalhes, dão explicação de histórias ou produções descontinuadas ou interrompidas, (re)significando o espaço do tempo presente, para que esse seja compreendido no tempo.

Nesse sentido, segundo Bosi (1987, p. 39), “não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais”.

De acordo com Pollak (1992, 1-5), a memória e identidade são produzidas tanto individualmente quanto coletivamente:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. A memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. A memória constitui-se de acontecimentos vividos pessoalmente e vividos por “tabela” (pelo grupo ou pela coletividade, a qual a pessoa se sente pertencer). A memória é constituída por pessoas, personagens, muitas vezes, fora do espaço-tempo de determinado indivíduo, por intermédio de transparências e projeções. Podemos dizer que a memória é um sentimento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio de negociação direta com os outros. Memória e identidade não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou grupo.

A construção da memória é proveniente de aspectos objetivos e subjetivos, os quais se reportam ao espaço-tempo dos sujeitos, a acontecimentos particulares de uma pessoa ou população (intimidade delas). Promove o (re)conhecimento de um lugar, por meio de formas, pessoas, relações, hábitos, relatos do passado (lembranças) e outros.

Ao recordar, o indivíduo ou o grupo, de certa forma, retorna ao tempo e ao espaço vivenciado, demonstrando por meio de gestos, verbalização, expressões fisionômicas e outras manifestações sentimentais, o quanto as lembranças – elo com o passado – unem pessoas que partilham acontecimentos comuns.

Nesse sentido, esses “viajantes” do tempo e do espaço, (re) significam uma cultura, uma socialização, por intermédio da posse que têm dos fatos vivenciados por eles.

O relembrar é uma oportunidade de atualizar o passado, resgatando costumes e manifestações da cultura local que se perderam no espaço-tempo desses sujeitos, coparticipantes de uma produção cultural.

Neste aspecto, da lembrança, para Chauí (1987)⁸

[...] o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária e, no que lembra e como lembra, faz com que fique o que signifique. O tempo da memória é social, não só porque é o calendário do trabalho e da festa, do evento político e do fato insólito, mas, também porque repercute no modo de lembrar.

A memória tem um elo com o pertencimento, com a identificação de um lugar e dos habitantes dele, por meio de sua vivência e produções. Apesar de se reportar ao passado, é a memória que atualiza o presente conectando os fatos, explicando as paisagens remanescentes, (re) significando os lugares, as festas, a cultura, unindo ou unificando as histórias, justificando as contradições.

O valor afetivo do lugar também é expresso em nível coletivo ou social, por meio da memória, já que ele é produto de relações. O modo de vida de uma população e de um lugar (amizades, vínculos, relações) está inscrito na memória. A memória torna o lugar particular e íntimo.

Nesse sentido, para Carlos (2001, p. 217), “é importante considerar que as formas que a sociedade produz guardam uma história [...]”. Sendo assim, o lugar é o depositário dessas formas, como por exemplo, uma vila, uma rua, onde a vida cotidiana encontra mais expressão pelo sentimento de vizinhança, pois para essa autora, “a memória articula espaço e tempo com base em uma experiência vivida em determinado lugar”, concebendo ainda que

[...] a construção do lugar se revela, fundamentalmente, com a construção de uma identidade” e a “memória liga-se decididamente, a um lugar, ao uso e a um ritmo, logo, a uma relação espaço-temporal, e não apenas a uma incursão no tempo”, por isso, conclui que “lugar e memória são indissociáveis.

Sendo assim, infere-se que lugar, identidade, memória e tempo são inter-relacionados, depositários de continuidade de histórias de vidas e dos lugares e se

⁸ Comentário de Marilena de Souza Chauí na apresentação do livro de Ecléa Bosi (Memória e Sociedade).

remetem a um passado-presente marcado por abstrações, muitas vezes antagônicas e/ou contraditórias - saudosismo, realizações, frustrações, recordações e outros; parafraseando Bosi (1987) ⁹, “temos que lutar pelos velhos porque são a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”.

A riqueza advinda das lembranças das pessoas idosas, por meio de suas representações, (res)significa os lugares, dotando-os de valor e de importância. Como comenta Bosi (1987, p. 41), “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desapareição de entes amados, é semelhante a uma obra de arte”. Nesse sentido, a memória liga o passado, presente e futuro, pois o que é o sujeito sem esse importante componente na trajetória de sua vida?

A memória de um lugar, assim como de um povo, é retratada pela história e preservada pela importância que se dá a ela. A memória é depositária de fatos marcantes como guerras e (re)construções, articula a geografia e a história, por intermédio do espaço-tempo.

A memória faz parte da cultura de um povo; de acordo com Corrêa e Rosendahl (2007, p. 13), “a cultura é vista como um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada”.

Nesse sentido, Freire (2009, p. 51), fala que é importante preservar a cultura¹⁰,

[...] manifestada através dos lugares, dos valores, dos símbolos, das práticas, das atividades etc., que resguardam expressões e significados de um modo de vida, uma vez que se trata de bens dotados de grande relevância em meio à tendência de padronização de tudo que cerca a vida.

A cultura que deveria ser perpetuada é interrompida em seu processo quando características particulares de um modo de vida, retratado também por uma

⁹ Na apresentação do seu livro *Memória e Sociedade*.

¹⁰ “Festas, os folclores, os costumes, os hábitos, a diversa gastronomia, a música, as experiências, os saberes, os lugares etc.”

paisagem, são modificadas, o que Garaeis¹¹ chama de “descaracterizar” – o que, segundo ele, se contrapõe à preservação e perpetuação da memória de um lugar,

A história de uma cidade é contada e recontada pelos lugares, praças, ruas, imóveis, esculturas e imagens. Quando perdem esse marcos, os indivíduos se desenraizam, perdem a identidade, o que reflete, também, na coletividade. Arrisca-se a ter uma cidade sem rosto quando se perdem ou se descaracterizam as casas antigas, igrejas, e, até mesmo, o calçamento. De fato, deve haver progresso, desenvolvimento, numa convivência pacífica e harmônica, entre o presente e o passado, pois a cidade atual é fruto da cidade do passado e só continuará para o futuro, como um bom lugar para se viver, se respeitar este passado. Quando os marcos são preservados, temos a perpetuação da memória, que continua através e adiante deles, na construção de sua história. Por conseguinte, preservar é continuar, com dignidade, é crescer, com identidade.

Na disputa de poder sobre o espaço, por vários agentes, alguns elementos não são valorizados, dos quais fazem parte a memória do lugar, causando uma amnésia cultural (ou conflito) em seus moradores que se traduz no pensamento de Chesneaux (1995, pág. 36), “a modernidade faz esquecer o passado”, e Bosi (1987), que diz que “a sociedade capitalista impede a lembrança”. Com estas afirmações, os autores mencionados falam que há na memória coletiva um suposto esquecimento das lembranças do passado (lugares de memórias), face às diversas estratégias proporcionadas pelas atratividades da tecnologia e consumo que a vida moderna oferece.

A ideologia presente no processo de produção do espaço, por meio de vários instrumentos, tenta cooptar essas lembranças “adormecidas”, por meio de objetos de troca, e muitas vezes logra êxito.

Nesse percurso, há reflexos, descontinuidade de histórias, da qual restam fragmentos e tentativa de construção de novas histórias, com participação de outros agentes com objetivos diversificados, que pretendem estabelecer um novo modo de vida (cotidiano) no lugar, pois, segundo Seabra (2004, p. 182) “[...] o cotidiano urbano prolonga e explicita o sentido da urbanização capitalista pela generalização de um modo de vida [...]”.

¹¹ Os fragmentos de memórias e identidades da colonização francesa do Rio Grande do Sul. Disponível em:< <http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/2207>>. Acesso em: 04maio2010.

Com a perda das referências do lugar, a continuação da história vai se dar com elementos desconexos, pois na tentativa de padronização dos espaços foi desrespeitada a singularidade do lugar, ou seja, sua memória.

Assim, os lugares perdem sua identidade, quando suas funções de outrora não forem mais valorizadas, sendo substituídas por outras. A antiga função é então negada em detrimento de uma nova.

A memória individual pode dotar de significado o espaço habitado de maneira diferenciada, por exemplo, não valorizando a cultura construída ao longo do tempo nos lugares, adaptando-se, sem dificuldades, à cultura proposta pela modernização do espaço. Constatamos, nesta pesquisa, que alguns dos que habitam o lugar estudado, indiferentes, se justificam dizendo que “é o progresso”, que tem que ser assim mesmo – de certa forma, ratificando e apoiando as mudanças.

Neste sentido, Carlos (2001, p. 53) diz que “a cidade e o homem se submetem ao poder do “progresso” [grifos da autora], que impõe novas formas para a metrópole e um novo modo de vê-la e vivê-la”.

Assim, fica estabelecido um conflito - tristeza por algo desconstruído, esquecido, apropriado - ou motivo de alegria pelo surgimento de uma nova paisagem, diferenciada, anunciando novas possibilidades e perspectivas. No mesmo sujeito, essas mudanças podem trazer conforto e desconforto.

Observando relatos de habitantes de lugares que passaram por grandes transformações urbanas, percebe-se que há um saudosismo dos tempos passados, vivenciado por eles e manifestado pelas recordações e desejos de que um determinado tempo retorne, parecendo que o sentimento de pertencimento ao lugar ou imaginário dos habitantes não acompanha as inovações inscritas no local pelos agentes apropriadores do espaço (poder público e privado).

Dados os interesses existentes no processo de produção do espaço urbano, é certo que não há como serem mantidas as características originais dos lugares. No entanto, cada lugar tem particularidades que influenciam o estilo de vida de seus habitantes (parcela da sociedade), os seus produtores (juntamente com outros) e

possui formas que lembram um passado, distante, mas não esquecido, que faz parte da memória de um povo.

Assim, como os antigos habitantes contam suas histórias, as formas também retratam a função anterior do bairro, sendo que algumas permanecem como lembranças (ou entraves) de outros tempos, como objetos residuais que, com o tempo, podem desaparecer não totalmente, pois de acordo com Carreras (2005, pág. 26), “as mudanças, por mais importantes que sejam, não acabam automaticamente com o anterior, nem no mesmo momento, e quase nunca totalmente” – posicionamento desse autor sobre inércias e resistências dos lugares às inovações e mudanças, perceptível na Praia do Suá.

Os elementos remanescentes se “impõem” na paisagem urbana, de forma a dificultar o esquecimento das funções que outrora possuíam determinados espaços, denotando relações de poder entre os novos elementos (de forma abrangente) e os velhos elementos (de formas residuais) e, ainda, “campos de tensões” (LEFEBVRE, 2002, pág. 47) entre os lugares, provenientes de esforços de homogeneização.

Os objetos antigos têm uma história construída (esquecida e lembrada), da qual são fragmentos que persistem, que falam, que revelam a produção de uma paisagem. As inovações dão continuidade à história, estabelecendo no tempo e no espaço uma cultura, também a ser (re)lembrada por outras incursões no espaço, deixadas por outros agentes.

d) Bairro

Estudar o dinamismo da cidade perpassa também o entendimento da formação ou constituição de bairros - fragmentos ou parcelas das cidades. Assim sendo, um lugar é construído e reconstruído pelo imaginário social (planos urbanos), ou ainda, pela apropriação de “agentes legais ou ilegais”.

O bairro é um lugar (recorte da urbe) que possui uma paisagem característica de uma funcionalidade da cidade.

Falar de bairro, assim como da urbe, é penetrar no campo da subjetividade, dados os inúmeros processos intrínsecos neles. Um bairro expressa, por meio da paisagem visualizada em suas formas, a materialização das intenções da sociedade no tempo.

Um bairro, na concepção de seus moradores – que, muitas vezes, desconhecem os limites administrativos – é uma extensão de suas vidas, é “o seu lugar”. Às vezes, nasce-se e vive-se toda a vida em um deles, envelhecendo junto. Ele é depositário de histórias de vida. Suas mudanças estruturais e funcionais afetam de certa maneira a vida de seus habitantes, condicionando-a, pois

A análise do bairro no conjunto das transformações que tocam a metrópole contemporânea aponta uma reestruturação imposta pelo poder político que, ao mudar a configuração morfológica dos bairros na metrópole, muda, significativamente, o uso desses espaços, redefinindo sua função. O bairro articulado com uma nova função produz uma ordem por meio do uso do espaço e da organização do tempo, implicando em uma hierarquia minuciosa dos lugares, dos instantes, das ocupações. Com isso, reestrutura-se a vida dos habitantes (CARLOS, 2001, p. 247).

No aspecto mencionado, apreende-se que estudar o dinamismo da cidade perpassa pelo entendimento da constituição dos bairros, fragmentos ou parcelas da urbe, pois, de acordo com Carlos (2001, p. 246) “a metrópole não se explica pelo bairro, nem o papel do indivíduo na sociedade se resume aos papéis vividos no bairro, mas é possível pensá-la a partir do bairro (em sua relação com a metrópole)”.

Infere-se que o bairro é um importante instrumento de análise geográfica, que ficou por muito tempo esquecido. Na academia, são produzidos muitos trabalhos sobre bairros; no entanto, o tratamento teórico-conceitual dado a ele, segundo o autor Marcelo Lopes de Souza mencionou no ano de 1989, naquela época era escasso:

Quando se examina a literatura acadêmica (sociológica, geográfica, urbanística e antropológica) à procura de tratamentos teórico-conceituais da realidade bairro, surpreende-se com a relativa escassez destes, pelo menos no que concerne a contribuição de peso. Na Geografia, a discussão teórica sobre o bairro tem sido tradicionalmente superficial. Não faltaram, é certo, alusões aos bairros nas grandes obras de sistematização teórica em Geografia Urbana, onde um (ou mais) bairro (s) era (m) objeto de atenção (SOUZA (c), 1989, p. 141).

Nesse sentido, esperamos que esse estudo contribua com o desenvolvimento das pesquisas sobre bairro, importantes particularidades da cidade, que pode ser atrativo ou segregado (para morar ou passear) dependendo de sua localização, das

classes sociais existentes e ainda, das boas ou más referências constantes nele – bar, pagode, chorinho, tipo de comércio e serviços, criminalidade e outros.

Em Vitória, temos como exemplo de referências de bairros o Femusquim¹², no Morro dos Alagoanos; o bar do Bigode, no morro Jesus de Nazareth; o bar do Ceará, em Jucutuquara; as peixarias, na Praia do Suá – do relato do geógrafo Thalismar, foi extraído que a Praia do Suá caracteriza-se

[...] pela presença significativa de estabelecimentos comerciais ligados aos produtos do mar. Nesse sentido, a atividade da pesca artesanal se expressa no bairro a partir desses estabelecimentos, o que torna a Praia do Suá, uma das referências da Grande Vitória quando pensamos em peixarias [...].

Assim, vislumbra-se que um bairro, produto de um plano urbano, por meio de suas especificidades, demonstra o crescimento, o desenvolvimento e, até mesmo, a importância da cidade diante de outras cidades, ou seja, ele é o reflexo da urbe.

Sendo assim, os bairros possuem identificações de pontos de vistas diferentes, que variam de acordo com o conhecimento, familiaridade, uso e outras particularidades constantes nele.

Neste sentido, Lynch (2006, p. 76) diz que “os nomes dos bairros também ajudam a conferir-lhes identidade”, embora pensemos que algumas características que deram origem aos nomes sejam perdidas no processo de urbanização.

Constatamos em Vitória, em alguns bairros, a ocorrência descrita por Lynch (2006): Praia Comprida (atualmente Praia do Canto), Praia do Suá e Praia de Santa Helena (atualmente Santa Helena) – as praias desapareceram com os aterros; Goiabeiras, Ilha de Monte belo, Jucutuquara e outros – os nomes não condizem mais com o espaço outrora produzido.

Cada nome é parte de uma história que deu origem ao bairro. Segundo Corrêa (2007, p. 176), faz parte da toponímia¹³ “nomear e renomear rios, montanhas, cidades, bairros e logradouros”, por ter significado político e cultural [...] e “as

¹² Festival de música de botequim, com participação da Prefeitura Municipal de Vitória.

¹³ Segundo Corrêa (2007, p. 176) “A toponímia constitui-se em relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. É ainda um poderoso elemento identitário. [...] em realidade articula linguagem, política territorial e identidade”.

relações entre toponímia e identidade também estão presentes no espaço urbano, traduzindo-se nos significados dos nomes dos bairros e logradouros”.

Os bairros, no entendimento de Lynch (2006, p. 74), são

Áreas relativamente grandes da cidade, nas quais o observador pode penetrar mentalmente e que possuem algumas características em comum. Podem ser reconhecidos internamente, às vezes usados como referências externas – como, por exemplo, quando uma pessoa passa por eles ou os atravessa.

Esse urbanista falando de outra realidade, de bairros de cidades norte-americanas, coloca algumas peculiaridades válidas, também, para os nossos bairros, como por exemplo, a percepção que temos deles em relação ao reconhecimento.

De acordo com Lefebvre (1975, apud Ramos, 2004, p. 82), o bairro [...] “só pode ser definido a partir da cidade enquanto totalidade”. Sendo assim, não existe cidade sem bairro (LEFEBVRE, 1975), pois, cada bairro, com suas especificidades, em meio às tentativas de homogeneização (LEFEBVRE, 2002), representa a cidade da qual é parte e reflexo. O bairro foi planejado com vistas a uma funcionalidade que a cidade necessita para se desenvolver.

Para Lynch (2006, p. 75), os bairros são determinados por características físicas, “por possuírem uma variedade de componentes, tais como: textura, espaço, forma, detalhe, símbolo, tipo de construção, usos, atividades, habitantes, estado de conservação, topografia”, que os particularizam e também os fazem ser (re) conhecidos, valorizados ou não.

Em uma escala espacial micro, pensamos que o bairro reflete a cidade do qual faz parte, assim como, de acordo com Milton Santos, em cada lugar é possível encontrar movimentos da totalidade, numa escala espacial macro.

Neste sentido, concordamos também com o pensamento de Boff (2004, p. 19), quando diz que “há um descuido e um abandono crescente da sociabilidade nas cidades. A maioria dos habitantes sentem-se (sic) [...] desenraizados culturalmente e alienados socialmente. Predomina a sociedade do espetáculo, do simulacro e do entretenimento”, ou seja, não existe um sentimento de pertencimento à cidade e sim, de usuários, consumidores – “forasteiros” e não habitantes – excluídos socialmente.

Os bairros fazem a cidade, assim como a cidade faz os bairros, por meio dos planos urbanos, existindo assim uma reciprocidade. E esse fazer é mais do que ser parte, é tornar a cidade mais ou menos importante, é fazer a cidade ser conhecida pelas especificidades que existem neles. Sendo assim, os bairros promovem ou não as cidades, porque são as suas referências que constroem a história da cidade, pois

Um olhar fenomenológico sobre a constituição dos bairros, evidencia que o bairro corresponde a uma certa [sic] parcela da cidade que, por força de relações sociais, constitui para o indivíduo um Espaço vivido e sentido. O reconhecimento e a sensação do bairro, que advém do fato de ser ele o Espaço onde se encontra a casa de um indivíduo, e onde ele talvez tenha nascido, onde se acham igualmente as casas de amigos, a praça que ele frequenta aos domingos pela manhã é entretanto [sic] aqui colocado em termos ideais (SOUZA, 1989, p. 149).

No entanto, o autor mencionado admite que a vivência no bairro tenha intensidade variável, ou seja, nem todos possuem o sentimento de apego e afeto ao lugar, pois, para muitos, o bairro não tem significância.

Os bairros são particularidades da cidade; Lynch (2006, p.75) concluiu diante de respostas de entrevistados que, “mesmo quando não eram usados para a orientação, os bairros continuavam sendo uma parte importante e satisfatória da experiência de viver na cidade e eram os elementos básicos da imagem da cidade”.

Os bairros são dependentes da cidade que, por intermédio da urbanização, os aparelha com os recursos necessários para atender as necessidades dela e dos habitantes dele, pois, de acordo com Lefebvre (1975, p. 201-202, apud Ramos, 2004, p. 82), “[...] é ao nível do bairro que o espaço e o tempo dos habitantes tomam forma e sentido no espaço urbano”, enfatizando a importância desse recorte da cidade.

De acordo com Ramos (2004, p. 82), “o bairro também pode ser entendido como uma mediação entre o espaço privado (da casa, da família) e o público, entre a vida familiar e as relações societárias mais amplas”. O bairro promove, assim, convivências e interações nas quais as pessoas têm uma referência, uma familiaridade, um acolhimento, conforme a abordagem seguinte.

A atribuição de um significado ao bairro, a formação de uma imagem mental forte, a construção da identidade do bairro na mente do indivíduo, a própria

bairrofilia¹⁴, dependem de diversas circunstâncias [...]. De outra parte, uma sensação especial de familiaridade e intimidade com o bairro onde se mora normalmente não se reproduz com a mesma intensidade ou da mesma forma relativamente a outros bairros da cidade – os quais são conhecidos por força do deslocamento para o trabalho, para o lazer esporádico ou para as residências de parentes ou amigos; e, eventualmente, em muitos deles, um determinado indivíduo pode nunca ter posto o pé. [...] o bairro onde se mora permanece quase sempre sendo o Espaço mais intensamente vivenciado, mesmo quando a bairrofilia não é muito pronunciada (SOUZA, 1989, p. 150).

O bairro é então, para muitos, o lugar por “excelência” onde as histórias de vida dos indivíduos e de uma comunidade estão ligadas por elementos de uso comum como, por exemplo, os percursos e os estabelecimentos diversos. Nesse aspecto, Carlos (2001, p. 245) diz que “o uso dos espaços do bairro revela o tempo da vida que vai sendo suprimido pela ausência dos contatos [...]”, escassez justificada em decorrência do tempo reduzido para a prática da vizinhança, advinda, entre outros fatores, da submissão do indivíduo a lógica do mercado.

O próximo item busca entender a relação entre o processo de produção do espaço urbano e a paisagem, como suporte ao desenvolvimento desse estudo que se propõe a discutir mudanças e permanências em um bairro da cidade de Vitória.

2.3 A PAISAGEM QUE RESULTA DO PROCESSO DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

Para desenvolvimento da temática tratada nesse subcapítulo, consideramos importante entender o significado da produção do espaço – sua origem, manifestações, práticas e as contradições inerentes dela. Sendo assim, uma das definições encontrada nos auxiliou na compreensão desse processo.

A expressão “produção do espaço” [grifos do autor], provavelmente cunhada por Lefebvre no final dos anos 60, visa responder aos processos de reprodução das relações capitalistas de produção. O espaço para Lefebvre (1974) consiste, *grosso modo* [grifos do autor], no lugar onde as relações capitalistas se reproduzem e se localizam com todas as suas

¹⁴ Esse autor chamou de bairrofilia “a simpatia, que se realiza como afeição pelo bairro, apego ao bairro, recordando a idéia geral de Tuan (Topofilia)”. Ressaltamos, no entanto, que a noção de topofilia é de Gaston Bachelard (1957), em sua obra “A poética do espaço”, divulgada por Tuan (1983).

manifestações de conflitos e contradições. Embora Lefebvre tenha contribuído para análise espacial ao incluir a idéia de produção do espaço na tese reproducionista, esta não representou, de acordo com Smith (1988, p. 142), uma “ruptura radical com a tradição marxista clássica, especialmente (...) no que diz respeito à produção da natureza e à relação entre natureza e espaço”. No final dos anos 1970, a imunização contra o pragmatismo descritivo da disciplina, assume a forma de uma concepção estrutural de sociedade e de espaço cujo foco das análises dirigia-se para as contradições, os conflitos e os antagonismos inerentes aos movimentos da estrutura social. Logo, o espaço revelava no conteúdo de suas formas as mesmas contradições que o produziram. Essas, por sua vez, geravam também as condições de reprodução das relações sociais. Nesse sentido, o espaço é resultado e, ao mesmo tempo, condição da reprodução social. Em outras palavras, o espaço consiste em um “efeito” que se transforma em “causa”, ou, um resultado que se transforma em processo (GODOY, 2004, p.3).

O processo de produção do espaço urbano constitui-se de etapas, de períodos históricos, de formas diversas de se apresentar, assim como de agentes sociais representados pela iniciativa pública, privada e população, individualmente e/ou em parcerias.

Nesse sentido, é importante localizar também o processo de reprodução do espaço urbano, que segue a lógica capitalista, pois, segundo Carlos (1994, p. 83), “recria constantemente as condições gerais a partir das quais se realiza o processo de reprodução do capital”.

No conteúdo do espaço produzido, encontram-se as paisagens, em várias apresentações e representações, as quais auxiliam o entendimento da construção espacial, que de acordo com Carlos (1994, p. 50), são percebidas conforme se segue:

O primeiro aspecto que chama atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes estes que vão desde o tipo de utilização que se faz da cidade à diferença entre as mesmas utilizações, isto é, a diversidade dos usos do solo e *dentro* [grifos da autora] de cada uso.

A ideologia também produz o espaço e o espaço produz ideologia construindo uma paisagem abstrata, muitas vezes, irreal, fora dos contextos apresentados.

Nessa construção, indubitavelmente, ocorrem contradições, pois, os agentes e as intenções de uso do espaço se modificam constantemente demonstrando o quanto esse é dinâmico, seguindo o movimento da vida. Nesse sentido, as paisagens, produtos do processo de produção e indicativo das necessidades de produzir, propiciam a leitura do espaço ao longo do tempo.

Sendo assim, o espaço é repensado pelas exigências do processo de produção do espaço urbano que precisa se reproduzir quer seja pela modernização, para acompanhar o processo geral de produção do modo capitalista ou por necessidades emergentes locais.

Em contrapartida, os espaços também modificam o conteúdo da urbanização, quando não se adequam totalmente ao estabelecido nos planos urbanos, por ocasião de tentativas de criar outras realidades nos lugares, fazendo com que o processo seja revisto ou repensado, já que se (re)produz por tentativas.

Nesse percurso, o indivíduo, para produzir uma segunda natureza, necessita interferir na primeira, da qual faz parte. Ao interferir na primeira natureza para modificá-la, o que é inevitável, ele interfere em sua própria natureza, causando desequilíbrios a si e ao ambiente em que habita.

Assim, na produção dos espaços, marcas (como cicatrizes) são deixadas sinalizando os trabalhos produzidos pela sociedade que se espacializa, edificando e/ou que prejudicando uma população e um lugar (inerentes ao processo).

A paisagem advinda do processo de produção do espaço urbano anuncia uma tendência crescente à padronização/homogeneização de alguns ambientes; em contrapartida, denuncia a segregação de outros ambientes.

Nesse percurso, o espaço é produzido pelo incremento de estruturas, como aterros, criação de estradas, meios de locomoção, ferramentas tecnológicas, sanitarismo, mecanismos de reprodução do capital e outros componentes - importantes aparatos que o homem descobriu e que o auxiliaram a produzir novas formas que facilitam a sua vivência e convivência social.

A urbanização, fruto dessa descoberta, atende aos vários segmentos da sociedade e são importantes para o bem-estar social e para a estética da cidade; em contrapartida atende a interesses políticos e econômicos e também serve para segregar ricos e pobres nos espaços de moradia e de consumo.

Em relação aos usos e apropriações dos espaços, as diferenças se evidenciam na paisagem, conforme o pensamento da autora

As contradições sociais emergem, na paisagem, em toda a sua plenitude, pois aqui os contrastes e as desigualdades de renda afloram, já que o acesso a um pedaço de terra, o tamanho, o tipo e material de construção vão espelhar mais nitidamente as diferenciações de classe. O acesso a habitação e aos meios de consumo coletivo serão diferenciados segundo a camada social que se localizará e morará de modo diferenciado na cidade (CARLOS, 1994, p. 95).

Assim, as exclusões e inclusões são inerentes no processo de produção espacial, dotado de subjetividades, que possui segmentos de várias ordens (econômicas, políticas, sociais e outras) cujas práticas beneficiam a alguns – embora em algumas ocasiões “oportunidades” sejam criadas como, por exemplo, nas convocações de órgãos públicos para que haja uma participação efetiva da população em decisões comunitárias.

Esses contrastes sociais são perceptíveis também nas modernizações produzidas no espaço, por meio de inovações tecnológicas - em moradias, na informática, no vestuário e em outros usos que promovem uma participação restrita para as classes sociais desfavorecidas financeiramente. No tocante à modernização, Santos (2008b p. 67) diz que

A partir dos anos 1960, e sobretudo [sic] na década de 1970, as mudanças não são apenas quantitativas, mas também qualitativas. A urbanização ganha novo conteúdo e nova dinâmica, graças aos processos de modernização que o país conhece e que explicam a nova situação.

Nesse percurso, a implantação das indústrias siderúrgicas e empresas multinacionais propiciou nova dinâmica reprodutiva no país, estabelecendo um novo cotidiano e impondo novos estilos de vida.

Na modernidade, em determinados locais, as formas urbanas visualizadas aparentemente são compostas de tendências à homogeneização (LEFEBVRE, 2002, pág. 47), cujo objetivo é padronizar os lugares para estabelecimento de determinadas funções de interesses de agentes apropriadores de espaço.

Em relação à modernidade, de acordo¹⁵ com Haesbaerth (2006, p. 74), “podemos afirmar que a modernidade sempre se define num sentido relacional (moderno x tradicional, presente x passado... nunca mutuamente excludentes)”. Nesse contexto

¹⁵ Para Haesbaert (2006, p. 63) “modernização” é uma ação concreta, um processo que acompanha a modernidade.

dialético (de pares), inserimos também a nossa temática – mudança e permanência, componentes de um mesmo processo, também, não dotadas de excludência.

No processo de produção do espaço urbano, os fluxos também são importantes, já que a dinâmica espacial se dá, também, por meio deles. Assim, Santos (2008b, p. 67), ao se referir à integração das regiões do Brasil através dos fluxos (transportes, comunicações e mercado), diz que “quando da intensificação da urbanização, algumas áreas eram de antigo povoamento, servidas por infra-estruturas [sic] antigas, representativas da necessidade do passado, e não respondendo, assim, às vocações do presente”.

Essas “vocações do presente” ou “modernizações” ou, ainda, interesses, que traduzem as intenções políticas e econômicas no processo de produção do espaço urbano, contribuem para o adensamento dos bairros e inchamento das cidades, com todas as consequências verificadas numa sociedade de classes (violência, tráfico, fome, pirataria e outros).

As estruturas dinâmicas que se manifestam por meio de fluxos diversos – meios de comunicação (telefone, internet e outros), estradas, ferrovias, portos, aeroportos e outros meios – facilitam os contatos; assim, “a redefinição e reestruturação interna das cidades resultou, portanto, dos novos fluxos que se estabeleceram e se intensificaram no espaço urbano” (CLEPS, 2004, p. 131).

A diversidade dos fluxos advindos de “[...] novas formas de comércio e de serviços possibilitaram a multiplicação de novas áreas de concentração e de reprodução de capital (CLEPS, 2004, p.131), pela fluidez dos processos provenientes, muitas vezes, da mobilidade proporcionada pelos fluxos”.

O movimento direcionado pelos fluxos (produções) aparece nas paisagens, advindo dos planejamentos urbanos que constroem a cidade “que se quer ter”; em contrapartida, as cidades elaboram esses planos “para se fazerem”. Carlos (2001, p. 57), se referindo à natureza da cidade, diz que “[...] ela é essencialmente algo *não definitivo* [grifos da autora]; não pode ser analisada como um fenômeno pronto e acabado, pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico. A cidade tem uma história”.

Sendo assim, infere-se que a cidade é pensada e os planejamentos urbanos são a expressão desse pensamento, materializada nas paisagens da urbe, por ocasião de sua execução. A cidade é produzida por vários agentes, inclusive os menos abastados.

Na produção da paisagem urbana, segundo Carlos (2001, p. 54),

[...] as ruas redimensionam-se e ganham outro conteúdo, que tende a eliminar o lúdico, transformando-as em lugar de passagem. O processo de reprodução do espaço urbano vai-se constituindo por meio da eliminação de antigas formas que traziam a marca da sociabilidade – pontos de encontro, o lugar da festa -, tragando os rituais e seus mistérios, eliminando referências, destruindo com isso as bases de apoio da memória social [...]. O novo engole, incessantemente, as formas onde se inscreve o passado [...].

Segundo Souza (1995, p. 66-71), “na cidade está o transporte, a especulação imobiliária, a habitação. O urbano é abstrato, é geral, é o externo, onde estão a produção, as classes sociais, a divisão do trabalho”. Nesse sentido, Carlos (1994, p. 84) diz que “o espaço urbano aparece como concentração através da cidade”, que é uma das “condições históricas necessárias ao seu aparecimento, que transcende o meramente econômico” e que “a cidade é também uma forma de apropriação do espaço urbano produzido”.

Em relação ao urbano, a autora mencionada diz ainda que

[...] é um produto do processo de produção num determinado momento histórico, não só no que se refere à determinação econômica do processo (produção, distribuição, circulação e troca), mas também as sociais, políticas, ideológicas, jurídicas que se articulam na totalidade da formação econômica e social. Desta forma, o urbano é mais que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir; enfim, é um modo de vida. É, todavia, na materialização da divisão espacial do trabalho, que aparecem as relações contraditórias do processo de reprodução do capital (CARLOS, 1994, p. 84).

Assim, o modo de vida nas cidades é ditado pelo padrão urbano (moderno), por meio do lazer, habitação, vestimentas, escolarização e tantos outros modos de homogeneizar para excluir e segregar.

A paisagem das cidades construída pela produção do espaço urbano possui outros conteúdos, tal qual o comércio, pois

A urbanização foi um importante instrumento para ampliar a capacidade de comércio, pois, à medida que a cidade se expandia, criavam-se novos

pontos de atração para a localização dos novos tipos de estabelecimentos comerciais, ou seja, novas centralidades (CLEPS, 2004, p. 128).

Assim, o comércio como componente da urbanização visa, também, a aparelhar a cidade de importantes fontes de recursos, indispensáveis à sobrevivência do homem moderno, pois

A urbanização possibilitou o surgimento de novas formas e equipamentos comerciais que passaram a concentrar a atividade comercial, os serviços e até as informações, a exemplo de cadeias de lojas, das ruas de comércio especializado, os supermercados, mais recentemente os hipermercados como os novos centros de poder e de decisões econômicas. Nesse contexto, as cidades tornaram-se centros terciários, lugares onde se realizam troca de produtos e de idéias onde se processa os contatos entre pessoas e instituições onde estão os locais de diversão, de assistência médico-hospitalar, entre outros. (CLEPS, 2004, p. 130).

As cidades aparecem como elementos essenciais para o processo de produção do espaço urbano. Nelas se materializam as conveniências da sociedade capitalista trazendo consigo as subjetividades e também as contradições, inevitáveis, advindas da urbanização. É assim que nas cidades aparecem também as relações de poder, manifestadas nas desigualdades sociais, “por meio dos conflitos entre indivíduos e usos” (CARLOS, 1994, p.86).

O conteúdo das cidades, enquanto materialização da condição geral da produção, de mercado, de concentração de atividades produtivas, meio de consumo coletivo, *locus* da habitação e outros, é reproduzido em outras instâncias do espaço urbano como, por exemplo, nos bairros, que dentro de uma micro escala representam a cidade e o movimento geral do processo de (re)produção do espaço.

A especulação imobiliária é beneficiada pelo comércio, pois, de acordo com Cleps (2004, p. 130), “no processo de expansão urbana, especialmente das metrópoles, o comércio influencia na valorização e desvalorização das áreas”, é estratégico.

A lógica capitalista privilegia algumas áreas dotando-as de equipamentos necessários à reprodução do capital, em detrimento de outras áreas, e explicitando as segregações espaciais e sociais, que aparecem sob a forma de bairros nobres, mas que também, por meio das contradições do processo, aparecem sob a forma de bairros pobres – haja vista as cidades que possuem morros em sua dimensão, que se localizam em meio aos grandes centros urbanos, o que reflete a contradição do espaço.

A localização, dependendo dos interesses, pode tornar-se privilegiada. Assim, um lugar aparentemente sem importância pode ser valorizado, com a implantação de atividades (comerciais, industriais e/ou de serviços) que proporcionem a reprodução do capital.

Analizando o processo de urbanização no séc. XX, observa-se que este se caracteriza, principalmente, por uma nova estruturação espacial, cuja origem do processo encontra-se na multiplicação e diversificação das áreas de concentração das atividades de comércio e de serviços (CLEPS, 2004, p. 130 e 131).

No local de estudo, foi notória essa tentativa de estruturação, sobretudo a partir dos anos de 1990, quando mudanças estruturais marcantes se evidenciaram, com alterações significativas de algumas formas espaciais.

Na dinâmica urbana, o tempo todo, novos elementos são incorporados e/ou extraídos da paisagem, dificultando uma leitura, uma classificação, dados os contrastes existentes, já que é necessária uma visão de conjunto – o que faz, parafraseando Lefebvre (2002), que nenhum lugar urbano seja igual a outro, apesar de esforços de homogeneização, manifestada por campos de tensões.

Os lugares ficam semelhantes a um mosaico, com formas recentes e antigas, que se contrastam, denotando modos de produções de distintos tempos e agentes sociais diversos. As diferenciações devem-se também a outro movimento, o das pessoas, pelo “[...] fato de que a cidade é antes de mais nada [sic] uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, o que enreda uma disputa de usos” (CARLOS, 1994, p. 50).

A fluidez proveniente do dinamismo espacial pode causar sentimentos ambivalentes nos sujeitos (conflitos e tensões), que ficam com saudade do velho e expectativa do novo. De acordo com Santos (2005, p. 28)

O modo de produção expressa-se pela luta e por uma interação entre o novo, que domina, e o velho. O novo procura impor-se por toda a parte, porém sem poder realizar isso completamente. O velho é o modo de produção anterior, mais ou menos penetrado pelas formas sociais e pelas técnicas que correspondem ao modo de produção novo, mas sempre comandado pelo modo de produção novo. Daí chamar-se a esse modo de produção “atual” (grifo do autor), em plena existência, um modo de produção puro: ele não se realiza completamente em parte alguma.

Não há, portanto, uma total submissão e passividade nas relações sociais, mas interações, trocas, interesses.

Os planos urbanos são destinados ao lugar, ao bem-estar dos moradores e ao desenvolvimento da urbe; portanto, nosso olhar estará voltado para a produção da cidade, que se dá por intermédio dos planos urbanos, que ora serão apreciados por um ponto de vista técnico, quando por ocasião da implantação deles (infraestrutural), e ora por um ponto de vista político, quando as intenções ficarem manifestas na paisagem.

Em continuidade aos nossos propósitos, prosseguiremos com o encaminhamento metodológico, cujo embasamento advém do pensamento de alguns dos teóricos referenciados anteriormente.

2.3 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

A observação na paisagem do lugar e no seu entorno foi a forma de aproximação com o objeto em estudo, pela qual constatamos a existência de elementos produzidos em tempos diferenciados e por agentes diversos.

Neste sentido, Santos (2008, p. 106) diz que,

Cada lugar combina variáveis de tempos diferentes. Não existe um lugar onde tudo seja novo ou onde tudo seja velho. A situação é uma combinação de elementos com idades diferentes. O arranjo de um lugar, através da aceitação ou rejeição do novo, vai depender da ação dos fatores de organização existentes nesse lugar, quais sejam, o espaço, a política, a economia, o social, o cultural...

Acompanhando o pensamento de Santos (2008), ficamos cientes de que há mutações na paisagem e que estas podem ser estruturais ou funcionais; sendo assim, decidimos fazer uma leitura da paisagem da Praia do Suá ao longo do tempo para descobrirmos essas mutações e posteriormente, construir um entendimento da construção dessa categoria geográfica, que se descortina no lugar de estudo, em forma de mosaico (SANTOS, 2008).

A respeito do mencionado, consideramos também o que diz Carlos (2001, p. 40): “da observação da paisagem urbana depreendem-se dois elementos fundamentais: o primeiro diz respeito ao “espaço construído” [grifos da autora], imobilizado nas construções; o segundo diz respeito ao movimento da vida”.

Nos aspectos mencionados, Santos (2008, p. 76) diz que “as ruas, a praça, o logradouro funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano”, constituindo-se alterações funcionais. Para esse autor, uma mudança estrutural “se dá também pela mudança das formas” e “alterações de velhas formas para adequação às novas funções são também mudança estrutural”.

A observação na paisagem do lugar, advinda da nossa percepção¹⁶ permitiu conhecer, no conteúdo das suas mutações, permanências e rupturas, provenientes do processo de (re)produção do espaço urbano, assim como identificar estratégias utilizadas pelos moradores que também produzem os movimentos mencionados.

No caminho da pesquisa fizemos uma releitura da história da Praia do Suá, a partir da sua gênese, contada por jornalistas e historiadores, ligando os agentes sociais, utilizando o espaço-tempo dos sujeitos e processos que produziram e que produzem o lugar, tais como os planos urbanos, os imigrantes pescadores e comerciantes e outros habitantes.

Para construir um entendimento da estrutura e funcionalidade da Praia do Suá ao longo do tempo, analisamos a produção do bairro em momentos, que chamamos de “históricos/geográficos”, utilizando, como procedimentos, o da observação empírica (a partir da vivência no lugar), recursos fotográficos e cartográficos e de olhares advindos de agentes sociais diversos – entre esses, moradores nativos, não nativos e não moradores (os de fora).

Assim, no primeiro momento, foi realizada uma análise da produção do lugar com o objetivo de compreender a sua constituição como praia e vila de pescadores. Essa etapa do estudo teve como objetivo conhecer a **forma, a ocupação e o modo de vida dos primeiros habitantes**, assim como de uma paisagem construída na

¹⁶ Para Santos (2008, p. 68), “a dimensão da paisagem é a dimensão da percepção [...]. A percepção é sempre um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada [...]”.

época, com vistas a (res)significar o lugar. Nesse sentido, o mar que margeava a Praia do Suá é considerado como elemento significativo, pois permeava o modo de vida.

No segundo momento, foi realizada uma análise do bairro que ficou sem o mar, “substituído” por um aterro. Essa etapa do estudo teve como objetivo, acompanhar o **anúncio de mudança na estrutura e funcionalidade do lugar**, objetivando entender os reflexos do novo limite no bairro, entre esses, um conflito (ambivalência de sentimentos) que se estabeleceu entre os moradores.

O terceiro momento visou a avaliar a “amnésia” e o aparecimento de uma suposta tensão, e teve por objetivo acompanhar a **mudança na estrutura e funcionalidade do lugar**, que em decorrência das transformações, se reorganiza internamente.

Os três momentos mencionados possibilitaram o entendimento da paisagem que se descortina na Praia do Suá no início do século XXI, assim como, das tendências de transformação no/do lugar, permitindo a construção de um quarto momento, a partir da **constatação de mudanças e permanências no lugar**, as quais apontam para uma redefinição do bairro.

De posse desses entendimentos oportunizados, também, pela vivência no lugar, essa autora, na condição de sujeito/objeto/pesquisadora, ao analisar o histórico do bairro, retifica e acrescenta fatos não alcançados pelos escritores mencionados.

Para o desenvolvimento do estudo, utilizamos entrevistas¹⁷ com moradores antigos e questionário com perguntas abertas e fechadas aplicado a não moradores do lugar¹⁸, que foram cruciais para o entendimento da espacialização identificada nas mutações da paisagem do lugar, também na percepção desses agentes sociais.

¹⁷ Os entrevistados, em torno de 15 (quinze) pessoas, foram escolhidos entre membros da família da autora (pai, irmãos, esposo, primo e cunhada), moradores mais antigos do lugar, entre esses, nativos, não nativos e, também, ex-moradores. É importante ressaltar que não houve preocupação com o quantitativo de entrevistados e sim com o conteúdo dos relatos, os quais auxiliaram na condução do estudo. As entrevistas não foram estruturadas, com o fim de deixar fluir o pensamento no processo de recordação do passado e de percepção do presente.

¹⁸ Em um total de 15 (quinze) pessoas, moradoras de outros bairros de Vitória e de outros municípios (Cariacica, Serra e Vila Velha). A escolha recaiu sobre colegas de trabalho, de estudo e de conhecidos, com a utilização da tecnologia proporcionada pela internet – e-mails.

As conclusões dessa autora em estudo anterior¹⁹ subsidiaram a pesquisa, demonstrando que a Praia do Suá era um resíduo na cidade e que estava sofrendo uma pressão em seu entorno, por meio de tentativas de padronização, advinda de movimentos na urbe.

Na pesquisa em curso, o conceito de lugar que escolhemos para fazer referência à Praia do Suá é proveniente do pensamento de Tuan (1983, p. 3) – “os lugares são centros aos quais atribuímos valor e onde são satisfeitas as necessidades biológicas de comida, água, descanso e procriação” – e Carlos (2007, p. 17 e 18), quando diz que

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida — apropriada através do corpo — dos sentidos — dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* [...].

O bairro nesse estudo é concebido ora como limite administrativo condicionado às forças de decisões da urbe, às tentativas de padronização, ora como um lugar, apropriado pelos seus moradores, que fazem tentativas de preservação de sua cultura e identidade, expressas no lugar/bairro. Nesse sentido concordamos com Souza, quando diz que

O reconhecimento e a sensação do bairro, que advém do fato de ser ele o Espaço onde se encontra a casa de um indivíduo, e onde ele talvez tenha nascido, onde se acham igualmente as casas de amigos, a praça que ele frequenta aos domingos pela manhã é entretanto [sic] aqui colocado em termos ideais (SOUZA, 1989, p. 149).

Após particularizarmos e nos apropriarmos da noção de lugar e bairro, podemos dizer que a paisagem no interior do bairro se apresenta em forma de mosaico com objetos novos e antigos que se misturam à cotidianidade dos moradores e se contrastam, oportunizando analisar relações sócio-espaciais.

Em relação à morfologia, o bairro possui uma configuração que lembra o de uma “ilha urbana, cercada pela modernidade da Enseada do Suá e de Bento Ferreira” (MATTEI, 2002), fato que causa um mal estar em algumas pessoas que receiam que a tendência do bairro é ser “engolido” pela urbanização.

¹⁹ Monografia intitulada “De periferia a centro: produção do espaço da Praia do Suá” (2001).

Nesse sentido, inferimos que as relações sócio-espaciais na Praia do Suá não deveriam ser desprovidas de tensão já que o novo, o externo pode abalar a vida cotidiana, parafraseando (CARLOS, 2001), em relação à mobilidade, ao barulho, à movimentação, aos valores impostos por novos modos de vida, à perda dos referenciais de vizinhança, à cultura do bairro (festas, comemorações) etc.

2.1.1 O reconhecimento de uma tensão

Para identificar uma suposta tensão²⁰, decorrente das transformações espaço-temporais da paisagem, utilizamos vários instrumentos metodológicos – mapas, fotos antigas e recentes, aéreas, assim como relatos de agentes sociais diversos, os quais embasaram a pesquisa empírica.

A teoria também foi um importante suporte, tal como expressada por Carlos (2001, p. 40):

Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradições e, portanto sem luta. A paisagem geográfica revela os antagonismos e as contradições inerentes ao processo de produção do espaço num determinado momento histórico.

A metodologia aplicada teve em vista responder aos questionamentos decorrentes da temática tratada no estudo. Nesse sentido, o esforço científico se concentrou na seguinte questão: quais são os processos e formas em torno da tensão e como a paisagem contribui na leitura e no entendimento do espaço em transformação?

Como desdobramento da questão central, pretendemos demonstrar na Praia do Suá movimentos estruturais e funcionais, decorrentes da mutação na paisagem.

Pretendemos, ainda, (re)conhecer os agentes da suposta tensão, as práticas que manifestam a permanência e a mudança e como essa tensão é percebida espacialmente.

²⁰ Vista aqui como desacordo, indefinição, situação de conflito, relação de poder...

Assim, os seguintes procedimentos foram executados: confronto do mapa da Praia do Suá de uso do solo do ano 2000²¹, com o do ano de 2009 - na análise da produção no bairro e em seus limites; de fotos aéreas do lugar nos anos de 1970, 1976 e 1996 - na análise da produção nos limites do bairro; fotos recentes e antigas da Praia do Suá - no acompanhamento do dinamismo sócio-espacial-temporal no bairro; posicionamento em forma de relatos de antigos moradores nativos e não nativos para saber como participam e acompanham as mudanças, e não moradores para conhecer como percebem as transformações no bairro.

Para demonstrar a espacialidade da tensão (agentes e objetos) foram construídos mapas de permanência e mudança (Apêndices), que permitiram a identificação de resíduos e de inovações no lugar, os quais compõem a paisagem atual da Praia do Suá, construída ao longo do tempo por vários agentes sociais.

As mudanças e permanências, categorias contraditórias²² e participantes de um mesmo processo foram analisadas separadamente nos mapas, com o fim de proporcionar ao leitor o conhecimento da formação e da transformação da paisagem no tempo, que no momento atual, se apresenta em forma de mosaico (ao ser visualizada internamente) e de ilha urbana (ao ser visualizada externamente).

A pesquisa bibliográfica foi também um instrumento crucial, que permitiu analisar a temática em vários momentos históricos, a partir da constituição da paisagem do lugar, assim como da transformação da primeira natureza e produções espaciais ao longo do tempo.

O próximo capítulo trata da produção do lugar em estudo, cuja gênese é proveniente da necessidade de expansão física e econômica da cidade de Vitória, motivada por aspectos políticos, econômicos e sociais (contextos da época).

Nesse sentido, analisam-se os projetos/planos urbanos que foram criados para promover o desenvolvimento da cidade, identificando os que produziram reflexos

²¹ Mapa síntese das Conclusões da Monografia, da autora desse estudo, no ano de 2001: “De periferia a Centro: produção do espaço da Praia do Suá.

²² De acordo com Konder (2008, p. 52), “mudança e permanência são *categorias reflexivas* [grifos do autor], isto é, uma não pode ser pensada sem a outra [...], são como “cara e coroa” [grifos do autor], duas faces da mesma moeda”.

aparentes na paisagem da Praia do Suá – o “Novo Arrabalde” e o “Aterramento da Praia do Suá”.

Assim, acompanha-se ao longo do tempo, por meio de vários instrumentos metodológicos (fotos aéreas, antigas e atuais, mapas, documentos, questionários, entrevistas etc.), a transformação sócio-espacial da Praia do Suá em decorrência do dinamismo da urbe.

Nos contextos mencionados, explicitam-se processos e agentes produtores da paisagem do bairro, assim como a inserção da Praia do Suá na trama urbana, ou seja, a passagem de vila de pescadores a bairro²³; faz-se, ainda, uma breve explanação sobre o bairro Enseada do Suá, que possui elementos em sua paisagem que modificaram a estrutura sócio-espacial-cultural da Praia do Suá – o Shopping Vitória e a Terceira Ponte.

²³ Em anexo, quadro síntese desse processo.

4 DE VILA DE PESCADORES A BAIRRO: O COTIDIANO E O BUCOLISMO EM TRANSFORMAÇÃO

A mudança na paisagem da Praia do Suá começou a se processar no final do século XIX, demarcando “o primeiro momento” de nossa análise, que se deu por intermédio de um planejamento urbano - transformação da primeira natureza - quando o lugar em estudo possuía características naturais, que de acordo com Derenzi (1965), dificultavam o acesso, quais sejam: a presença de intensa cobertura vegetal, assim como, alagadiços e o mar, que faziam parte da paisagem local.

O contexto do primeiro momento histórico-geográfico¹ – é caracterizado quando a cidade de Vitória possuía uma economia incipiente e pequena área física, cujos aspectos dificultavam o seu crescimento econômico, conforme discursou na época o governante.

A gênese da Praia do Suá advém do projeto governamental, “Novo Arrabalde” (processo que possibilitou o surgimento do bairro) que a partir de algumas obras como estradas, facilitou o acesso ao lugar até então, dificultado por elementos naturais – mar, mangues, montanhas e arborizações.

O governo, por meio do plano mencionado foi o indutor da ocupação do lugar, que se tornou habitável e próprio para o exercício da atividade pesqueira. A paisagem que se formava, a princípio, foi produzida pelo governo – aterros, estradas, um grande hospital², loteamentos, linhas de bondes. Com a ocupação, à paisagem natural do lugar foram incorporados novos elementos – o humano e suas conseqüentes produções.

¹ “O espaço geográfico não é estático, mas uma produção humana contínua, um “fazer incessante”. É um produto histórico que se originou historicamente; não é um palco das atividades humanas, [...] o espaço geográfico é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, portanto, um produto histórico; é resultado da atividade de uma série de gerações que através de seu trabalho acumulado tem agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural. O processo geográfico é, assim, um todo estruturado que se cria e se desenvolve à medida que a sociedade, ela própria, desenvolve-se” (CARLOS, 2001, p. 31 e 32).

² Que seria uma Santa Casa de Misericórdia, cujas obras foram abandonadas devido à extinção da comissão de melhoramentos, responsável pelo empreendimento e loteamentos.

Ao se apropriarem do lugar os primeiros habitantes o dotaram de elementos materiais (de moradia, trabalho e lazer) e imateriais, constitutivos de sua identidade de pescadores portugueses, caracterizando-o com a cultura, proveniente de sua terra natal. O isolamento do lugar pode ter favorecido a sua ocupação pelos primeiros habitantes, pois, oportunizava a reprodução da cultura do seu país de origem.

Destarte, condizente com a função que se prenunciava, formas foram surgindo – casas de palha e barcos, festividades (que mostravam um movimento funcional da paisagem, por ocasião de sua realização); e elementos simbolizando o trabalho dos primeiros moradores – barcos, a primeira peixaria (colônia de pesca) e a sua religiosidade, materializada na construção da igreja.

Desde a sua constituição, a paisagem da Praia do Suá era de um lugar segregado e parece que estava fadada a continuar sendo, pois além de possuir obstáculos naturais, verificamos que no projeto “Novo Arrabalde”, a Praia do Suá foi escolhida para abrigar um hospital de dimensões descomunais em relação ao seu espaço físico.

A construção desse hospital se fazia necessária, pois, conforme relata Campos Junior (1996, p. 129) “o maior problema urbano daquele tempo era o saneamento. Não havia nenhum tipo de infraestrutura, água, esgotos ou energia. Isso contribuía para as frequentes epidemias que assolavam a população da Capital”.

Quanto à localização do hospital, para um melhor entendimento, se nos dias atuais, sua extensão ocuparia parte da Avenida João Baptista Parra (atrás da Biblioteca Estadual), passando pela Rua Almirante Tamandaré, seguindo à esquerda pela Avenida Ferreira Coelho em direção à Avenida Nossa Senhora dos Navegantes, passando por parte desta, encontrando novamente com a Avenida João Baptista Parra, conforme a Figura 7 e apêndices A e B (mapas explicitando ruas e avenidas).

Os poucos lotes, que existiam na Praia do Suá, advindos do projeto do “Novo Arrabalde”, provavelmente, não seriam ocupados pela elite³, principalmente, em virtude do preconceito que existia em relação à localização dos hospitais, sobre a

³ Lembrando que um dos objetivos desse planejamento era criar espaços para a elite morar, o que não ocorreu na Praia do Suá.

e assim, mantê-los afastados, por meio de um rígido controle sanitário⁴, que possibilitava aos pobres o acesso aos tratamentos gratuitos ou sem grandes despesas, e aos ricos a garantia de não serem vítimas de fenômenos epidêmicos originários da classe pobre.

De acordo com Foucault, em 1875 teve início o controle da vacinação, registro de epidemias e doenças capazes de se tornarem epidêmicas, complementando a “Lei dos Pobres”, obrigando-os à declaração de doenças perigosas, localização de lugares insalubres e eventual destruição de focos de insalubridade.

Nos contextos mencionados é que aparece o hospital, que conforme Foucault (1979, p.102),

O Hospital Geral, lugar de internamento, onde se justapõem e se misturam doentes, loucos, devassos, prostitutas, etc., é ainda, em meados do século XVII, uma espécie de instrumento misto de exclusão, assistência e transformação espiritual, em que a função médica não aparece.

O modelo de hospital escolhido pelo engenheiro Saturnino de Brito para funcionar na Praia do Suá foi o da Santa Casa de Misericórdia; e o principal propósito era o de resolver problemas sanitários, que ocasionavam constantes epidemias. O tamanho do terreno constante no Projeto Novo Arrabalde para construção desse hospital indica ou sugere que seria uma instituição para amplo atendimento e afastada do núcleo central.

A Santa Casa de Misericórdia, assim chamada em vários lugares, surgiu em Portugal antes dos anos de 1500, foi estabelecida no Brasil no início do século XVI e em Vitória⁵, na Praia do Suá, teve início de construção no final do século XIX.

Provavelmente trazida pelos imigrantes portugueses para o Brasil, de forma arquitetônica extensa, se propunha a cuidar e acolher os mais carentes, conforme veiculado na internet “acolher e cuidar, do nascimento até após a morte: uma lição de amor ao próximo. Desde a fundação, logo após o descobrimento do Brasil, a

⁴ De acordo com Foucault (1979), essa forma de controle da população pobre pela medicina suscitou resistências em diversos países do mundo.

⁵ A Santa casa, que existe no centro da cidade tem outra história contada por Izabel Maria da Penha Piva e Maria da Penha Smarzaró Siqueira “A Santa Casa da Misericórdia de Vitória: a ação da irmandade no atendimento à pobreza em Vitória – ES (1850-1889)”. Disponível em: < http://www.ufes.br/ppghis/agora/Documentos/Revista_2_PDFs/Izabel%20Piva.pdf >. Acesso em: 05março/2010 - Revista Agora, Vitória, nº 2, 2005, p. 1-26.

Santa Casa de Misericórdia, teve como missão acolher e cuidar dos mais carentes”⁶, acompanhando o pensamento de Foucault (1979, p. 101) em relação aos hospitais, quando ele diz que “antes do século XVIII, o hospital era essencialmente uma instituição de assistência aos pobres [...], assim como, “de separação e exclusão”.

Outra definição encontrada é que seria “uma irmandade que tem como missão o tratamento e sustento a enfermos e inválidos”⁷.

No final do século XVIII, a função do hospital na Europa é repensada, inclusive, no que se refere a sua localização, que não deveria ser no centro da cidade e sim, afastado dele, “para proteção do doente” [grifo nosso]. A localização dos hospitais era planejada também, considerando o controle de epidemias, como instrumento de quarentena e de isolamento, pois, de acordo com Foulcault (1979, p. 108),

A questão do hospital, no final do século XVIII, é fundamentalmente a do espaço ou dos diferentes espaços a que ele está ligado. Em primeiro lugar, onde localizar o hospital, para que não continue a ser uma região sombria, obscura, confusa em pleno coração da cidade, para onde as pessoas afluem no momento da morte e de onde se confundem, perigosamente, miasmas, ar poluído, água suja, etc.? É preciso que o espaço em que está situado o hospital esteja ajustado ao esquadramento sanitário da cidade. É no interior da medicina do espaço urbano que deve ser calculada a localização do hospital.

Essa nova forma de olhar o hospital talvez tenha sido o pensamento do engenheiro-sanitarista ao localizar a Santa Casa na Praia do Suá. Construída a beira-mar, facilitaria a cura dos doentes, devido a brisa marítima, e em contrapartida, o afastamento do centro da cidade, evitaria a propagação de doenças, comuns naquela época, quando constantes epidemias assolavam a capital.

Devido ao exposto, pressupomos que a elite não moraria próximo ao hospital, ou seja, a Praia do Suá não era atrativa para a elite morar. Nesse sentido, inferimos que a paisagem da Praia do Suá seria constituída de elementos condizentes com classes sociais menos abastadas.

Em prosseguimento ao nosso raciocínio pensamos que em decorrência da localização desse hospital na Praia do Suá, pode ser que a função do bairro se restringiria a de tratamento de saúde, caso não houvesse extinguido a Comissão de

⁶ Disponível em:< <http://www.santacas.rh.org.br>.> Acesso em 29set/2009.

⁷ Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/santacasa>. Acesso em 29set/2009.

Melhoramentos constituída para esse fim e os problemas políticos e econômicos que ocasionaram a interrupção das obras do “Novo Arrabalde”.

Em decorrência da extinção da comissão responsável pela execução do Plano, as obras do hospital foram abandonadas e os alicerces, com o tempo foram substituídos por residências e outro hospital menor, aparecendo uma mudança estrutural, de forma e função, quando “uma mudança estrutural, se dá também pela mudança das formas” (SANTOS, 2008, p. 76)

Em continuidade aos nossos propósitos, o próximo item trata da construção da identidade pesqueira da Praia do Suá rememorando, por meio de relatos orais de moradores que (re)significam o lugar.

4.1 A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE PESQUEIRA: O LUGAR QUE POSSUÍA UM MAR

[...] as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais e acidentais da vida cotidiana. Revela-se como espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido pelo indivíduo por meio do corpo, pois é com os seus sentidos que o habitante usa o espaço, cria/percebe os referenciais, sente os odores dos lugares, dando-lhes sentido. Isso significa que o uso do espaço envolve o indivíduo e seus sentidos, seu corpo; é por ele que marca sua presença, é por ele que constrói e se apropria do espaço e do mundo no plano do lugar, no modo como usa o espaço e emprega o tempo da vida cotidiana (CARLOS, 2001, p. 35).

A construção de estradas⁸ (produção da segunda natureza), propiciada pelos aterros, ocasionou atratividade e acessibilidade ao lugar. Nesse contexto é que os primeiros habitantes “apropriaram-se” dos loteamentos existentes na Praia do Suá, aproveitando de seus recursos naturais, os quais propiciaram a sua moradia à beira-mar, além de trabalho, lazer, brisa marítima, visualização do Santuário da Penha - que favorecia a sua religiosidade.

⁸ Os aterros, assim como, a construção de estradas e linhas de bondes denotam mudanças na estrutura e funcionalidade da Praia do Suá, que era um recanto natural.

Formas foram sendo produzidas e funções se evidenciando. A paisagem do lugar foi dotada de elementos de moradia, trabalho e lazer demonstrando a construção de um modo de vida decorrente de uma prática, a atividade pesqueira.

Como já mencionamos, o governo, por meio do projeto do “Novo Arrabalde”, foi o indutor da ocupação do lugar, que em face de problemas políticos e econômicos ocorridos na época, “deixou” por algum tempo, a Praia do Suá “por conta dos pescadores”, pois, salvo a linha de bondes, há marcas na paisagem do lugar, que demonstram a continuidade da produção do bairro (até certa época), pelos imigrantes portugueses, que modificaram o lugar construindo também uma paisagem, que foi se transformando com o espaço-tempo desses sujeitos, a partir de sua vivência no lugar. A esse respeito, Santos (2008, p. 108), diz que “nem todo o externo é o novo absoluto”.

Os bondinhos foram lembrados nos relatos de alguns moradores antigos, que se posicionaram a respeito, dizendo,



VICTORIA - ESPÍRITO SANTO — Linha de bondes para o Suá

Vim do município de Anchieta (ES), com a idade de 27 anos e casei-me no bairro Praia do Suá, morando de frente ao mar. O lugar era de difícil acesso (muita água), mas, existia uma linha de bondes que facilitava o acesso. Na subida do mar, eu e a minha família ficávamos presos em casa, até “o mar baixar”, o que acontecia também por ocasião de nosso retorno a casa (Ignês Corrêa Souza de 82 anos, esposa de pescador, moradora há 55 anos na Praia do Suá).

Quando saíamos de bonde levávamos os sapatos nas mãos para depois calçá-los para evitar que ficassem sujos de lama. O meu esposo que era português era 30 anos mais velho que eu. Nos casamos, mas, não tínhamos casa própria, morávamos de aluguel, próximo do mar (Onorina Martins da Silva, viúva de pescador português, 79 anos).

A gente ia à Vila Rubim comprar verduras bonitas e fresquinhas, em um bonde com o nome de “Bagageiro”, que só tinha rodas no meio. Era uma vida de pobres, mas a gente vivia bem. Existiam baleeiras [espécie de barco] a remo e a vela. Andar na Praia do Suá antigamente era a maior tranquilidade! No nosso tempo não tinha drogas (Sylvio de Jesus Pazzini, pescador aposentado, 72 anos).

Rememorar o passado é muito significativo, pois a construção da paisagem de um lugar se dá também pela memória de seus habitantes, que trazem à tona, relatos de acontecimentos ímpares, do quais participaram, pois

A memória articula espaço e tempo com base em uma experiência vivida em determinado lugar. Nesse sentido a construção do lugar se revela, fundamentalmente, como construção de uma identidade. A memória liga-se, decididamente, a um lugar, ao uso e a um ritmo, logo, a uma relação espaço-temporal, e não apenas a uma incursão no tempo – lugar e memória são indissociáveis (CARLOS, 201, p. 217).

Destarte, antigos moradores (res) significam o lugar, por meio de relatos, valorizando momentos vivenciados por eles, os quais fazem parte, também, de uma memória coletiva, sendo fonte de construção e explicação da identidade⁹ do lugar, valorizando uma cultura.

Na linguagem de um pescador, que incorporou a vocação pesqueira dos primeiros imigrantes a lembrança foi de uma pesca “eu peguei um Mero de 220 kg na época. Eu pegava lagosta com a mão onde fica o TRE [Tribunal Regional Eleitoral]” (Sylvio de Jesus Pazzini, pescador aposentado, 72 anos).

O mar dava uma configuração especial e ocupava uma grande extensão no espaço físico da Praia do Suá, além do que a identificava por meio do nome, particularizando-a. A identidade pesqueira foi construída conjuntamente por aqueles agentes - mar, lugar e pescadores.

O bucolismo do lugar é explicado com muita veemência pelo mar, por meio de relatos de seus antigos moradores, devido ao aspecto de tranquilidade e beleza que ele irradiava na Praia do Suá, advindos também de suas diversas utilidades.

Assim, essa autora (na condição de sujeito da pesquisa), contribui também com o seu relato pessoal, descortinando aspectos do seu cotidiano no convívio com o mar, no qual aquele elemento da natureza era para ela símbolo de liberdade, amizade,

⁹ A identidade é tratada nesse estudo enquanto concepção geral, filosófica, ou melhor, enquanto processo identitário (tradições que se reinventam no cotidiano dos lugares), “pois entendida assim, a construção de identidades pode revelar/desvelar as contradições e os conflitos resultantes dos processos de reprodução das relações capitalistas de produção”, segundo o parecer relativo a essa dissertação do prof^o Dr. Angelo Serpa (membro externo da banca). Para maiores entendimentos sobre o assunto, consultar BEZERRA, A.C.A. et al. In: ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira e HAESBAERTH, Rogério (Org.). Identidades e Territórios: Questões e olhares contemporâneos.

“habitante”, que, no entanto estabelecia limites, “posse”, impondo também um modo de vida.



O mar, “a maré, como chamávamos” é a lembrança mais forte, devido a tudo que representava para mim – lazer, beleza e alimento. O barulho e a visualização da força de suas ondas, indo e vindo davam uma paz, um sossego... Banhava-me, junto com colegas constantemente, sem a preocupação de afogamento por parte dos meus pais, parecia que o mar era nosso amigo, já que também morava no lugar, e não nos fazia mal. Assim, aprendíamos a nadar (a nosso modo)

e a boiar para poder atravessá-lo. Do outro lado havia um cordão de areia (onde atualmente localizam-se edifícios, como por exemplo, o Palácio do Café), com vegetação típica, que possibilitava outra visualização da paisagem. Era outro local que poderíamos frequentar indo pelos caminhos estreitos à beira-mar ou a nado (principalmente quando a maré vazava). Havia também o caminho para a Ilha do Boi. Lembro que o meu pai e minha mãe nos levaram muitas vezes para passear lá. Havia um caminho de pedras que auxiliava a chegada até àquela ilha. Tinha uma casinha simples e os moradores nos davam cana para chupar e andávamos brincando pela ilha. Passeávamos em grupo (pai, mãe, irmãos, tios, primos e colegas) e com muita frequência, era parte de nossa diversão. Parecia longe, pois tínhamos que dar uma imensa volta para chegarmos lá, hoje parece tão perto... Só tinha um acesso, passando próximo do lugar onde atualmente é o Hortomercado. Não dava para ir pelo acesso atual, próximo a entrada da Terceira Ponte, por ali a gente saía em outras praias (Santa Helena e Comprida) margeando o mar, passando em frente às várias residências que ali havia e que muitos moradores ainda residem no mesmo lugar, só que atualmente as casas são margeadas pela Avenida João Baptista Parra, que substituiu o mar nesse local. O meu pai mergulhava naquela parte do mar e pegava lagostas com a mão. Lembro que no meio da “maré” tinha uma ilha. Mergulhávamos embaixo dos barcos, competíamos, boiávamos; lembro que as águas tinham aspecto de sujas (provavelmente eram muito poluídas), pois todos os detritos eram lançados no mar (não havia ainda rede de esgotos), mas isso não era impedimento para adentrarmos nele (nem ligávamos para isso). À noite dormíamos com o barulho das batidas das ondas nas pedras. Nas noites de lua cheia, no tempo de vento sul, de chuva e nos dias de Festa de Nossa Senhora da Penha ele parecia que ficava mais belo... O mar é diferente do asfalto, dos edifícios, ele tem vida e é guardião de outras vidas (peixes, mariscos, corais etc). Boas lembranças! (Lucia Helena Pazzini de Souza, 49 anos, moradora nativa e autora desse estudo).

O mar favorecia uma visualização do movimento funcional da paisagem, por meio de suas fases de preamar e baixamar, assim como, de ritmos demarcados por épocas de pesca de determinados elementos ou de adversidades da natureza, propiciando ou restringindo a sua utilização.

À beleza da Praia do Suá foi incluída formas, como por exemplo, a do Hospital São Pedro, que agregou ao lugar a função de tratamento de saúde, em um contexto histórico da cidade, no final da década de 1950, por ocasião de “um aceleração do processo de verticalização que vai modificando de forma rápida e constante a relação entre a paisagem natural e a paisagem construída de Vitória” (KLUG, 2009, p. 50).

O hospital doado pelo governo federal e construído em homenagem aos pescadores é um ícone na Praia do Suá, um símbolo de uma religiosidade e da identidade pesqueira do lugar. O seu formato arquitetônico (embarcação) com três pavimentos e a estátua do santo padroeiro lançando a rede ao mar se destaca na paisagem.

Esse hospital, localizado na antiga Rua dos Pescadores (Almirante Tamandaré) é muito valorizado pelos antigos moradores, que juntamente com o mar, o referenciam em seus relatos:



Sou nascido na Praia do Suá e filho de pescador. Sinto saudades da maré que chegava no quebramar que existia aos pés do antigo Hospital São Pedro, hoje PA [Pronto-Atendimento Municipal] da Praia do Suá, pois foi neste quebramar que aprendi a pescar, como prática de lazer. Todos os finais de semana nós tirávamos para pescar com nossas varinhas de pesca, e também sinto saudades da praia que era pertinho de casa (Luiz Carlos Souza Pazzini, 46 anos, nativo).

O Hospital São Pedro para mim é um monumento histórico¹⁰ (Alexandre Antônio, 38 anos morador nativo).

O mar deixou saudade, aqui tinha uma ponte... Tiraram a ponte para aterrar. Eu vi quando o Hospital São Pedro foi fundado, quando foi posta a pedra fundamental; tinha um quadro (representando figuras de pescadores) muito bonito lá dentro, pintado por Álvaro Conde, e então, o que fizeram? Quando foram fazer a reforma do hospital destruíram a pintura. Eu tive um filho no Hospital São Pedro no ano de 1960, foi o único parto realizado lá. “É homem, então o nome dele é Pedro, disse o médico”. Antigamente a Praia do Suá era muito mais aconchegante, era mais família, mais humildade, mais amor (Delorgilda Mendes Maio, 77 anos).

A gente dormia com as janelas abertas e no calor ficávamos sentados na portas do Hospital São Pedro conversando até tarde (Sylvio de Jesus Pazzini, pescador aposentado, 72 anos).

¹⁰ Para essa pesquisadora também, cuja pesquisa está subsidiando esse reconhecimento junto aos órgãos competentes.

Conforme pode ser inferido nos relatos, o hospital e o mar pareciam na época retratada, como elementos inseparáveis da paisagem da Praia do Suá.

As mudanças estruturais e funcionais que apareceram até aqui não comprometeram a identidade pesqueira do lugar, tal como, os empreendimentos imobiliários produzidos pelos imigrantes sírios¹¹, nos anos de 1950, os quais sinalizaram mudanças estruturais pela construção de imóveis com função residencial e comercial, incrementando o pequeno comércio que havia, os quais trouxeram novas funcionalidades para o lugar.

Em outro contexto histórico-geográfico esses novos imigrantes chegaram e incorporaram outros elementos à paisagem existente, a partir de suas produções direcionadas ao comércio, por meio de acordo com o governo e de planos produzidos pela sua imobiliária demarcando no lugar a entrada da iniciativa privada. Assim, construíram um centro comercial e projetaram uma obra de grande porte.

A partir de então, novas formas e nova função se prenunciava, a comercial, juntando-se a função existente, a residencial e pesqueira (artesanal).

É importante frisar que nos anos de 1950¹², a cidade estava passando por um aceleração em seu processo de verticalização, o manguezal de Bento Ferreira¹³ estava sendo aterrado para construção da Avenida Marechal Mascarenhas de Moraes¹⁴, ocorria em Vitória várias execuções de planejamentos urbanos, tal qual, o Plano Agache que

Ao lado das pequenas intervenções na cidade [...], propôs um novo aterro junto à baía de Vitória, na área da Esplanada Capixaba. Com isso incorpora-se ao Centro da Cidade uma área de cerca de 96.000 m², que favorece a ampliação tanto do porto como das áreas edificáveis de Vitória (GOMES, 2008, p. 82).

Inferimos que os aterramentos realizados na Esplanada Capixaba e no manguezal de Bento Ferreira (área contígua à Praia do Suá) podem ter motivado aqueles imigrantes (proprietários da Imobiliária Hilal), a direcionar para a Praia do Suá

¹¹ Novos agentes de classe social diferente da que existia no lugar chegaram no ano de 1928.

¹² A partir desse ano ocorreu uma ocupação generalizada em Vitória, principalmente nas regiões de aterros e nas encostas do maciço central e o centro da cidade foi alvo de vários tipos de comércio.

¹³ Área contígua à Praia do Suá (Figura 4, p. 75), que estava sendo aterrada, utilizando terras do morro do Suá, o que pode ter facilitado a ocupação desse morro anos depois.

¹⁴ Popularmente conhecida como Avenida Beira Mar, devido à sua localização.

algumas modernizações que complementaríamos as realizadas na cidade, por intermédio de um plano bem arrojado para a época.

Caso fosse totalmente executado o plano imobiliário planejado pelos sírios, provavelmente a Praia do Suá seria um dos bairros mais atrativos para a elite morar, tornando-se uma área “nobre”.

Em contrapartida ao planejamento dos sírios, outro movimento acontecia na Praia do Suá, a ocupação do morro¹⁵, que de acordo com Mattedi (2002) teve início no final dos anos 1950 até o início dos anos 1970, principalmente por parentes de pescadores e migrantes do interior capixaba. Fato que também modificou a estrutura e funcionalidade do lugar, pelas construções que foram surgindo, assim como a incorporação de outros hábitos ao lugar, quando esses novos agentes sociais juntaram-se à população de pescadores e descendentes que havia no lugar.

O processo de ocupação provocou alterações na paisagem natural da Praia do Suá, em decorrência da paisagem urbana que se estabelecia.

A partir do próximo momento, as transformações adquirem um caráter mais significativo e irreversível, em face dos impactos sócio-espaciais ocorridos, proporcionando conflitos (sentimentos ambivalentes) nos moradores do lugar.

Em consequência das mudanças ocorridas, o próximo item acompanha as tentativas de (re)organização interna do lugar, que aos poucos vai perdendo as características de vila de pescadores e assumindo outra estrutura, a de bairro.

4.2 A INSTAURAÇÃO DE UM CONFLITO: O LUGAR QUE FICOU SEM O SEU MAR¹⁶

O passado deixou traços, inscrições, escritura do tempo que é o tempo da atividade humana, impresso na morfologia [...]. O espaço do habitar é real e concreto; é aquele dos gestos do corpo, que constrói a memória, porque cria identidades, reconhecimentos, já que a vida se realiza criando e delimitando percursos. O lugar da habitação, que envolve a peça do apartamento ou da casa; a rua, o mercado ou centro comercial ou cultural;

¹⁵ O crescimento econômico da cidade atraiu um contingente populacional que se instalou em várias partes da cidade. Os mais pobres procuraram lugares como os morros para morarem.

¹⁶ Baseado no livro de título “A cidade que perdeu o seu mar”, do autor Elias José.

os centros de serviços, área de lazer ou mesmo de trabalho, descrevem e dão conteúdo aos lugares da metrópole e correspondem a usos nascidos de uma prática espacial, ligando lugares e pessoas. Nesse espaço coabitam objetos e o corpo [...]. (CARLOS, 2001, p. 219 e 220).

Demarcando o “segundo momento” de nossa análise, em outro contexto da urbanização de Vitória, os anos de 1970 se caracterizaram pela expectativa da industrialização, pela instalação de grandes Projetos industriais na Grande Vitória, advindos do capital nacional, internacional e estatal federal, em uma época em que o país vivia o que se chamou de “milagre econômico”¹⁷.

A vida cotidiana de moradores de um lugar pode ser abalada por eventos externos, que desintegram todo um espaço construído por uma cotidianidade, afetando as relações que os indivíduos possuem com o lugar e com outros indivíduos. Assim, toda uma coletividade é atingida e prejudicada. Neste sentido,

*[...] o lugar também possui uma dimensão coletiva, que diz respeito às relações históricas que a comunidade estabelece e demarca no espaço. Assim, monumentos, ruas, edifícios, parques, rios, árvores, florestas, bancos de praça, um mastro ou mesmo uma paisagem podem constituir-se lugares, relacionados à historicidade, à memória e à identidade de certo grupo. As experiências históricas são assim partilhadas, tanto pela religiosidade ou mística do lugar, quanto pelos fatos vinculados ou impressos naquela paisagem ou ambiente [...] (BONNAMEISON, 2002, apud MARANDOLA JR. e MELLO 2009, p. 65)*¹⁸.

O lugar do qual o mar fazia parte (aparentemente inseparáveis), ocorreu uma ruptura na estrutura e funcionalidade que possuía na época do aterramento, ocasionando vários impactos (sociais inclusive). Uma mudança estrutural e funcional se prenunciava, além da ocorrida, sem que os moradores tivessem noção do que ainda estava por vir.

A execução do plano de aterramento foi acompanhada pelos olhares curiosos de alguns moradores, que sem entender, contemplaram a mudança da paisagem, admirados, como relatou Onorina Martins de 79 anos, viúva de pescador português

¹⁷ Crescimento econômico do país advindo do Plano de Metas.

¹⁸ De acordo com esses autores foi na década de 1970, que o lugar, junto com a paisagem torna-se o conceito-chave da Geografia Humanista e, posteriormente, da Geografia Cultural, recomendando como aprofundamento ver Holzer, Werther (1997) “Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente”. Território, Rio de Janeiro, ano II, n.3, jul/dez; (1999) “O lugar na Geografia Humanista”. Território, Rio de Janeiro, ano IV, n.7, p. 67-78, jul/dez. e (2006) “Sobre paisagens, lugares e não lugares”. In: Oliveira, Livia de; et al. (orgs.) Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina: Edições Humanidades, p. 109-128.

Era muito bonito quando a draga puxava a água do canal e jogava... Quantas vidas têm embaixo dessa terra, gente que morreu afogada... [citou nomes de pessoas]. Aqui aterrou e não podia ter mais estaleiro, então compramos o terreno e construímos nossa casa. O mar vai pegar o que era dele. As casas por aqui são feitas com alicerces muito grandes, pois sai água do mar. Ali no cais o mar dá mostras de quer tomar o que é dele, avançando para o lado de cá [...].

A paisagem em um dos entornos mudou drasticamente, o mar foi substituído por um aterro, pessoas diferentes circulavam pelo bairro, máquinas, barulho. Os moradores tiveram que se adaptar ao “novo vizinho”. Houve um abalo na Vila de Pescadores – recuo do mar e afastamento dos barcos de pesca, do trabalho e do lazer e o comércio se espacializando e especializando.

O aterramento do mar significou uma alteração brusca e irreversível na morfologia da Praia do Suá e no modo de vida de seus habitantes, principalmente para os pescadores, conforme relato que se segue do pescador aposentado Sylvio, 72 anos,



O homem é um destruidor. Eles vão aterrando e o mar vai recuando, mas o mar ainda vai recuperar tudo! O aterramento destruiu a Praia do Suá. Destruiu tudo aquilo que Deus deixou para nós. Destruíram a natureza... Onde estão os prédios tinham ilhas, destruíram tudo... Dizem que foi para Vitória progredir, é a evolução... Não é evolução, é destruição! Qual foi a importância para nós? Beneficiou a eles mesmos – os construtores e empresários, pois, a classe pobre continuou no morro. Aterraram o mar e chegaram os poderosos... A Praia do Suá era uma coisa linda! Daqui a

gente via o Convento e a gente rezava... Passeava atrás do Shopping Vitória, Meu Deus! Ali tudo era mar, onde a gente tirava o nosso sustento! Atrás do shopping era muito fundo, a draga jogou muita raça de areia para aterrar mais ou menos dez metros de profundidade. Destroem a natureza e o meio ambiente, não vê o desmatamento na Amazônia? Com o aterro mudou tudo na Praia do Suá, que se tornou um bairro nobre. Foi bom para quem tem dinheiro, quem é pobre tem que ir para o morro. Antigamente só pobre morava aqui, quem vivia da pesca. Mas, os pobres pescadores, quando se viram enxotados, venderam suas casas e foram para a Praça XV no Rio de Janeiro. A maioria dos pescadores não teve lugar para colocar os seus barcos, que ficavam na parte que foi aterrada. Eles moravam aqui perto e não podiam vigiar os seus barcos do lado de lá. Eu mesmo tive um barco chamado “Orly”, nome de minha esposa, que ficava ancorado no mar que aqui havia.

O mar foi afastado do lugar, conflitos se estabeleceram; as imensas dunas traziam poeira para as residências, mas, também, convidavam ao lazer, tinham seus

atrativos, principalmente para as crianças e adolescentes da época, que substituíram o seu divertimento, “se apropriando” do aterro.

O aterro também era muito propício para empinar pipas e praticar outros tipos de brincadeiras. Na época não havia grandes preocupações com as crianças, pois o lugar não oferecia perigo aparente.

O conflito aparece também nos relatos, em forma de resignação, de quem nada pode fazer, em decorrência de uma imposição (dos de fora), de quem não tem laços de afetividade com o lugar, mas o coopta ao seu bel prazer.

Nasci na Praia do Suá e o aterramento para mim significou a chegada do progresso, que mais cedo ou mais tarde chega a todos os lugares, em maiores ou menores proporções, e na Praia do Suá não poderia ser diferente. É lógico que senti falta de como o bairro era antes, mas, enfim, tudo em nome do progresso (Sylvio de Jesus Pazzini Filho, 44 anos).

Os habitantes do lugar, principalmente as crianças e os jovens, aproveitaram enquanto puderam das potencialidades que o novo elemento da paisagem proporcionava. Os finais de semana eram repletos de diversão. Campeonatos foram constituídos, pois “ganharam” um espaço para a construção de campos de futebol (com torcida organizada e tudo), o que trouxe muito divertimento na época. Nesse contexto percebe-se que o aterramento, assim como o mar, também criou formas de lazer no bairro.

O morador apropriou-se da nova paisagem, tornando-se um elemento dela - a partir de sua nova funcionalidade e mudança de forma, como ocorreu com os lotes do “Novo Arrabalde” e o morro, conforme relato que se segue,

Sou mineiro, vim pequeno para a Praia do Suá e presenciei o aterro do mar. O mar não teve grande importância para mim, mas, o aterro sim, porque a gente jogava futebol no areal, uma forma de lazer, pois não tínhamos outros divertimentos no bairro (José de Souza, 51 anos)¹⁹.

Outros moradores, devido a pouca idade, não entenderam e não valorizaram a extensão do acontecimento, tal como o relato que se segue, “a melhor fase da minha vida como morador da Praia do Suá foi na minha infância, quando eu via

¹⁹ Esse morador relatou ainda que foram feitos abaixo-assinados como forma de preservar os campos de futebol. Que “os de fora” retiravam as traves e eles as recolocavam; que “os de fora” diziam que não iriam estragar os campos de futebol, “enganando-os”...

aterrando o mar e eu ficava catando búzios” (Alexandre Antônio, 38 anos morador nativo).

As conchinhas foram os resquícios deixados pelo mar, que junto com ele, desapareceriam logo depois. Os moradores não tinham ainda noção dos desdobramentos do fato, conforme relata a moradora Onorina, “o aterramento de um lado foi bom. A Praia do Suá melhorou, pois tudo que procuro encontro”.

O mar, o processo de aterramento, o aterro, as pessoas, o seu cotidiano que foi se transformando junto com a paisagem, demonstrando um movimento funcional desta...Nesse sentido, as lembranças de um mar que tinha uma extensão na particularidade da Praia do Suá deixaram várias marcas.

Destarte, um lugar também é lembrado pelas suas ruas, festividades, religiosidade, as quais, também criam vínculos. A Rua Almirante Tamandaré tinha várias funcionalidades – ponto de revenda de pescado, local da Festa de São Pedro, da Malhação do Judas, das procissões, das brincadeiras.

Essa rua teve uma importante característica de demonstrar o movimento funcional da paisagem na Praia do Suá, por meio dos eventos mencionados, que de certa forma, demonstrava uma apropriação desse espaço público pelos moradores.

No contexto da rua podem ser realizadas várias inferências, dada a sua importância na cotidianidade de moradores, condicionando mobilidade e relações. Nesse sentido, Carlos (2001, p. 56) diz que,

A rua é um elemento revelador, a partir dela se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência, e ainda marca a simultaneidade do cheio e do vazio, dos sons e dos ruídos, apontando para usos e tempos diferenciados. No panorama das ruas se pode ler a vida cotidiana seus ritmos, seus conflitos, os sentimentos de estranhamento, o modo como a solidão desponta, a arte de sobrevivência, as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria pelo contraste das construções, de suas fachadas, comandando os passos, os usos e as cores.

O movimento funcional da paisagem é bem exemplificado pela rua, pela praça, pelo logradouro “que funcionam de modo diferente segundo as horas do dia, os dias da semana, as épocas do ano” (SANTOS, 2008, p. 76). O aterro proporcionou

identificar esse movimento funcional da paisagem, pois nos finais de semana ficava repleto de crianças brincando.

Parafraseando Lefebvre (1999, p. 27), a rua não é simplesmente um lugar de passagem e circulação, “é o lugar (topia) do encontro, sem o qual não existem outros encontros possíveis [...]”. A rua na concepção desse autor é um teatro espontâneo onde nos tornamos espetáculo e espectador e às vezes, atores, inferindo que a rua é apropriada pelos seus moradores para ser “palco”.

A Rua Almirante Tamandaré que servia como prolongamento da praia e da Festa de São Pedro (Procissão marítima e terrestre) tem o seu valor reconhecido pelos moradores que tecem os comentários (res) significando-a:



Eu gostava da Festa de São Pedro quando era realizada na Rua das peixarias, era legal. Agora tudo é na base da política. As famílias faziam a festa. As barraquinhas eram todas simples (Maria da Penha Pinto Pazzini, 42 anos).

Sinto falta de quando parte do bairro não era asfaltado e a festa de São Pedro era realizada no coração do bairro, achava bonito a mobilização que a Festa de São Pedro trazia. Recebíamos milhares de visitantes de toda a Grande Vitória durante os dias de festa. Era tudo original - as ruas enfeitadas com arcos de bambus, barraquinhas detalhadamente feitas de madeira, cuzcuz, quentão, canjica (Sylvio de Jesus Pazzini Filho, 44 anos).

A Festa de São Pedro antigamente era aqui na Rua Almirante Tamandaré até na igreja. Eu e meus irmãos participávamos mais da festa. Os pescadores participavam mais da festa (Delorgilda Mendes Maio, 77 anos).

A gente jogava bola ali onde é a Rua Almirante Tamandaré, quando quebrávamos as janelas das casas, chamavam a polícia e a gente mergulhava no mar (Sylvio de Jesus Pazzini, pescador aposentado, 72 anos).

A Festa de São Pedro não tem mais características de quermesse²⁰ e é realizada pela Prefeitura Municipal de Vitória no bairro construído sobre o aterro do mar (Enseada do Suá). Deixou saudades e já não é atrativa para muitos moradores, entre esses, a Sr^a. Ignes que se pronunciou dizendo “desde que a Festa de São Pedro foi para a Enseada do Suá, que não a frequento” (Ignes Corrêa Souza, viúva de pescador, 82 anos).

Essa alteração no conteúdo das festas, modificando o seu real significado, que é a confraternização, comemoração e o festejo, é expressa por Serpa (2007, p. 156), que diz que

A incorporação dos bairros populares da cidade ao processo de produção capitalista vai produzir mudanças evidentes, incluindo o desaparecimento gradual da experiência, privando os moradores de sua história e da capacidade de integrar-se numa tradição, na qual memória individual e coletiva se fundem.

As mudanças realmente são notórias e, infelizmente irreversíveis. As barracas que eram feitas de forma artesanal foram substituídas por pré-montadas, as comidas e bebidas típicas se tornaram raridade, os enfeites de rua, confeccionados pelos moradores - bandeirolas, pau de sebo, artefatos de bambus, que eram usados demarcando os espaços da festa, não tem valor para quem não fez parte e nem se integrou a uma cultura, por isso, foram descartados.

A cultura referida é aquela que cria laços do morador com o lugar, que constitui uma identidade, tal qual, relata Freire (2009, p. 53), ao associar a idéia de cultura a modo de vida, que são indissociáveis, a qual é constituída

De valores, ações, padrões de comportamentos, elementos, características, manifestações, símbolos e significados dos ritmos, hábitos, rituais, costumes, tradições, etc., os quais são assimilados de modo natural desde o nascimento e vão se reproduzindo ao longo da vida das pessoas, dos grupos, da sociedade. Ou seja, diz respeito toda uma ordem simbólica que ajuda a (re) afirmar identidades; expressões dos modos como os homens vivem e formas como eles estabelecem relações entre si e com o mundo em seu entorno (atividades, práticas, experiências, vivência).

Neste sentido, a religiosidade é um importante componente do modo de vida, pois cria laços de amizade, por meio da participação coletiva nos rituais. Nesse sentido o Convento da Penha tem um significado muito especial para moradores antigos da

²⁰ Salvo uma “confraternização” realizada pelos párocos na rua da igreja em um dia de sábado, próximo ao dia de festejos a São Pedro, que chamam também de Festa de São Pedro.

Praia do Suá, pois, constituía também uma paisagem, que com a produção do bairro Enseada do Suá, ficou escondido atrás dos altos edifícios desse bairro (verdadeiros paredões), conforme os relatos que se seguem,



Fotografia 14 - Convento da Penha
Fonte: Trabalho de Campo

Guardo uma lembrança – antigamente da minha janela dava para ver o Convento da Penha e a minha mãe na época, acamada, me chamava, assim “vem Ignes...abrir a janela para eu ver nossa senhora” (Ignes Corrêa Souza, 82 anos, viúva de pescador falecido).

Daqui a gente via o convento e a gente rezava, agora a gente vê os prédios, a gente não vê o convento mais (Sylvio de Jesus Pazzini, 72 anos, pescador aposentado).

O Convento da Penha não é mais visto, ninguém mais o vê. Agora para ver os fogos no Convento da Penha temos que ir perto da Marinha. Vim com 14 anos da Barra de Itapemirim. Casei com um pescador português. Moro há 66 anos na Praia do Suá. Vou fazer 80 anos, neste mês, no dia 14 de novembro [2009]. Antes de aterrar tinha a Ilha das Garças. Naquela época a gente andava no meio da lama. Tinha até carrocinha de leite que buscava a vasilha. Era uma dificuldade para comprar o leite, brigávamos, pois, algumas vizinhas queriam furar fila. Essa casa que moro agora foi comprada do proprietário de um estaleiro, que funcionava aqui até o aterramento (Onorina Martins da Silva, 79 anos, viúva de pescador português).

A Praia do Suá melhorou, mas a gente não tem mais visão só vemos prédios, não se vê mais o convento (Mara, 38 anos, esposa de neto de imigrante português).

Em época dos festejos em homenagem a Nossa Senhora da Penha, os moradores reuniam-se de frente ao mar para contemplarem os fogos de artifícios e juntos, praticavam os seus atos de devoção.

E assim, até o final dos anos de 1980, a população da Praia do Suá conviveu com o aterro, seu “vizinho provisório”, que incorporou novas práticas espaciais no lugar, conforme descrito. Com o advento do “Aterramento”, novas transformações espaciais aconteceram - anúncio de novos ritmos de vida, que incorporariam outros produtores sociais àquele lugar.

Em face da extensão do acontecimento emergiu uma necessidade de adaptação, que “aconteceu”, pois algumas características da vila permaneceram – as festas, os passeios, o lazer, as amizades etc, mas, apesar disso, o conflito permaneceu -

expectativa das inovações e saudade do passado, pois, o mar se foi levando a brisa e um pouco da beleza do lugar, onde parte da história dos sujeitos ficou sob o aterro; “a terra sem o mar é um deserto”²¹ e foi dessa forma que essa autora, na condição de moradora nativa do lugar, sentiu por ocasião das transformações provocadas pelo aterramento.

Posteriormente, foi produzido no aterro o bairro Enseada do Suá, com estrutura e funcionalidades contrastantes com a Praia do Suá, que gerou no lugar em estudo, impactos de várias ordens – visuais, de mobilidade, poluição sonora, de vizinhança e outros.

O desdobramento do plano de aterramento se fez mais notório na Praia do Suá, a partir dos anos de 1990, por ocasião da produção da Enseada do Suá, tendo como consequência a perda de características do lugar como vila de pescadores.

A partir de então, o lugar/bairro se incorporou à trama urbana, fato que ocasionou amnésia em moradores, em face dos diversos elementos surgidos na paisagem do bairro e em seus arredores, os quais, como o aterro, “encobriram” o passado.

Os anos de 1990 sinalizam o aparecimento de uma suposta tensão²² na Praia do Suá, pois, mudanças bruscas e notórias, provenientes da intensa produção na cidade – que consolida o seu processo de industrialização e metropolização – “apareceram” na paisagem do bairro e do seu entorno. Nesse sentido, Santos (2008, p. 80), diz que “a paisagem precede a história que será escrita sobre ela ou modifica-se para acolher uma nova atualidade, uma inovação”.

Em outro ponto da Praia do Suá, à paisagem em forma de um imenso vazio, constituído pelo aterramento, apropriado pelos moradores, que dava certo aspecto de inércia e distanciamento do centro urbano (conservando ainda o bucolismo do lugar), foram incorporados elementos significativos de grande magnitude – um *shopping center* e uma ponte ligando o município de Vitória a Vila Velha, ambos com funcionalidade nos anos iniciais de 1990.

²¹ Essa afirmação pode parecer um tanto exagerada para quem não cresceu tendo o mar à sua porta, fazendo parte do seu cotidiano.

²² “O espaço geográfico é como um campo de forças, tornado tenso pelas forças sociais em jogo”(SANTOS, 1978, p. 122 apud BARRIOS, 1986, p. 27). Segundo essa autora “a tensão que o espaço vive revela a luta travada ao sabor do poder dos grupos humanos ou mesmo dos indivíduos”.

Essa produção decorrente de movimentos estruturais na urbe trouxe reflexos para a Praia do Suá, pois a partir daquela época, foram constatadas mutações na paisagem²³ do bairro – refuncionalizações, mudanças de formas e novas funcionalidades.

As mudanças ocorriam no exterior e também se processaram no interior do bairro, fato constatado pela incorporação de elementos novos na paisagem da Praia do Suá, a partir de vários usos; os quais convivem com os “palimpsestos” (marcas do passado), causando uma sobreposição²⁴ na paisagem da Praia do Suá (em forma de mosaico).

A aparência de “ilha urbana” (visualizada externamente), ou seja, um bairro composto ainda de muitas casas, cercado de altos edifícios por todos os lados, os quais apontam para tendências, que se contrastam com um movimento sutil que ocorre no interior da Praia do Suá, conforme demonstraremos no seguimento.

4.3 DESCORTINANDO O PRESENTE: O LUGAR QUE FOI TRANSFORMADO EM “MOSAICO” E “ILHA URBANA”

Toda a maré do Suá foi aterrada, surgiu a “avenida moderna e ampla” (Av. Nossa Senhora dos Navegantes), e a área “capaz de comportar um excelente plano de urbanização” que hoje se chama Enseada do Suá, setor de planos arrojados de arquitetura moderna. Nessa região contígua à Praia do Suá funcionam atualmente os prédios da Assembléia Legislativa, do Tribunal de Contas, do Tribunal de Justiça, do Ministério Público Federal, da Capitania dos Portos, e o principal shopping da cidade, além de escritórios de grandes empresas. Há também a Cruz do Papa, largo onde o pontífice realizou missa em 1991, e que agora serve como espaço para eventos festivos (MATTEDI, 2002).

Nos anos de 1990, concretizou-se o previsto no plano de aterramento – a descentralização do centro da cidade. Ocorre assim, paulatinamente, a mudança dos órgãos públicos, a transferência de parte do comércio, materializado no Shopping Vitória e dos serviços e, ainda, parte do lazer, para o novo bairro que passa a ser denominado de Enseada do Suá.

²³ Mudanças estruturais e funcionais (Santos, 2008).

²⁴ “[...] elementos que interagem dialeticamente para produzir e moldar o espaço. A totalidade em que se inserem é a própria formação econômico-social [...]” (TRINDADE JR, 1996, p. 135).

Em decorrência das mudanças estruturais, o centro da cidade se esvazia e ocorrem alterações em sua funcionalidade, perceptíveis nos elementos da paisagem que persistem às quais criam outro dinamismo.

Nesse processo de transformação, Oliveira (2007, p. 59), comenta que “[...] a ocupação do aterro do Suá, não foi feita assim que o referido aterro foi concluído, mas somente anos depois, de forma gradativa e mais intensamente nas décadas de 1990”. De acordo com esse autor, “as construções feitas na década de 1980 foram em número bastante reduzido”²⁵.

Assim, os reflexos advindos desse dinamismo da cidade foram perceptíveis, principalmente, nos bairros contíguos à Enseada do Suá. Na Praia do Suá, a reorganização na sua estrutura e funcionamento se deu a partir da incorporação de novos elementos à sua paisagem, juntando-se aos “remanescentes” e substituição de outros²⁶.

Nos contextos mencionados, concordamos com Santos (2008, p. 76), quando diz que,

A paisagem é um palimpsesto, um mosaico, mas que tem um funcionamento unitário. Pode conter formas viúvas e formas virgens. As primeiras estão à espera de uma reutilização, que pode até acontecer; as segundas são adrede criadas para novas funções, para receber inovações. As funções que são mais suscetíveis de criar novas formas são: bancos, hipermercados, o Estado, *shopping centers* etc., além, de certas funções públicas. Fora estas, são poucas as funções capazes de criar novas formas, e é, por isso, mais comum o uso das preexistentes através de uma readaptação. É o caso de casas de saúde, escolas, serviços diversos, fábricas menores etc., que se instalam em antigos casarões ou prédios deixados por outras atividades, com readaptação de formas velhas para novas funções.

Assim, a partir dos anos de 1990 as tentativas de padronização na urbe se processaram de forma mais intensa, incluindo na paisagem da Praia do Suá um de seus símbolos - prédios apareceram nas principais avenidas que cortam a Praia do Suá, principalmente nos limites do bairro, em substituição à antigas residências ou estabelecimentos comerciais, demonstrando uma mudança estrutural na paisagem,

²⁵ Ibid, 2007, p. 61.

²⁶ De acordo com Trindade Jr. (1996, p. 139) “a complexidade dos usos no espaço urbano nos permite identificar *as formas espaciais herdadas do passado, as formas espaciais desaparecidas e as formas espaciais recentes* [grifos do autor]” e que “as formas criadas recentemente juntam-se às formas desaparecidas e às herdadas do passado (*as rugosidades*)”.

eventos esses que alteraram os ritmos do bairro, ou seja, mudanças em sua funcionalidade.

No conteúdo desses novos elementos na paisagem, estavam implícitas novas relações espaciais, em decorrência das funções e funcionalidades trazidas por ele, como por exemplo, incremento no comércio e nos serviços. Com o advento dessas formas, o lugar foi impregnado, principalmente, nas redondezas e galerias dos edifícios, de atividades diversas – clínicas, bares, restaurantes, armarinhos, bancos e outros - para dar suporte aos trabalhadores, comerciantes e empresários, que passaram a fazer parte da população flutuante da Praia do Suá.

Neste sentido, Carlos (2001, p. 40), diz que

O primeiro aspecto que chama atenção quando se observa a paisagem urbana é o choque dos contrastes, das diferenças. Contrastes de tipo e diversidade de utilização da cidade: usos do solo. Tais diferenciações baseiam-se no fato de que a cidade é antes de mais nada uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, desencadeando uma disputa de usos. Por outro lado, a produção do espaço urbano fundamenta-se num processo desigual; logo, o espaço deverá, necessariamente, refletir essa contradição (CARLOS, 2001, p. 40).

É importante reforçar que o comércio, na forma de peixarias, bares, lojas, açougues, supermercado, farmácias, padarias, sorveteria, pizzaria, restaurantes diversos e outros, já se estabeleciam na Praia do Suá. O que inferimos como mudança mais significativa a partir dos anos de 1990, é, principalmente, o aparecimento de edifícios mais altos (acima de 12 metros) do que comumente encontrava-se no bairro, que foram construídos onde havia residências ou pontos de comércio, sinalizando um incremento na função comercial e de serviços, que existia no bairro de formas pontuais.

O surgimento desses edifícios aponta para uma mudança de funcionalidade no lugar, onde novos ritmos de vida foram impostos e incorporados, com redução, do número de residências horizontais, conseqüentemente, alteração na população do bairro – saída de velhos moradores e entrada de novos agentes sociais, entre esses funcionários de diversas empresas.

Em prosseguimento demonstraremos fotografias de alguns desses novos elementos, que foram incorporados à paisagem da Praia do Suá e comentaremos algumas mudanças estruturais e funcionais proporcionadas por eles.

As mudanças estruturais trazidas por esses novos elementos na paisagem são como, por exemplo, a do edifício Eldorado Center, localizado na Avenida Desembargador Ferreira Coelho (Fotografia 15), ao lado do edifício Leon Trade Center, que fica na esquina dessa avenida.

Em data anterior ao ano de 1990, existia uma residência²⁷ no lugar desse prédio, constatamos assim, mudança de forma, função e funcionalidade na paisagem. O edifício, como outros que demonstraremos, comporta várias atividades de comércio e serviços. Na galeria do Eldorado Center encontra-se o Banco do Brasil, uma financiadora, farmácia de manipulação e algumas lojas.

As próximas imagens (com idades diferentes) se referem ao mesmo recorte da Praia do Suá – a Avenida Desembargador Ferreira Coelho. O edifício Leon Trade Center (lado esquerdo da página – Fotografia 15) que foi construído no lugar que antes era uma residência - lado esquerdo da fotografia, que se encontra à direita da página (Fotografia 16). Em sua galeria há salão de beleza, boutique, papelaria e outros. A esse respeito, Carlos (2001, p. 35 e 36), diz que,

A paisagem urbana aparece como um “instantâneo”, registro de um momento determinado, datado no calendário[...] podemos também perceber que essas construções não são iguais do ponto de vista arquitetônico, datam de tempos diferentes. [...] a dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade.[...] não podemos deixar de pensar [...] que existe todo um movimento próprio à paisagem, um “vai e vem” de carros e pessoas (apressadas ou não). É o ritmo da vida, o modo de expressão da vida na cidade. Há diferenças arquitetônicas, de usos, de cores, de tempos, de intensidade e de movimentos. Desigualdades. Contradições.

²⁷ Pelo conhecimento que essa autora tem com um daqueles antigos residentes, desvendamos que como parte da venda do imóvel, os moradores receberam salas no edifício Eldorado Center e ainda trabalham nelas.



Foto 15 - Avenida Ferreira Coelho, 2010
Fonte: Trabalho de campo.



Foto 16 - Avenida Ferreira Coelho [197-?]
Fonte: Arquivo Público Municipal.

A imagem antiga (Fotografia 16), provavelmente dos anos de 1970, possibilita a visualização de alguns elementos, tais como – ao fundo, o morro onde atualmente é o bairro Jesus de Nazaré; do lado esquerdo da foto, uma parte da Praça Demócrito de Freitas, o carro da Volkswagen, modelo fusca (indicativo de uma época); do lado direito uma sorveteria denominada K-skina e um posto de combustíveis. A avenida larga, sem sinalização com postes antigos, com poucos veículos circulando, demonstra um ritmo de vida diferenciado do atual.

No “movimento escondido” (CARLOS, 2001, p. 39), estão as pessoas que conduziam os veículos, que se dirigiam a lugares diversos e com várias finalidades, condizentes com o momento vivenciado.

A paisagem antiga, congelada, aparentemente estática, que, no entanto demonstra o dinamismo de uma época, proporcionou o estabelecimento de contraste com a Avenida Desembargador Ferreira Coelho, atualmente, dinâmica, conforme se verifica na Fotografia 15.

No recorte da paisagem visualiza-se, elementos provisórios e “permanentes”. Em decorrência de movimentos de mutação da paisagem (SANTOS, 2008) a cada momento, outros objetos podem aparecer e outros “esconderem-se” ou desaparecerem, demonstrando os ritmos, a funcionalidade do lugar.

Em relação aos elementos “permanentes”, o morro onde está localizado o bairro Jesus de Nazaré é o melhor exemplo deles, pois, “testemunha” a mudança do espaço-tempo do lugar e das pessoas. Mesmo assim, ao se fazer uma analogia com a foto anterior, alterações aparecem também nesse elemento natural da paisagem, tais como construções e torres. A inovação na arquitetura que chegaram ao lugar, em forma de edifícios, também impede que esse morro seja visualizado como outrora.

Descortinando o momento em que a Avenida Desembargador Ferreira Coelho foi fotografada, cerca de quarenta anos depois, percebe-se novas formas e funcionalidades – altos edifícios de serviços, onde havia residências (movimento estrutural e funcional), outro posto de combustíveis, um restaurante no lugar da sorveteria; duas pistas em mão-dupla, com sinalização no chão e em forma de placas, constando, inclusive, de semáforos ao longo da avenida, telefone público, diferente forma de iluminação, modelos diversificados de carros, que não aparecem mais estacionados nas calçadas, devido aos estacionamentos existentes na área e garagens nos edifícios.

Na Rua Padre Antônio Ribeiro Pinto um edifício comercial (o Guizzardi) com duas torres foi construído no lugar que antes tinha outra funcionalidade – área de uso dos moradores, que se localizava nos fundos dos prédios do conjunto Hilal.

Na galeria desse edifício há um centro comercial (que foi construído junto), constando de boutiques, loja de informática, salão de beleza, lanchonete, farmácia de manipulação, lojas e outros. Semelhante aos outros edifícios, o Guizzardi comporta em seus pavimentos vários ramos de atividades, com destaque, para o Vice Consulado Italiano, que atrai um grande número de pessoas ao bairro. Nesse sentido à população flutuante é acrescida, além de funcionários de empresas, também, usuários e frequentadores.

No ano de 1997, o edifício Guizzardi estava em construção e no ano de 2001 já estava construído e em funcionamento como pode ser visualizado na Fotografia 17 que expõe no mesmo local, imagens de idades diferentes.



**Foto 17 - Edifício Guizzardi e centro comercial em construção (1997) e construídos (2001).
Fonte: Souza (2001), Lucia Helena Pazzini de.**

No recorte dessa paisagem consta ainda, ao lado esquerdo das fotos, um prédio em formato horizontal (centro comercial), com poucos pavimentos, construído pelos imigrantes sírios, integrantes da família Hilal, onde no ano de 1997 funcionava supermercado, foto, faculdade, banco e lavanderia, entre outros. Não havia sinalização no asfalto o que demonstra um ritmo de vida diferenciado do atual.

No ano de 2001 demonstrando um movimento funcional e estrutural da paisagem percebe-se além da construção do edifício mencionado, sinalização da rede viária no asfalto, indicando por meio dessa mudança as intenções e os reflexos da construção do edifício Guizzardi, com indícios de que o local estava sendo preparado para comportar novas estruturas e movimentos, o que atualmente é percebido com clareza.

Outra mudança estrutural e funcional da paisagem foi a inserção do edifício Atlantis Tower (Fotografia 18) na Rua Almirante Tamandaré esquina com a Avenida Leitão da Silva. Neste local havia no passado uma loja de tecidos que pertenceu a um imigrante português de nome Antônio Paes²⁸, denotando outra mudança de forma, função e funcionalidade na Praia do Suá. Possui em seu entorno, salão de beleza,

²⁸ Mattedi (2002, p. 22) fala sobre estabelecimento “[...] a loja de tecidos do português Antônio Paes [...]”. a autora desse estudo recorda que, junto com seus pais, fazia compras nessa loja nos anos de 1970.

lanchonete, boutique e lojas. Entrou em funcionamento desde o ano de 2001, conforme informações coletadas no trabalho de campo.



Fotografia 18 - Edifício Atlantis Tower.
Fonte: Trabalho de campo

Edifícios comerciais e de serviços, materialização do dinamismo espacial da urbe passaram a fazer parte da paisagem da Praia do Suá trazendo toda uma rede de relações entre a antiga funcionalidade do bairro (identidade pesqueira) e uma funcionalidade se constituindo, a partir da construção dessas novas estruturas no bairro, as quais demonstram a hegemonia de agentes externos, cujos esforços de padronização, neste aspecto, parecem ter sido concretizados.

Parafraseando Santos (2008, p. 76), quando se constroem prédios com número de pavimentos superiores aos existentes é, “via de regra, sinal de outros também poderão ser construídos, de que temos atividades e gente para enchê-los e justificar a sua construção”.

Sinalizando o movimento descrito por Santos (2008), retornando no tempo, foi construído nos anos de 1980, o edifício Rio Canoas²⁹ (Foto 19), localizado na Rua Ulisses Sarmiento, próximo a Terceira Ponte, com número de pavimentos superior a

²⁹ Esse edifício foi o primeiro construído (por volta dos anos 1980) na Praia do Suá com mais de doze metros de altura e o único de função residencial até o início do século XXI.

quatro, como normalmente se encontrava e ainda se encontra, no interior do bairro. O que agregou mais habitantes ao bairro, assim como, de classes sociais diversas.



Foto 19 - Edifício Rio Canoas
Fonte: Trabalho de campo

No contexto mencionado, apontamos que no início dos anos 2000³⁰, estavam construídos quatro prédios (de uso residencial), em frente à Terceira Ponte, em um dos limites administrativos da Praia do Suá com a Enseada do Suá, com padrões arquitetônicos mais modernos e número de pavimentos superiores ao Rio Canoas, tal qual, aparece nas imagens constantes na Fotografia 20, o que vai incorporar à Praia do Suá, uma população de classe social mais abastada, do que existia até então.

³⁰ De acordo com informações verbais de moradores desses edifícios eles começaram a ser habitados entre os anos de 2006 e 2007.



Foto 20 – Edifícios residenciais Orquídea, Bromélia, Enseada Park, Enseada Residence
Fonte: Trabalho de campo.

Na configuração da Praia do Suá está a característica de um bairro cercado de altos edifícios por todos os lados, uma “Ilha urbana”³¹, nos limites administrativos – Bento Ferreira, Enseada do Suá, Santa Helena e Santa Lucia (bairros com altos edifícios).

Nesse sentido, em referência à percepção do lugar, a frequentadora Cor Mariae, filósofa, fez o seguinte comentário,

A Praia do Suá é um bairro que fica espremido entre Bento Ferreira e a Enseada do Suá, mas de muita importância e muito visitado. Em face da intensa urbanização em seu entorno, a Praia do Suá não tem como crescer mais. Acho que os costumes e tradições dos pescadores deveriam ser preservados.

A Fotografia 21 mostra edifícios, “em forma de paredões”, em construção na Enseada do Suá, os quais também constituem uma paisagem que substituiu a visão do mar e do Convento da Penha, pois conforme relato da moradora Onorina Martins, “o Convento da Penha não é mais visto, ninguém mais o vê. Agora para ver os fogos no Convento da Penha temos que ir perto da Marinha”.

Esses edifícios, devido a sua altura (mais altos que o morro) são visualizados de vários pontos da Praia do Suá, impactando a visão de moradores que em face da imposição hegemônica advinda de agentes sociais externos ao bairro, convivem com esses elementos da paisagem, “naturalizando-os”.

³¹ Fonte: (MATTEDI, 2002).



Fotografia 21 - Edifícios na Enseada do Suá (2009).
Fonte: Trabalho de campo.

Em relação a “ilha urbana” na próxima imagem (Fotografia 22) é possível visualizar parte do morro da Praia do Suá, rodeado pelos altos edifícios da Enseada do Suá, um dos limites administrativos. Nesta imagem percebe-se que os edifícios impedem que moradores e visitantes do morro, tenham uma visão, antes considerada privilegiada - baía de Vitória, Convento da Penha e outros elementos da paisagem.

A característica de “ilha urbana” é percebida pela ex-moradora Neuzeli, nativa do lugar e na sua fala infere-se o quanto somos levados a “naturalizar” os modelos impostos pela sociedade capitalista.

Vejo que a Praia do Suá precisa acompanhar a mudança arquitetônica para não se perder ou ser engolida pela verticalização dos bairros adjacentes como Bento Ferreira e Enseada do Suá. A ausência de altos edifícios na Praia do Suá talvez se dê ao poder aquisitivo das pessoas em relação aos outros bairros, ou mesmo querer conservar o antigo não tão antigo, mas algumas arquiteturas do passado, a Praia do Suá ainda tem muitos moradores antigos que ainda não se adequaram as mudanças e ao desenvolvimento do bairro.

No relato da ex-moradora está implícito a sua percepção da Praia do Suá como ilha urbana e um desejo de que uma das representações da padronização dos lugares, edifícios altos e modernos, também chegue à Praia do Suá. O que contraria a

opinião desta mesma ex-moradora que em outro relato se mostrou saudosista, demonstrando um conflito, advindo das contradições espaciais.



Fotografia 22 - A ilha urbana (2010).
Fonte: Trabalho de campo.

O recorte da paisagem constante na Fotografia 23 permite visualizar a Praia do Suá, em outro ângulo, com suas casas e prédios e em redor, os altos edifícios do bairro Bento Ferreira, um dos limites administrativos.



Fotografia 23 - A ilha urbana (2010).
Fonte: Trabalho de campo

A usuária Norma Suely, ao fazer uma analogia entre a Praia do Suá e a Enseada do Suá comentou:

Não sei muita coisa sobre a Praia do Suá, mas o pouco conhecimento me leva a achar que a Enseada está se desenvolvendo e a Praia do Suá está parada no tempo, não cresce. Um exemplo é a Prainha de Vila Velha, o progresso chegou ao redor e a Prainha está do mesmo jeito há anos. A referência que tenho da Praia do Suá é que é o lugar onde se compra peixe fresco. Em face da intensa urbanização em seu entorno, é possível que a Praia do Suá venha a ser englobada por outros bairros, ou seja, desaparecer.

Um tipo de desaparecimento já é perceptível, o no meio dos grandes edifícios, cuja observação feita pela moradora Mara retrata bem o fato.

Eu não sabia que o Hortomercado, a Cruz do Papa e esses prédios grandes não ficavam na Praia do Suá, falo para quem não conhece que moro perto deles. Então a Praia do Suá é isso aí? A Praia do Suá fica então atrás dos prédios da Enseada? Desce do morro e estamos no buraco...

O próximo item trata da redefinição do lugar – o que “persiste” (ou permanece) e o que se transforma, com base na leitura que fizemos da paisagem atual que se descortina na Praia do Suá, assim como, do nosso entendimento sobre mudanças e permanências – alterações estruturais (forma e função) e funcionais da paisagem no formato de representações do passado e do presente.

Essas representações são provenientes de vários contextos (sociais, culturais, políticos e econômicos) em diferentes momentos históricos, caracterizando fases pré e pós-industriais da economia da cidade, que se misturam, se contradizem e se complementam. Nesse sentido explicam uma realidade – a produção de um lugar no espaço-tempo, atribuindo-lhe significados. Nesses contextos, Santos (2008b, p. 256) diz que,

Nenhum elemento será considerado isoladamente, pelo fato de que nenhum deles existe fora das relações de totalização. Isso não deve impedir, entretanto, que se reconheça, em cada lugar, e a cada momento, a hierarquia das variáveis. [...] Desde que instalados sobre um pedaço de espaço, as variáveis (de tipos diferentes, de idades diferentes) formam um precipitado, um fato novo, dotada da capacidade de criar ou estabelecer relações: uma nova qualidade. Essas combinações diferentes condicionam, até certo ponto, a entrada de novas variáveis [...].

Mudanças e permanências demarcam descontinuidades em um processo ou história, nos quais uma contém parte da outra, que aparece na paisagem em forma de mosaico; o que é mudança hoje pode ser permanência amanhã, assim como, o que é permanência hoje, pode ser mudança amanhã, por ocasião de um reaproveitamento (de formas ou funções). Assim, de acordo com Santos (2008b, p. 174),

Os modos de produção se realizam por intermédio dos meios de produção cuja longevidade, porém, só é conhecida a posteriori; porém, essa duração pode ultrapassar a um ou vários momentos do modo de produção ou até mesmo a duração total do modo de produção [...], que cede lugar a outros; os momentos de cada modo se sucedem enquanto os objetos sociais por eles criados continuam firmes, e muitas vezes ainda com uma função na produção. Assim, quando um novo momento – momento do modo de produção – chega para substituir o que termina, dele encontra no mesmo lugar de sua determinação (espacial) formas preexistentes às quais ele deve adaptar-se para poder determinar-se. [...] os objetos geográficos aparecem em localizações correspondendo aos objetivos da produção em um dado momento e, em seguida, por sua própria presença, eles influenciam os momentos subseqüentes da produção.

Nesse sentido Santos (2008, p. 76), em relação as mudanças estruturais diz que as formas são passíveis de mudanças porque envelhecem,

É nesse quadro que se analisa o envelhecimento das formas tanto físico quanto social. As formas envelhecem por inadequação física, quando, por exemplo, ocorre desgaste dos materiais. Já o envelhecimento social corresponde ao desuso ou desvalorização, pela preferência social por outras formas. Às vezes o movimento corresponde a uma moda, como a construção de suítes nas habitações; aqui há um envelhecimento moral. Às vezes o envelhecimento das formas permite que haja uma mudança brutal de seu uso – grandes casas viram cortiços, mudam de moradias ricas para pobres. O envelhecimento físico das formas é previsível pela durabilidade dos materiais; o envelhecimento moral não é tão previsível, muda de acordo com o quadro político, econômico, social e cultural.

As permanências representam os intervalos de cada movimento da sociedade na forma de resíduos, que aguardam uma refuncionalização e/ou mudança de forma, sinalizando que não pertencem ou que são oriundos de outros contextos históricos. As “rugosidades”³² sempre existirão, pois os elementos da paisagem não se alteram

³² “[...] o espaço construído, o tempo histórico que se transformou em paisagem, incorporado ao espaço, [...] restos de uma divisão de trabalho internacional, manifestada localmente por combinações particulares do capital, das técnicas e do trabalho utilizados” (SANTOS, 2008a, p. 173). Milton Santos justifica que o que (Castells, 1973, p. 167) chama de “persistências das formas espaciais ecológicas, suscitadas pelas estruturas sociais anteriores”; já que a ecologia trabalha com formas duráveis ou efêmeras, naturais e sociais, ele chama de *rugosidade*, termo utilizado pela geomorfologia, querendo dizer como Castells, que são formas “introduzidas pelo homem”.

ao mesmo tempo. Nesse contexto, as formas preexistentes, de certa maneira se impõem na nova produção, como obstáculo ou reaproveitamento.

Destarte, a permanência pode conter movimento (como por exemplo, na refuncionalização de formas antigas), assim como, a mudança pode conter inércias, como por exemplo, na lentidão da alteração de formas/função, por ocasião de uma redefinição no contexto estrutural.

Em face do dinamismo do espaço, proporcionado pela velocidade e fluidez dos eventos, o conflito e a amnésia, constatados durante o estudo, pela ocasião da reorganização³³ do bairro deu lugar a uma tensão que se espacializa em forma de disputa pela ocupação do “território” fazendo com que a paisagem da Praia do Suá no início do século XXI se apresente, com elementos que denotam mudanças e permanências. Nesse sentido, Carlos (2001, p.42), diz que,

São os diversos modos de apropriação do espaço que vão pressupor as diferenciações de uso do solo e a competição que será criada pelos usos, e no interior do mesmo uso. Como os interesses e as necessidades dos indivíduos são contraditórios, a ocupação do espaço não se fará sem contradições e portanto sem luta [sic]. A paisagem geográfica revela os antagonismos e as contradições inerentes ao processo de produção do espaço num determinado momento histórico.

No contexto mencionado inferimos que é a tensão que vai promover redefinições no bairro, pois a luta é por uma identidade construída ao longo do tempo. Neste sentido, de acordo com Bordieu (2004, p. 124),

[...] está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas [...], é o valor da pessoa enquanto reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo.

Assim, inferimos que a Praia do Suá se redefine por meio de mudanças e permanências, a partir de uma tensão entre a produção interna e externa ao bairro, por intermédio da demonstração das mutações de sua paisagem (SANTOS, 2008) no espaço-temporal, que chamamos de espacialização da tensão (demonstradas nos apêndices A e B e fotografias), como exporemos a seguir.

³³ Entendemos que as mudanças bruscas advindas do aterramento do mar, proporcionaram a necessidade de uma reorganização interna no bairro, assim como, uma externa no contexto da cidade.

4.4 A ESPACIALIZAÇÃO DA TENSÃO: MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA PAISAGEM

Para a construção do “quarto momento” (o atual), realizamos uma leitura da paisagem produzida nos outros momentos e identificamos que o suposto conflito e amnésia, advindos das transformações ocorridas no final do século XX, promoveram o estabelecimento de uma relação de poder³⁴ entre as inovações advindas do dinamismo da urbe e as tradições do lugar, em forma de uma tensão que se espacializa, por meio de produções de agentes diversos, utilizando como suportes metodológicos mapas, fotos e relatos advindos de olhares de moradores e dos “de fora”, com vistas a compreender uma redefinição da Praia do Suá – de vila de pescadores a bairro/mosaico/ilha urbana.

Nas fotos aéreas, que se seguem pretendemos destacar a produção ao longo do tempo, nos limites do bairro, que proporcionou mudança na estrutura física, as quais dão indícios de intenções de uso daquele “pedaço” da cidade - alterações que incorreram em impactos de várias ordens, quais sejam, físicos, sociais, culturais e outros.

As fotos aéreas (Figura 8) de épocas distintas (diferentes paradigmas) auxiliam na síntese de alguns assuntos tratados no decorrer desse estudo, importantes para a compreensão dos eventos. Nessas fotos a mudança na estrutura física dos entornos da Praia do Suá se evidencia, descortinando paisagens diferenciadas, concretização de acordos e planejamentos advindos de decisões de agentes hegemônicos. Nos anos 1970, as mudanças são bruscas (processo de aterramento) e a partir de então, denotam um movimento estrutural lento e sutil (processo de urbanização). As imagens constantes na Figura 8 foram destacadas para melhor entendimento.

- **A** O lugar que possuía um mar (1972);
- **B** O lugar que ficou sem o seu mar (1976);
- **C** O lugar com novas funcionalidades (1996).

³⁴ A relação de poder emerge naturalmente nas contradições.

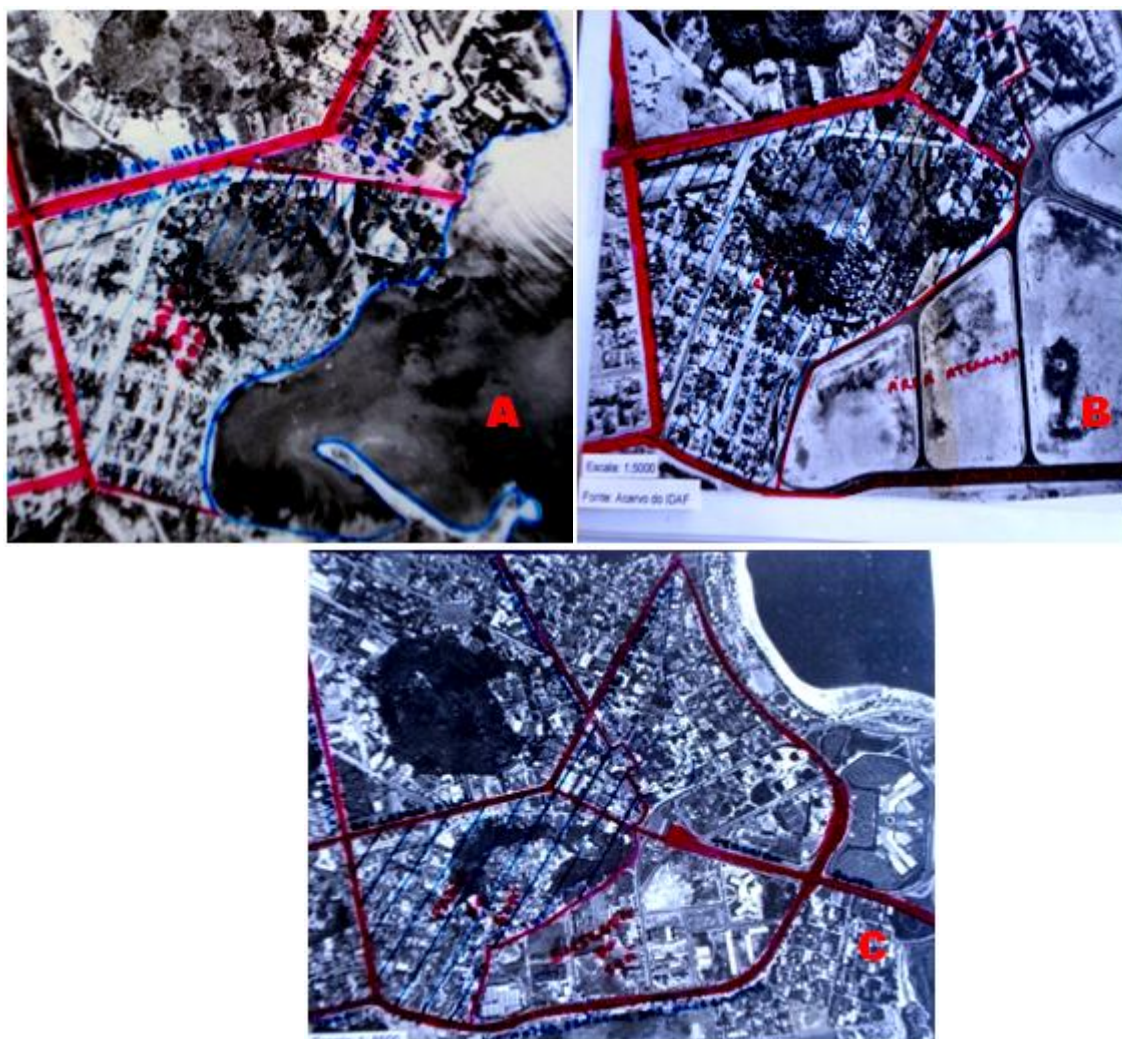


Figura 8 - Fotos aéreas (1972, 1976 e 1996).
Fonte: IJSN
Organização: Souza, Lucia Helena Pazzini de (2001).

Os desdobramentos do aterramento se fizeram notórios, como por exemplo, com o “recuo do mar”, os barcos de pesca que ficavam atracados ao longo do limite geográfico tiveram que ser deslocados e devido a este fato, os pescadores precisaram mudar o percurso que faziam com destino ao seu trabalho, que se tornou mais longo e afastado de suas residências, além de que não podiam mais “vigiar”, o seu barco de perto, segundo o pescador Sylvio de Jesus Pazzini.

Em relação aos limites administrativos, as fotografias dos mapas³⁵ que se seguem, referente ao ano 2000 e 2009, respectivamente, também demonstram alterações no espaço físico – incorporação do morro e subtração da parte, atualmente, denominada de bairro Santa Helena.

³⁵ Mapas de uso do solo urbano. Fonte: PMV



Figura 9 – Mapas comparativos (2000 e 2009).



Nessa fotografia³⁶ o morro aparece delimitado, ou seja, como outro bairro, dividido, e denominado pela Prefeitura Municipal de Vitória, de bairro São José e Santa Helena.

Nessa outra fotografia o morro não aparece mais delimitado³⁷, ou seja, foi incorporado à Praia do Suá. O bairro Santa Helena³⁸, que fazia parte da Praia do Suá (no primeiro mapa) foi desmembrado da Praia do Suá.

Quanto a produção no interior da Praia do Suá os mapas de Mudanças e Permanências (Apêndices A e B), permitem visualizar o bairro compartimentado em quatro áreas (especialização da tensão) que podem explicar as relações advindas da concentração nesses setores de diferentes agentes sociais, os quais convivem na Praia do Suá - o morro; os pontos de venda de pescados/área residencial, compartilhados (se misturam); a área comercial e de serviços e a “área nobre” (próxima à Terceira Ponte).

³⁶ Mapa síntese de conclusões dessa autora em estudo anterior.

³⁷ O IBGE não reconhecia bairros em Vitória, o mesmo não acontecia com a Prefeitura Municipal de Vitória, que reconhecia. A Lei Municipal 6.077/2003 aproximou os setores censitários do IBGE com os limites territoriais definidos por ela.

³⁸ Santa Helena, que também era uma praia, é um dos bairros que foi constituído junto com a Praia do Suá, por meio do Plano “Novo Arrabalde”; após o aterramento foi “incorporado” à Praia do Suá e uma parte do morro passou a ser chamada pela Prefeitura Municipal de Vitória por esse nome, o que foi desfeito a partir da legislação que aproximou os setores censitários.

A necessidade de se pensar o processo de produção do espaço numa perspectiva de mudança envolve a análise das desigualdades sociais que colocam em xeque as formas de apropriação, expressas no parcelamento do solo urbano e, conseqüentemente, nas formas de uso (CARLOS, 2001, p. 33)

Nesse sentido, os quatro setores permitem perceber essas desigualdades pela diferença de produção, apropriação e de usos.

a) O Morro

Como pode ser visualizado na Fotografia 24 o morro está com um processo de ocupação intensa e ao que parece, esgotado.



Fotografia 24 – Morro (2009).
Fonte: Trabalho de campo.

Ao longo do tempo, esse morro recebeu várias denominações - Morro da Garrafa, devido a existência no passado de uma grande garrafa de cimento em seu cume, São José e após ser “dividido”, São José/Santa Helena e, atualmente, “parte alta da Praia do Suá”. Dialogando com alguns moradores, constatamos que alguns lá residem, desde os anos de 1960.

A fotografia mostra ainda modificações na arquitetura das casas promovidas por moradores, que semelhantes aos da parte baixa do bairro, construíram vários pavimentos em algumas residências. Alguns prédios ficaram mais altos do que a

maioria existente na parte baixa do bairro, que é de três pavimentos. As cores são provenientes de um Plano urbano denominado “Vitória de todas as cores”.



Foto 25 – subida do morro [196-?]
Fonte: Arquivo Público Municipal.



Foto 26 – descida do morro [197-?]
Fonte: Arquivo Público Municipal.

As fotografias de épocas distintas mostram o mesmo lugar em perspectivas diferentes – de baixo para cima e de cima para baixo (subida e descida do morro) pela Rua Almirante Barroso. Na paisagem que se descortina percebem-se as mudanças que ocorreram ao longo do tempo. Na foto à esquerda, provavelmente de meados dos anos de 1960 (início de ocupação) aparece um caminho de chão.

Na fotografia à direita vê-se que paralelepípedos substituíram a estrada de chão. É interessante destacar nessa imagem (Fotografia 26), ao lado esquerdo (na foto), utensílios que eram parte da antiga profissão da moradora Lindaura (lavadeira) que juntamente com a sua mãe, “lavava roupas para fora” naquele local (lavadouro) e que disse que não vende sua casa por dinheiro nenhum, pois, “já não tem idade para ficar de um lado para outro”.

O lugar constante na próxima imagem (Fotografia 27) é o mesmo da Fotografia 25. É interessante observar as mudanças no formato arquitetônico das casas, que demonstra o movimento estrutural da paisagem pela mudança de formas.



Foto 27 – Subida do Morro (2010).
Fonte: Trabalho de campo.

Nesse sentido é importante destacar o trabalho de infraestrutura realizado pela urbanização, que por intermédio de vários planejamentos, auxiliou na substituição de antigos barracos de madeira, conforme contrastes nas Fotografias 25, 26 e 27, por construções fortificadas, inclusive em relação as contenções que foram feitas para os imóveis localizados nas encostas.

b) Os pontos de venda de pescados e mariscos e residências

Na pesquisa em curso constatamos que nos anos de 1990, em contrapartida ao movimento externo de tentativas de padronização na cidade, que se reproduzia nos bairros, ocorria no interior da Praia do Suá um movimento sutil de reprodução de pontos de venda de pescado, principalmente por moradores que aproveitando a “vocação pesqueira” do lugar, para não serem “tragados” pela cooptação³⁹ do bairro e também se inserirem no processo capitalista, com intuito de se estabelecerem comercialmente, sem perceberem, criaram um mercado. A esse respeito, Santos (2008, p. 108), diz que “nem todo o externo é o novo absoluto”.

A esse respeito a funcionária pública Norma Suely, moradora em outro município comenta “a referência que tenho da Praia do Suá é que é o lugar onde se compra peixe fresco” e o professor Antônio Arlindo Gonçalves explicitou “bairro famoso pelas suas peixarias” e o Historiador Lucio Benedito Mauro disse que “ainda hoje, muitas pessoas só vão lá para comprar peixe fresco e de qualidade. Ainda, se pechinchar, pode comprar até mais barato”.

³⁹ Perceptível nos edifícios que foram surgindo nas principais avenidas da Praia do Suá, se “apropriando do lugar”.

Nos contextos mencionados é interessante perceber as estratégias criadas pelos habitantes do lugar para não serem “sufocados” pelas mudanças externas, pois o bairro é ainda para alguns, uma “extensão da sua casa”. Segundo Carlos (2001, p. 279),

O que observamos nos bairros é indicativo do fato de que os usos transformam os espaços como modo de apropriação particular e específica, por exemplo, na cor da casa, no arranjo do jardim, nos móveis dos alpendres, na improvisação da garagem, no tipo de muro que circunda a casa, na altura do portão, etc.

Na Praia do Suá, como mencionado, há diversos exemplos, ao longo do tempo dessa apropriação dos espaços pelos moradores -- os pontos de revenda⁴⁰ de pescados e mariscos é um deles, pois atualmente ocupam uma grande dimensão no interior do bairro, contribuindo na movimentação da economia local, conseqüentemente, na economia da cidade, além de manter o solo ocupado, tornando o espaço raro.

A seguir demonstraremos o movimento de reprodução, por meio de fotografias de alguns pontos de revenda de pescados e mariscos⁴¹, as quais permitem fazer várias inferências, conforme nossos entendimentos. A espacialização desses estabelecimentos pode ser visualizada nos mapas de Mudanças e Permanências (Apêndice A e B).

⁴⁰ Preferimos chamar de pontos de revenda de pescados e mariscos, ao invés de peixarias, pois, na Praia do Suá, conforme demonstraremos há várias formas de comércio dos produtos marítimos – residências, barraquinhas nas ruas e peixarias.

⁴¹ A maior parte dos estabelecimentos é de propriedade de moradores ou associados. A Colônia de pesca surgiu nos anos de 1930. A Peixaria Capixaba data de 1960, conforme informação do proprietário. O surgimento dos outros pontos de revenda se deu a partir do final do século XX, “coincidindo” com a implantação dos primeiros edifícios.



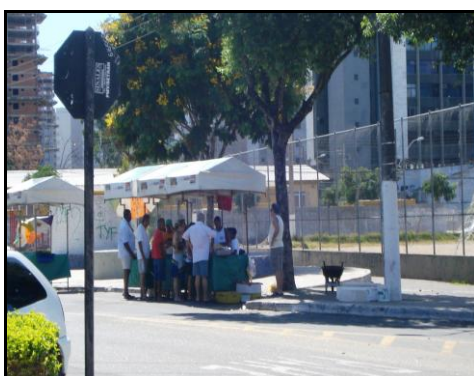
Enquanto o processo de produção do espaço urbano se articulava para dar sequência na reprodução de movimentos da urbe na Praia do Suá, por estratégias de vários agentes (imobiliários e iniciativa pública e privada), um movimento contraditório, produzido pelos moradores, acontecia no bairro - a reprodução de pontos de revenda de pescados e mariscos, reforçando a antiga cultura do lugar, tornando a Praia do Suá uma das principais referências na comercialização desses produtos.

Esse contexto permite observar movimentos estruturais e funcionais da paisagem, como por exemplo, formas exercendo duplas funções, residenciais e comerciais. Nesse sentido a leitura que o ex-morador Marcos Antônio, 42 anos, nativo do lugar faz é que

A Praia do Suá sempre foi região de casas, que, a medida que sofre mudanças estão virando comércio, mudando características do bairro. Algumas coisas não mudam, como por exemplo, as peixarias, é a cultura, embora próximo ao centro, o bairro mantém a característica de sua formação como vila de pescadores.

Outro movimento proveniente dessa paisagem é o funcional, quando em finais de semana e/ou em determinadas datas comemorativas do ano (Semana Santa e Corpus Christi) aumenta o fluxo de pessoas (usuários) e veículos (estacionados e em movimento) na Rua Almirante Tamandaré.⁴²

⁴² Conhecida como antiga Rua dos pescadores, onde estão localizados a maior parte dos pontos de revenda de pescados e mariscos.



Fotografia 28 – Pontos de revenda de de pescados e mariscos.
Fonte: Trabalho de campo.

Nesse sentido inferimos que os pontos de revenda de pescados e mariscos, “impedem”, de certa forma, que a Praia do Suá, seja “tomada” por edifícios, a exemplo de outros bairros, o que nos aparece como estratégia de manutenção da antiga identidade pesqueira, implícita na paisagem proveniente do “cheiro do peixe e dos mariscos”, resíduos, marcas (*palimpsesto*) advindas da vila de pescadores, que atrai para o bairro pessoas de diferentes pontos.

A reprodução desses estabelecimentos se estendeu para além da “Rua dos pescadores”, alcançando outras ruas e avenidas do bairro, ultrapassando, inclusive, os limites administrativos da Praia do Suá, cujo exemplo são as barraquinhas, “coincidentemente”, montadas na pracinha construída sobre o aterro do mar, no bairro Enseada do Suá, demonstrando também um movimento funcional da paisagem.

Outro movimento perceptível foi o de moradores que descascavam camarão manualmente para serem comercializados pelos estabelecimentos, cuja mão-de-obra ao ser substituída em grande parte, por máquinas, propiciou a comercialização desses produtos e outros, também por eles, como demonstra essa última imagem (anúncio na frente de uma residência).

Com base no exposto, inferimos que a permanência (os produtos do mar), em forma de resíduo da antiga atividade pesqueira tornou-se uma mudança, pelos próprios moradores da Praia do Suá, que os transformou em mercadoria. Neste sentido, parafraseamos Milton Santos quando diz que as mudanças nem sempre vem de fora.

As diversas atividades constantes no bairro atraem pessoas de diversas partes, entre essas, um Pronto-atendimento Municipal - PA, que demonstra o movimento estrutural da paisagem (SANTOS, 2008, p. 76), quando uma velha forma (Hospital São Pedro) foi alterada para adequar novas funções. Neste sentido, casas também foram reformadas para funcionarem como pontos comerciais e de serviços, com manutenção da moradia nos pavimentos superiores ou nos fundos dos terrenos, como demonstrado nas fotos das peixarias.

A Praia do Suá é um lugar ainda de muitas casas, cujos donos são moradores antigos, conforme imagens constantes na Fotografia 29, o que de certa forma também “impede” a construção de prédios em seu lugar. Nas fotos abaixo é possível perceber o formato arquitetônico antigo contrastando com adequação aos novos tempos (grades, telhados, formato de janelas etc).



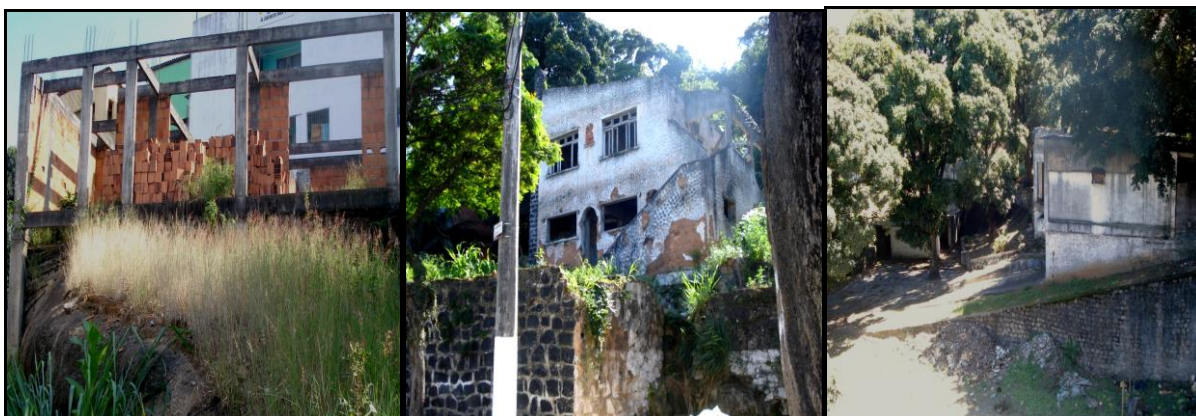
Fotografia 29 - Casas em formato arquitetônico antigo (2010).

Fonte: Trabalho de campo.

A Foto à direita da página é de uma casa pertencente à família de Maria Eleonor Pereira da Silva, que foi presidente da Associação de Moradores, Amosuá, que também contribuiu na construção do histórico da Praia do Suá relatado por (MATTEDI, 2002).

A casa possui arquitetura antiga, “com varanda em forma de arco, que era muito utilizado no passado”, como disse a moradora Yara, filha de Maria Eleonor. Em entrevista a Souza (2001, p. 57), Maria Eleonor disse que foi vítima de roubos e que constantes assaltos e arrombamentos aconteciam naquela época no bairro. A casa gradeada contrastando com a arquitetura antiga reflete a preocupação de Maria Eleonor com a segurança de sua família. A filha de Maria Leonor, Yara, acrescentou que gosta muito da Praia do Suá e que não vende a sua casa a preço nenhum, pois tem “raízes” no lugar.

Outras inferências que fizemos a respeito de permanências na Praia do Suá foi em relação a alguns imóveis em estado de abandono (possuem proprietários), há vários anos, que também fazem parte da paisagem “atual”; como por exemplo na Rua João Baptista Parra, (Fotografia 30), à esquerda da página. O mirante, sobre o qual está localizado o imóvel, era margeado pelo mar.



Fotografia 30 - Imóveis em estado de abandono (2010).

Fonte: Trabalho de campo.

Na Rua Neves Armond⁴³ e General Câmara também existem casas nesse estado há muitos anos (as duas outras imagens constante da Fotografia 30), que causam uma aparência ruim na paisagem do lugar ficando atemorizado quem precisa passar por lá, principalmente no período da noite, pois assaltos acontecem próximo ao local.

As mudanças estruturais também foram percebidas nas ruas, como por exemplo, em relação a passagem de veículos, que em grande proporção, diminui o espaço de

⁴³ Por ocasião da outra pesquisa realizada por essa autora no ano de 2001 a casa localizada nessa rua (figura do meio) já se encontrava em depredação.

circulação das pessoas; nesse sentido, o historiador Carlos Alberto Firmino relatou que “a tendência da Praia do Suá, face à urbanização em seu entorno, é se tornar um bairro com intenso trânsito por suas ruas, com muito barulho, poluição e ruas mal-iluminadas”, o que já é uma realidade.

Nesse aspecto, a construção de ruas e avenidas⁴⁴, proveniente do processo de produção do espaço urbano transformou a Praia do Suá em um lugar de passagem de veículos, que se dirigem a pontos diversos, sobre o qual, a usuária/pedagoga, Cristina Tauffer, fez o seguinte comentário, “para mim a Praia do Suá é lugar de passagem para o centro da cidade”.

Em contrapartida, permanece no bairro, a representação da identidade pesqueira, simbolizada pela Colônia de Pescadores⁴⁵, assim como, as tradições advindas das festas (Procissão Marítima e São João) e comemorações (malhação do Judas), conforme Mapa de permanências (Apêndice B).

Nesse sentido, a cultura também se manifesta e reforça a “apropriação sobre o lugar”, com renovação e criação de festas pelos moradores, tais como, festa junina e bloco de carnaval; e manutenção de outras manifestações culturais, que o frequentador/contador Samildi Faustino traduz da seguinte forma “a imagem que tenho da Praia do Suá é de um bairro residencial que preserva a cultura e os seus moradores muito se orgulham de suas origens”; a usuária/administradora Cleuza Félix disse que “a imagem que tenho da Praia do Suá é de um bairro pacato que mantém as tradições populares”.

Outro movimento de “persistência” foi percebido, quando a usuária do bairro Cristina Tauffer fez o seguinte comentário:

A imagem que tenho da Praia do Suá é de um bairro bucólico, próximo ao centro da cidade. Parece, em algumas ruas, que o tempo parou. Tenho observado outros bairros de Vitória. A tendência tem sido uma valorização imobiliária muito grande, ocasionando derrubada de casas/construções mais antigas para a edificação de prédios altos, de salas e/ou apartamentos. Creio que é o que já está acontecendo com a Praia do Suá.

⁴⁴ Nesse sentido durante a elaboração do estudo anterior, constatamos que a Rua Professor Sarmiento foi aberta, para desafogamento do tráfego, com desapropriação de moradores.

⁴⁵ Institucionalizada pelo Estado para legitimar a profissão de pescador (instrumento de manipulação???) , cuja função foi modificada ao longo do tempo, estando atualmente muito mais ligada à política do que as necessidades dos pescadores, sendo que a nomenclatura e os produtos da comercialização (elementos da paisagem), como relíquias, se remetem aos tempos passados.

Uma boa percepção que a frequentadora do bairro tem, pois em parte acontece o relatado por ela. Quanto à valorização imobiliária, causando uma mudança na paisagem pela subtração de casas/construções antigas e adição de altos edifícios, esclarecemos que em algumas ruas, constatamos outro movimento – terrenos vazios e construções com placas de venda.

Nesse sentido, observamos que os imóveis são difíceis de vender, haja vista as placas sinalizando essa pretensão, que permanecem “indefinidamente”⁴⁶ nesses locais, conforme Fotografias 31 e 32.



Fotografia 31 - Imóvel com placa de venda
Fonte: Trabalho de campo

A venda de imóveis não se realiza, muitas vezes, em face do número de parentes que moram nos terrenos que não concordam em vendê-los; pelo valor, ou mesmo, pelo fato dos imóveis estarem localizados em terreno de marinha, o que pode não ser atrativo para a especulação imobiliária.

A dificuldade na venda de imóveis é explicada pelo morador de nome Sylvio de Jesus Pazzini, 72 anos, que justifica,

Aqui não têm prédios, pois as pessoas não querem vender, por ser aqui um lugar estratégico (tem farmácia, restaurante, supermercado), como dizia o profº Rui Lora (falecido), somos privilegiados! A casa do profº Rui Lora, com arco na varanda, demorou vinte anos para ser construída, uma imobiliária quis comprar a casa dele e ele não quis vender pelo tempo que levou para construir sua casa.

Neste sentido, constatamos que moradores antigos recusam-se a venderem suas casas, pois ao serem questionados pela pesquisadora, manifestaram a não intenção de se desfazerem de seu imóvel, por morarem há muito tempo e se afeiçoarem ao lugar, muitos desses, descendentes dos primeiros habitantes da Praia do Suá.

⁴⁶ Fato observado pela vivência no bairro e confirmado no decorrer desse estudo.

Ainda em relação às ofertas de venda, a Fotografia 32 é de um imóvel que teve como última funcionalidade, uma associação para pessoas com deficiência. Encontra-se fechado e há bastante tempo foi colocado à venda. Curiosamente, meses depois de fotografado, apareceu com placa de aluguel, provavelmente pela dificuldade, o proprietário desistiu de vender.



Fotografia 32 – Imóvel colocado à venda (2010).

Fonte: Trabalho de campo.

No tocante ao aceite das mudanças, há certa resistência por parte de moradores, que na percepção de Mattedi (2002, p. 29) é explicada pela particularidade da história do lugar,

Diferentemente do que ocorreu em outras regiões de Vitória, hoje nobres, cuja população nativa foi “empurrada” [grifos do autor] para a periferia para dar espaço à especulação imobiliária, na Praia do Suá – estranhamente – isso não ocorreu por inteiro. Antigos proprietários ainda preservam suas casas, tanto é que não se vê nenhum arranha-céu no centro do bairro ou grandes lojas de departamento. Um dos motivos pra tal resistência seria o fato de que filhos dos pescadores se tornaram “doutores” [grifos do autor], obtendo assim ascensão social e melhorando o padrão familiar com o status de classe média.

Hábitos do cotidiano também podem ser alterados em decorrência do dinamismo das cidades, conforme o pensamento da geógrafa Rosimery Ribeiro, “a paisagem do bairro pode sofrer mudanças estruturais devido ao crescimento imobiliário dos bairros vizinhos, o que pode gerar um estranhamento por parte da população mais antiga”.

O movimento estrutural (a mudança) da paisagem da Praia do Suá parece que se dá de forma lenta, sutil, em relação aos bairros em seu entorno, apesar de ser um dos

mais antigos de Vitória, ao que o ex-morador Marcos Antônio, nativo do lugar, argumenta: “o desenvolvimento do bairro é lento, até demorado, falta de desenvolvimento político, apesar de ter um vereador no bairro, não explicável, pois possui localização estratégica”.

A lentidão no acompanhamento do processo de urbanização pode ser explicada na consideração de Mattedi (2002, p. 28), que diz que os “habitantes da Praia do Suá continuam sofrendo de um “mau local virtuoso” [grifos do autor] – o bairrismo”.

Em vista das imposições e da resistência às mudanças, a partir de reações diversas mencionadas, alguns colaboradores da pesquisa emitiram prognósticos sobre as tendências do lugar.

Sobre as transformações na Praia do Suá, a geógrafa/frequentadora do bairro Gláucia argumentou que

A Praia do Suá compreende um bairro tradicional, que apesar da modernidade, mantém características antigas e estabelecimentos que resistiram ao tempo e continuam como ponto de referência do bairro desde a sua fundação. A imagem que tenho da Praia do Suá é que é um dos poucos bairros que resistem a essa tendência capitalista de uma modernidade descartável, voltado para o excesso consumista e cada vez mais distante da importância das raízes, da origem de um determinado espaço. Fator esse que dinheiro algum pode comprar. Em face da intensa urbanização em seu entorno, a tendência da Praia do Suá é transformar-se cada vez mais em um bairro “moderno”, restringindo as características culturais à colônia de pescadores, e esta com o tempo somente como registro histórico daquilo que um dia movimentou a vida do bairro.

Sobre a possibilidade de incorporação de novos elementos na paisagem da Praia do Suá, no formato de altos edifícios, a ex-moradora Maria da Penha disse que

Se um dia houver prédios altos na Praia do Suá como existe nos bairros em seu entorno, prejudicaria o lugar por ele ser pequeno, penso que isso explica também a ausência de verticalização na Praia do Suá, a exemplo de outros bairros.

A respeito de uma verticalização⁴⁷ na Praia do Suá, nos moldes da homogeneização, o geógrafo Thalimar emite uma opinião hipotética,

Talvez a Praia do Suá não participará da urbanização, essa urbanização voltada cada vez mais para o negócio (Lefebvre), a partir da verticalização, mas, talvez, como um espaço que remete a um passado que hoje é

⁴⁷ A palavra verticalização foi utilizada nas entrevistas e questionário como sinônimo de prédios e edifícios de forma arquitetônica vertical com mais de doze metros.

raridade, como é o caso do modo de vida de pescadores, e, nesse sentido, a PMV ou empreendedores podem explorar isso de alguma forma.

A percepção de quem vê de fora, como o geógrafo Flávio Palhano Fernandes é de que “a Enseada do Suá se expande sobre a Praia do Suá, alterando a forma e funções deste bairro mais antigo”.

Nesse aspecto a administradora Cleuza Félix, frequentadora do lugar destacou que,

A tendência da Praia do Suá, ao meu ver, é continuar imprensada pelos bairros vizinhos, devido ao processo de urbanização e de desenvolvimento econômico e social principalmente o da Enseada do Suá que se colocou à sua frente – onde a mídia está sempre divulgando o comércio e os pontos turísticos como a Cruz do Papa, o Hortomercado, os restaurantes, o shopping e até a Terceira Ponte.

c) A área comercial e de serviços

Em relação aos diversos usos, a arquiteta-urbanista Eliana Kuster, frequentadora da Praia do Suá disse que é perceptível no bairro “uma mistura de usos, que não possui uma imagem definida, além daquela antiga, da colônia de pescadores”.

Nesse contexto, Mattedi (2002, p. 29), diz que

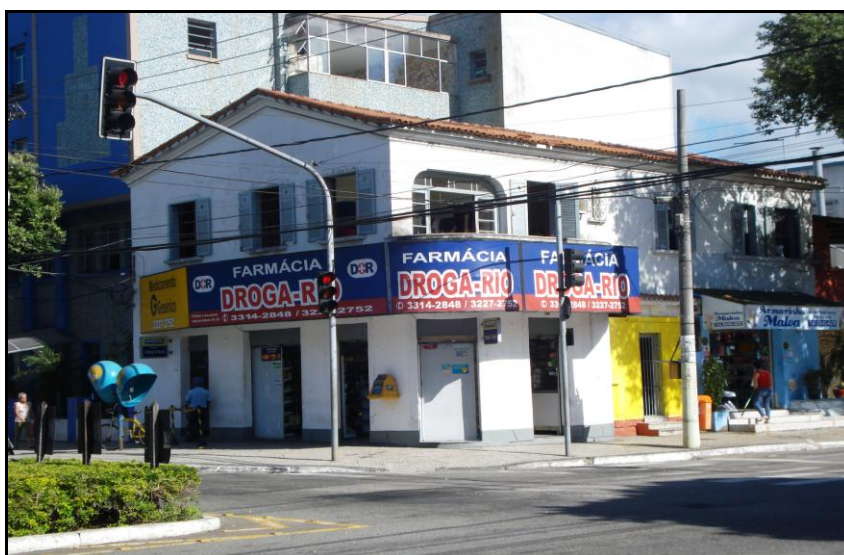
O núcleo da ex-colônia de pescadores parece dominar a volúpia dos complexos imobiliários, mantendo a todo custo legados de outrora. É possível, por exemplo, andar pelas ruas centrais, sobre calçadas arborizadas, onde moradores ficam conversando no portão por horas, como se o mundo não tivesse pressa [...].

No início do século XXI, constatamos que o fato relatado por este autor ainda ocorre, principalmente no período noturno, ocasião em que o bairro é apropriado pelos hábitos cotidianos de moradores; a população flutuante encontra-se ausente, em maioria, e a Praia do Suá aparenta pertencer só a eles. Essa apropriação é notória pela descontração de famílias e amigos que sentam-se nas calçadas para conversarem (colocando até cadeiras), o que no pensamento de Santos (2008) demonstra um movimento funcional da paisagem dessas ruas, pois durante o dia a paisagem dessas calçadas se altera, havendo uma subtração das cadeiras e das pessoas conversando, sendo o bairro compartilhado pelos de “fora”, pessoas e veículos.

Nesse sentido, o comércio e os serviços, especificidades que promovem uma intensa movimentação dentro do bairro - pela atração de usuários e frequentadores⁴⁸, compromete a ambiência no lugar, disputando o bairro com os moradores.

Nos Mapas (Apêndices A e B) é possível visualizar a concentração de pontos de comércio diversificados e serviços especializados, que se localizam na Avenida Desembargador Ferreira Coelho, Padre Antônio Ribeiro Pinto (que ainda mantém construções comerciais produzidas pela família Hilal) e Avenida Leitão da Silva.

A “permanência” é também, percebida, quando formas são aproveitadas e readaptadas, mudando-se somente a sua função (SANTOS, 2008); na avenida Desembargador Ferreira Coelho percebemos esse “movimento escondido” (Fotografia 33) - a farmácia Droga-Rio, cujo formato arquitetônico (rugosidade) revela a função anterior, de uma residência, que foi adaptada, para um funcionamento comercial; a parte superior da casa continua funcionando como residência, exercendo assim, dupla função (comercial e residencial), como tantas outras formas na Praia do Suá.



Fotografia 33 – Farmácia Droga-Rio (2010).
Fonte: Trabalho de campo.

⁴⁸ Os termos usuário e frequentador não são utilizados nesse estudo como sinônimos, mas, estabelecendo vínculos de uso da Praia do Suá. O frequentador, de acordo com os questionários aplicados, participa mais ativamente das especificidades do bairro (bares, peixarias, restaurantes) e o usuário de maneira mais ocasional (clínicas, lojas, supermercados).

Além dos pontos de revenda de pescados, outros elementos “remanescentes” da paisagem, impedem de certa forma, a construção em seu lugar, de altos edifícios, tal como o conjunto residencial, localizado na Avenida César Hilal, construído nos anos de 1950, conforme mapa de permanência (Apêndice B).

Ao longo dessa avenida, no entorno da Praia do Suá estão localizados - um posto de gasolina, uma faculdade, poucas lojas, a Praça Doutor Demócrito de Freitas, o Banco HSBC Bamerindus e o conjunto de prédios antigos, mencionado (Fotografia 34), construído por um imigrante de nome César Hilal, conforme relato⁴⁹, que se segue,

O Sr. César Hilal foi um grande comerciante, juntamente com os quatro irmãos, vieram da Síria, em meados de 1928. Em 1955 o Dr. Jones dos Santos Neves, então governador do estado homenageou o Sr. César Hilal, substituindo a avenida anteriormente chamada Ordem e Progresso, pelo nome Av. César Hilal, em virtude dos irmãos, terem construído o conjunto Hilal, cujos nomes foram dados a sete sobrinhas⁵⁰ do senhor César.



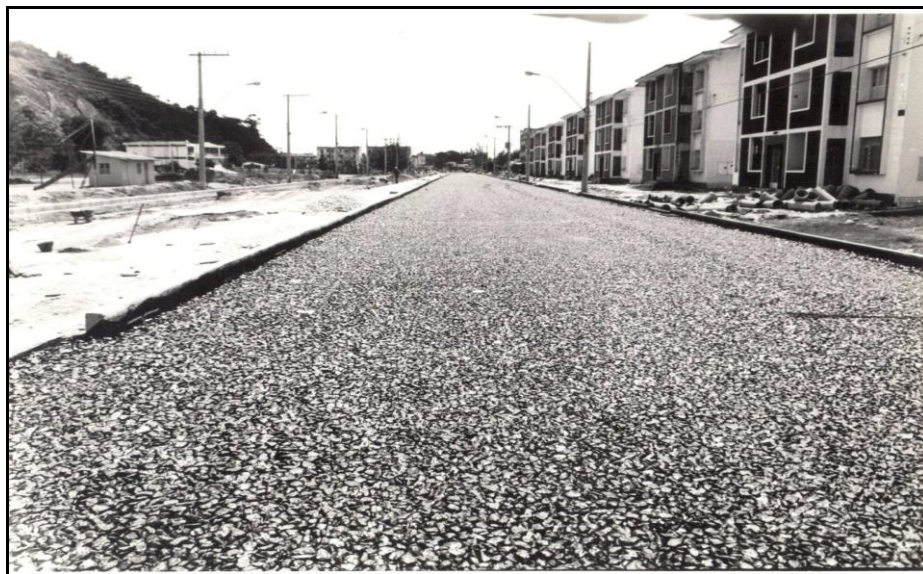
Foto 34 – Conjunto Hilal (2010).
Fonte: Trabalho de campo.

Nas próximas imagens (Fotografias 35 e 36) é possível acompanhar a Avenida César Hilal em construção. Esse recorte da paisagem revela também que no lado oposto aos prédios, no bairro, atualmente denominado de bairro Santa Lucia, não

⁴⁹ Extraído do Guia Bento Ferreira Institucional & Comercial 2008, 2ª edição e 2009, 3ª edição – que traz como fonte – o relato feito pelo sobrinho do Sr. César Hilal que depois de um mês de falecimento do tio foi homenageado com o nome César Hilal.

⁵⁰ Conforme constatamos em fevereiro de 2010, os prédios mencionados possuem denominação feminina - Leila, Samira, Minerva, Munira, Nádia, Adélia e Fátima, todos com três pavimentos.

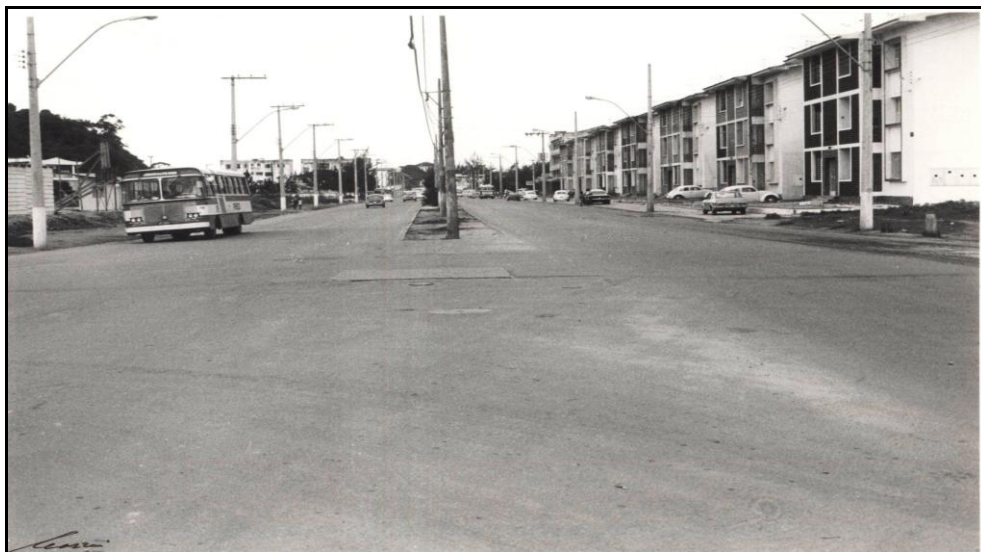
havia ainda naquela época, um elemento atual chamativo na paisagem, que é a Secretaria de Educação - Sedu, no recorte da paisagem aparece, ainda, um elemento natural, um testemunho que resiste às mudanças no tempo, o Morro do Itapenambi⁵¹. Na imagem é possível visualizar também construções ao fundo.



**Fotografia 35 – Avenida César Hilal em construção [195-?].
Fonte: Arquivo Público Municipal.**

Na Fotografia 36 aparece a Avenida César Hilal construída – com asfalto e divisão de pistas, inclusive com circulação de ônibus; postes com iluminação no meio e de um lado e outro da avenida. Na imagem visualiza-se também, vários veículos estacionados, principalmente de um modelo da Volkswagen, o Fusca, o que aponta para uma provável data da fotografia, época em que essa marca de carro era muito utilizada. As construções que se viam ao fundo, na imagem anterior, com a mudança de ângulo, aparecem agora com mais clareza, assim como a arborização.

⁵¹ Disponível em:< http://geoweb.vitoria.es.gov.br/pdf/ilhas_morros.pdf>, acesso em 02março2010.



Fotografia 36 – Avenida César Hilal [196-?]
Fonte: Arquivo Público Municipal.

d) A “Área nobre”

Quanto a esse item ainda não há muito que se falar, já que foi em data recente, por volta do ano de 2006, que essas mudanças se evidenciaram.

No início do século XXI, em continuidade ao processo de ocupação do espaço, novos (modernos) padrões de construção foram estabelecidos na Praia do Suá, em forma arquitetônica diferente, daquela comumente encontrada em seu interior; localizados próximos à Terceira Ponte, no limite administrativo entre a Praia do Suá e Enseada do Suá. É a constatação de novas classes sociais se inserindo no bairro, que se encontram segregadas, conforme Mapa de mudanças (Apêndice A).

Além dos usos advindos da função residencial, comercial e de serviços, da paisagem da Praia do Suá também consta alguns órgãos públicos, localizados, em maior parte na Avenida João Baptista Parra (que substituiu o mar), tais como a Prodest Tecnologia e Informação, a Biblioteca Pública Estadual e o Tribunal Regional Eleitoral (TRE).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa alcançou o seu objetivo principal não explícito, quando o olhar da moradora/ pesquisadora foi expandido e ela conseguiu ver além do aparente, mais do que o óbvio e a vivência no lugar permitiam.

A análise das transformações ocorridas na Praia do Suá proporcionou um entendimento da paisagem descortinada no bairro em suas várias dimensões: morfológica, histórica, espacial e simbólica.

A leitura da/na paisagem permitiu identificar não somente a dinâmica espacial, que ocorre em outros lugares, mas, na escolha do objeto, um bairro da cidade, desvendar a carga de subjetividade que acompanha os processos de permanência e de mudança, que não estão escritos, mas, inscritos na paisagem e que é particular a cada lugar. Nesse contexto, conhecer os ritmos (a funcionalidade) e como a Praia do Suá se estrutura no tempo foi esplêndido!

No acompanhamento do espaço-tempo do lugar inferimos que a permanência e a mudança se complementam e se explicam, ou seja, formam também uma paisagem. Nesse sentido, podemos afirmar que há permanência na mudança, como por exemplo, a venda de pescado no bairro, que é uma permanência, já as peixarias uma mudança - e mudança na permanência, como por exemplo, as inovações nas casas em formato antigo, como grades, novos telhados e outras adaptações (mudanças) internas e externas.

Enxergar o que a paisagem mostra, mas não revela, foi um ponto chave, um desafio, pois houve a necessidade de desenvolver o uso da percepção para captar movimentos escondidos e não sei se o êxito foi logrado.

Tomar a Praia do Suá nas “mãos”, por meio da cartografia, fotos antigas, atuais e aéreas, relatos, juntamente com a vivência no bairro, e, ainda com o uso da teoria, permitiu conhecê-la melhor e compreender a sua morfologia.

Um lugar “amputado”, “estrangulado”, pressionado a mudar, ou até mesmo “um bairro que fica espremido entre Bento Ferreira e a Enseada do Suá” conforme comentou a filósofa frequentadora Cor Mariae ou ainda, tendo como tendência

“continuar imprensado pelos bairros vizinhos”, como proferiu a Administradora usuária do bairro Cleuza Félix. Saber como ele é visto de dentro e de fora por outras lentes também foi muito importante e enriquecedor.

Reconhecer a Praia do Suá enquanto parcela do espaço urbano de Vitória, que contribui no enaltecimento da cidade diante de outras cidades, como por exemplo, ao utilizar algumas de suas especificidades, como a venda de pescados e mariscos e a confecção da moqueca capixaba, favorece também, a venda das panelas de barro, que são especificidades de outro bairro, trazendo uma valorização para o turismo do Estado, foi sensacional!

Entender as contradições aparentes na paisagem foi um desafio que exigiu um olhar mais apurado, mais cauteloso. Mais do que fazer analogias entre “o novo e o velho” ou estabelecer cronologia e contrastes, demonstrando o dinamismo espacial, este estudo pretendeu valorizar a categoria paisagem, como importante instrumento de análise.

O bairro em estudo foi produzido pela necessidade de expansão da cidade de Vitória e posterior desenvolvimento econômico, conforme descrito no planejamento urbano que produziu a Praia do Suá. Sendo assim, não pode se pensar em um sem o outro, pois também não existe cidade sem bairro - mesmo que este se reduza ao centro - já que é uma totalidade, pois segundo Ramos (2004, p. 82, apud, Lefebvre, 1975), “sem bairros, assim como sem ruas, pode haver aglomeração, tecido urbano, megalópoles. Mas não há cidade”.

Com vistas a responder a um dos objetivos da pesquisa, que foi em entender uma suposta “amputação, sufocamento, estrangulamento, que o bairro seria engolido ou com tendência ao desaparecimento, sendo incorporado por outros”, inferimos que a Praia do Suá, a partir do incremento na venda de pescados e mariscos, se afirma como uma especificidade na urbe, pois, ao lançarmos um diferente olhar sobre o “resíduo”, concordamos com o pensamento de Haesbaert (2006, p. 338), quando diz, “o que não quer dizer [...], que essas formas mais antigas [...] não continuem presentes, formando um amálgama complexo com as novas modalidades de organização territorial”.

Ressaltamos que há produção na Praia do Suá, como reflexo da cidade, mas esta, em comparação aos outros bairros, ocorre paulatinamente, demonstrando a particularidade do bairro.

A construção de um trabalho científico é de grande responsabilidade e compromisso, por isso, a decisão de estendê-lo um pouco mais, diversificando os assuntos, foi tomada com intento de auxiliar as próximas pesquisas.

Nesse sentido, como sugestão de temáticas para um próximo estudo sobre a Praia do Suá, poderia ser em relação a cultura do lugar – manifestada pelas festas, criadas ao longo do tempo. Atualmente o bairro possui uma festa junina patrocinada pela igreja (Festa de São Pedro)⁵² e outra pelos moradores (Festa de São João) e um bloco de carnaval.

A religiosidade no bairro também é um importante ponto, pois possui moradores de várias concepções religiosas que as cultuam nos templos e nas ruas com vários tipos de manifestações – Malhação ao Judas, Procissão Marítima, Dia de Iemanjá e de São Cosme e Damião. Há no bairro igreja católica, Messiânica, Batista, Maranata, Assembléia de Deus, Igreja do Evangelho Quadrangular e outras espalhadas pelo morro, assim como, centro espírita.

Esse estudo fez uma introdução à inserção do comércio na Praia do Suá, o que merece uma pesquisa mais aprofundada, pois a atividade comercial no bairro é de longo tempo e não foi pretensão desse trabalho focar nesse ponto.

A ocupação do morro também é um assunto interessante, assim como a economia no bairro, que gira em torno, além dos pontos de pescado, de vários restaurantes, de categorias diversas.

Interessante também seria conhecer o papel e intenções da especulação imobiliária para a Praia do Suá, dada a raridade do espaço (demonstrado nas permanências) que se apresenta naquele “pedaço da cidade”.

⁵² Geralmente realizada na noite de um sábado, próximo ao dia 29 de junho (data de comemoração do santo), com objetivo de confraternização entre os paroquianos e visitantes, diferente da Festa de São Pedro que acontecia no passado que durava três dias, com animações diversas.

O mosaico do bairro proporcionado pela diversidade de usos⁵³ – habitacional, cultural, trabalhista, religioso, econômico, político (há um vereador no bairro), de tratamento da saúde e outros é também instigante.

Na Praia do Suá é possível saborear uma moqueca e outros pratos com mariscos, assim como, churrasco e pizza. Os restaurantes (mais de quinze) estão localizados desde o morro, assim como em várias ruas do bairro, há preços acessíveis ou não, dependendo das condições financeiras e escolha dos clientes.

Os restaurantes, bares e botecos, localizando-se também nas áreas contíguas a Praia do Suá, como por exemplo, no Hortomercado, também são bastante atrativos.

Apesar de sua pequena extensão física, a Praia do Suá abriga também lojas populares e especializadas como a Tok & Stok, além de clínicas e hospitais diversos (destacando o Pronto-atendimento municipal) e bancos.

Com base em todo o exposto pensamos que a Praia do Suá poderá ainda, por bastante tempo, preservar muitas de suas características do passado, mantendo sua diferenciação em relação a outros bairros de Vitória, pois, durante a pesquisa emergiram novos locais de revenda de pescados e mariscos⁵⁴, reforçando a antiga cultura.

Nesse sentido a paisagem está constituída de treze edifícios no exterior do bairro (em principais avenidas e limites) – cinco residenciais e oito comerciais, assim como, catorze locais de revenda de pescados e mariscos, no interior do bairro.

No tocante a continuidade de construção de edifícios no bairro, que demonstraria também um movimento estrutural da paisagem está condicionada, além da permissão do Plano de Desenvolvimento Urbano⁵⁵, a limitação dos espaços existentes, a “raridade” (Carlos, 2001), que no pensamento da moradora Mara “a Praia do Suá não tem espaço para construir prédios”, ao que o ex-morador Sylvio, 44 anos, comenta em relação a construção de edifícios na Praia do Suá, tirando conclusões,

⁵³ Vide mapa de uso do solo urbano da Praia do Suá (Anexo C). Fonte Jornal A Gazeta - S4 serviços de 21/01/2006.

⁵⁴ Durante essa pesquisa, quatro novos estabelecimentos emergiram.

⁵⁵ No interior do bairro o PDU permite construções até 12 metros de altura.

Quanto a uma verticalização na Praia do Suá, felizmente as incorporadoras e as construtoras só estão olhando para uma parte do bairro. A essência felizmente (por desinteresse deles) está sendo preservada, para sorte dos moradores. Para as construtoras e incorporadoras a Praia do Suá não é um bom negócio. O bairro é pequeno e não comportaria essas construções. A estrutura do bairro já deu o que tinha que dar. Não possui entradas e saídas que comportassem tais empreendimentos. Mediante ao exposto, acho que não haverá mais grandes mudanças na Praia do Suá. O que tinham que mudar já mudaram. Para nós sobraram apenas as lembranças de uma época que traz muitas saudades⁵⁶.

Se depender da moradora Maria Eva (que mora na Praia do Suá, em data anterior ao aterramento), empreendimentos imobiliários, em substituição às casas não tem futuro, pois ela relatou emocionada, com lágrimas nos olhos, que não se desfaz de sua residência por dinheiro nenhum, tendo inclusive sido sondada a vendê-la, justificando que “em época de muita dificuldade consegui construir a minha casa, onde criei os meus filhos”.

Como todo trabalho científico, a busca por respostas aos questionamentos que foram surgindo foi sofrível, com muitas idas e vindas, mas enriquecedor. Algumas vezes, nadava, nadava e parecia que morreria na praia, mas, que praia? A praia foi aterrada! Morrer na praia não dava mais, então o jeito foi caminhar no asfalto e prosseguir nos objetivos, esperando contribuir com esse estudo na construção do conhecimento, trazendo novos questionamentos, os quais possam fomentar outras produções.

⁵⁶ O Anexo D pode auxiliar no entendimento a que se referiu o morador e a que esse estudo se reportou em grande parte, “o lugar que tinha um mar”. A foto constante do anexo foi doada pelos moradores Adriano (neto de pescador português e dono de um ponto de revenda de pescados e mariscos) e Isa (moradora nativa) a essa autora, por ocasião do fechamento da pesquisa. A fotografia (sem data) retrata uma época, anterior ao aterramento, provavelmente dos anos de 1960 (a referência é o hospital São Pedro). As características de um lugar pacato e acolhedor se evidenciam na imagem, que mostra também elementos na paisagem da Praia do Suá que “mudaram” (mar, barcos, areia, bucolismo, etc) e outros que “permanecem” (residências em formato antigo, hospital, colônia de pescadores, etc). A fotografia permite estabelecer um contraste entre o passado e o presente, como por exemplo, ao se abstrair elementos atuais da paisagem - o Hortomercado e a Biblioteca Estadual que foram construídos sobre o aterro do mar.

6 REFERÊNCIAS

- 1 ABE, André Tomoyuki. **Trabalho final da disciplina** - Modernização integrada, metropolização, transformações no terciário e mudança da área central – Vitória –ES.

- 2 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** informação e documentação – trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro, 2005.

- 3 ATERRO do Suá já é bairro de luxo. **A Tribuna**, Vitória, p. 14, 25 ago.1982.

- 4 BARRIOS. Sonia. A produção do espaço. In: SOUZA, Maria Adélia A. de; SANTOS, Milton (Org). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986. (Coleção Espaços).

- 5 BÉLLE Soir, uma lenda que virou bairro. **A Tribuna**, Vitória, p. 11, 28 fev.1996.

- 6 BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Caderno de ciências da terra**, São Paulo, n. 13, 1971.

- 7 BEZERRA, A. C. A. et al. **Identidades e territórios:** questões e olhares contemporâneos. In: ARAUJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. (Org.). Rio de Janeiro: Acess, 2007.

- 8 BOBER, Hans; SCHMITHÜSEN, Josef. A paisagem e o sistema lógico da geografia. In: Corrêa, Roberto Lobato; Rosendahl, Zeny (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: UERJ/NEPEC, 1998, p. 75-91.

- 9 BOFF, Leonardo. **Saber cuidar:** ética do humano. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

- 10 BONNAMEISON, Jôel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto L.; ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural:** um século (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, p. 83-131.

- 11 BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

- 12 BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- 13 BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: PCN's. 1998. 156 p. Texto 13. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/geografia.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2010.
- 14 BRITO, Francisco Saturnino Rodrigues de. **Projecto de um “Novo Arrabalde”**. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1996.
- 15 CAMPOS JUNIOR, Carlos Teixeira de. **O “Novo Arrabalde”**. Vitória: PMV, Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996.
- 16 CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- 17 _____. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2001.
- 18 _____. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- 19 _____. O direito à cidade e a construção da metageografia. **Cidades**, v.2, n. 4, 2005.
- 20 _____. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dg/gesp/baixar/O_lugar_no_do_mundo.pdf>. Acesso em: 26 maio 2009.
- 21 CARRERAS, Carles. **Urbanização e mundialização**: estudos sobre a metrópole. São Paulo: Contexto, 2005.
- 22 CARVALHO, Nélia Maria Marinho de; ROTHSCHAEDL, Sílvia Letícia. **Enseada do Suá, um bairro em evidência**. Monografia apresentada ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Espírito Santo, 1994.
- 23 CHESNEAUX, Jean. **Modernidade-mundo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

- 24 CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.
- 25 CLEPS, Geisa Daise Gumiero. O comércio e a cidade: novas territorialidades urbanas. **Sociedade & natureza**, Uberlândia. Ano 16, n. 30. p. 117-132, jun 2004.
- 26 COLÔNIA de pescadores deu origem à região. **A Gazeta**, Vitória, p. 12, 15 dez.1992.
- 27 COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens urbanas. In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 92-121.
- 28 COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007. p. 135-146.
- 29 CORRÊA, Roberto Lobato. A geografia cultural e o urbano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2007. p. 167-186.
- 30 _____. Paisagem, tempo e cultura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- 31 DADALTO, Maria Cristina. **Centro de Vitória**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 1999. Coleção Elmo Elton. 2. Texto Maria Cristina Dadalto; fotos Judas Tadeu Bianconi.
- 32 DERENZI, Luiz Serafim. **Biografia de uma ilha**. 2. ed. Vitória: PMV, Secretaria municipal de Cultura e Turismo, 1995.
- 33 ESCOBAR, Maria do Carmo Grijó. **Acessos norte-uso e ocupação do solo**. Plano de Graduação II. Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 1989.
- 34 FARIA, Willis de. **Catálogo dos monumentos históricos e culturais da capital** – Vitória-ES: dados biográficos. Vitória: Fluxo, 1992.

- 35 FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 25. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- 36 FREIRE, Ana Lucy Oliveira. Cultura produto e prática socioespacial urbana. **Revista Geografares**, Vitória, n. 7, p. 51-62, 2009.
- 37 GAREIS. Brochier: Os fragmentos de memórias e identidades da colonização francesa no Rio Grande do Sul. **Cadernos de pesquisa do CDHIS**, v. 1, n. 38 (20). Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/cdhis/article/view/2207>>. Acesso em: 04 maio 2010.
- 38 GODOY, Paulo. Uma reflexão sobre a produção do espaço. **Estudos geográficos**, Rio Claro, 2 (1). p. 29-42, jun. 2004. Disponível em: <<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php/estgeo/article/viewPDFinterstitial/289/236>>. Acesso em: 27 maio 2009.
- 39 GOMES, Eduardo. **A geografia da verticalização litorânea em Vitória**: o bairro Praia do Canto - Vitória: GSA/PMV, 2009.
- 40 GRANDE Vitória: plano de estruturação do espaço. **Revista Fundação Jones dos Santos Neves**, Vitória, ano 2, n.2, p. 5 –7, abril/jun. 1979.
- 41 GUIA Bento Ferreira Institucional & Comercial 2008. 2. ed. e 2009, 3. ed.
- 42 HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do fim dos territórios à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
- 43 _____. **Territórios alternativos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- 44 HOLZER, Werther. Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, jul./dez. 1997.
- 45 JOSÉ, Elias. **A cidade que perdeu o seu mar**. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1998.
- 46 KONDER, Leandro. **O que é dialética**. 28. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

- 47 KLUG, Letícia Beccali. **Vitória: sítio físico e paisagem**. Vitória: EDUFES, 2009.
- 48 LEÃO BARROS, Sandra A. Que recorte territorial podemos chamar de bairro?: o caso de Apipucos e Poço da Panela no Recife. **Revista de Urbanismo**, n. 9, março 2004. Disponível em: <http://revistaurbanismo.uchile.cl/CDA/urb_completa/0,1313,ISID%253D315%2526IDG%253D2%2526ACT%253D0%2526PRT%253D6651,00.html>. Acesso em: 25 maio 2009.
- 49 LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 3. ed. Barcelona: Ediciones Península, 1975.
- 50 _____. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- 51 _____. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- 52 _____. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- 53 LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- 54 MAIS que histórias de pescadores. **A Tribuna**, Vitória, p. 11, 05 jan. 2000.
- 55 MARANDOLA JR., Eduardo; MELLO, Leonardo Freire de. Abordagem do lugar no planejamento urbano. **Geografares**, Vitória, n. 7, p. 63-75, 2009.
- 56 MARQUES NETO, Roberto. Considerações sobre a paisagem enquanto recurso metodológico para a Geografia Física. **Caminhos de Geografia**. V.9, n. 26. jun./2008, p. 243-255.
- 57 MATTEDI, José Carlos. **Praia do Suá**. Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 2002. Coleção Elmo Elton.9. Texto José Carlos Mattedi; fotos Raquel Lucena.
- 58 MENDONÇA, Eneida Maria Souza. **Transferência de interesse no percurso da verticalização da construção em Vitória (ES)**. 2001. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo, 2001.

- 59 MORAES JUNIOR, Antônio Carlos; GONÇALVES, José Roberto; MORAES, Kauana Mahara. **Um lugar:** o sentimento por trás da máquina. Disponível em: <<http://200.136.53.130:1351980/cdrom/2009/intercom/sudeste/cd/expocom/EX14-0606-1.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2009.
- 60 NEVES, Luiz Guilherme Santos; PACHECO, Renato da Costa. **Festa de São Pedro na Praia do Suá.** Vitória: Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, 1996. (Coleção Memória Viva).
- 61 NEVES, Luiz Guilherme Santos. **Os bondes de Vitória.** Vitória: Secretaria Municipal de Cultura, 1997. (Coleção Memória Viva).
- 62 NOME surgiu de expressão em francês. **A Gazeta**, Vitória, p. 12, dez.1992.
- 63 OLIVEIRA, Jeremias Vicente de. **As transformações espaciais ocorridas na Enseada do Suá – Vitória, a partir de 1990.** 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia. Rio de Janeiro, 2007.
- 64 PLANO de urbanização da Praia do Suá - Julho de 1972. Estudo de viabilidade – Comdusa.
- 65 PLANO Diretor Urbano de Vitória – Documento de trabalho nº 1 – Uso no aterro da Enseada do Suá.
- 66 POLLAK, Michael. Estudos históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5. n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/104.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2009.
- 67 POSITIVISMO norteou o crescimento da cidade. **A Tribuna**, Vitória, p. 2, 05 abril. 1998.
- 68 PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. Lei nº 6.077/03 – estabelece os bairros e as regiões administrativas. Vitória, 2003. Disponível em: <<http://www.vitoria.es.gov.br>>. Acesso em 22 ago. 2009.
- 69 PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA. **Projeto Terra.** Vitória, 1998.
- 70 PROJETO “Vitória do Futuro 1996 – 2010”. Estudo temático “Meio

Ambiente”.

- 71 PUNTEL, Geovane Aparecida. A paisagem no ensino da geografia. **Ágora**, Santa Cruz do Sul, v.1, n.1, p. 283-298, jan./jun. 2007. Disponível em: <[http://www.ig.ufu.br/coloquio/textos/ROCHA,%20Val% E9ria.pdf](http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:VDEQsabLz1gJ:online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/130/85+pcn+1998+geografia+p.+28+paisagem&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESiVBUE0Y uHBXQhoyuDFB-3DFBT6Mi7rnMUz-Z3_B-0OuPCR_SkbMuT_KKAGVN phqDowO1Csl4tdfq18lu4YiX1ZlrgeTH0uWiznUUpT_86jThjvlgSHP1S_Zwd4NSlk q8xRSyL&sig=AHIEtbRYwKAbWvcQSi54U5ILzShpUP7FTA.>http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:VDEQsabLz1gJ:online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/130/85+pcn+1998+geografia+p.+28+paisagem&hl=pt-BR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESiVBUE0Y uHBXQhoyuDFB-3DFBT6Mi7rnMUz-Z3_B-0OuPCR_SkbMuT_KKAGVN phqDowO1Csl4tdfq18lu4YiX1ZlrgeTH0uWiznUUpT_86jThjvlgSHP1S_Zwd4NSlk q8xRSyL&sig=AHIEtbRYwKAbWvcQSi54U5ILzShpUP7FTA.>Acesso em: 25 jan. 2010.

72 RAMOS, Aluísio Wellichan. Cotidiano, espaço e tempo de um antigo bairro paulistano: transformações da cidade e a dimensão do vivido. Geosp – Espaço e Tempo, São Paulo, n. 15, p. 77-103, 2004.

73 Revista Capixaba, ano 1, p. 88-1990, ago. 1967.

74 Revista Vida Capichaba, ano 31, n. 649, jul. 1954.

75 Revista Vida Capichaba, n. 669, p. 31-A. jun. 1955.

76 ROCHA, Valéria; PÁDUA, Letícia Carolina Teixeira. Uma breve leitura da geografia da percepção. In. COLÓQUIO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO, 1., 2008, Uberlândia. Disponível em: <. Acesso em: 26 maio 2009.

- 77 SANTOS, Cláudia Alves dos; SOUZA, Flávia Silva de. **A paisagem geográfica através da fenomenologia**: possíveis caminhos para a construção de um método. Disponível em: <

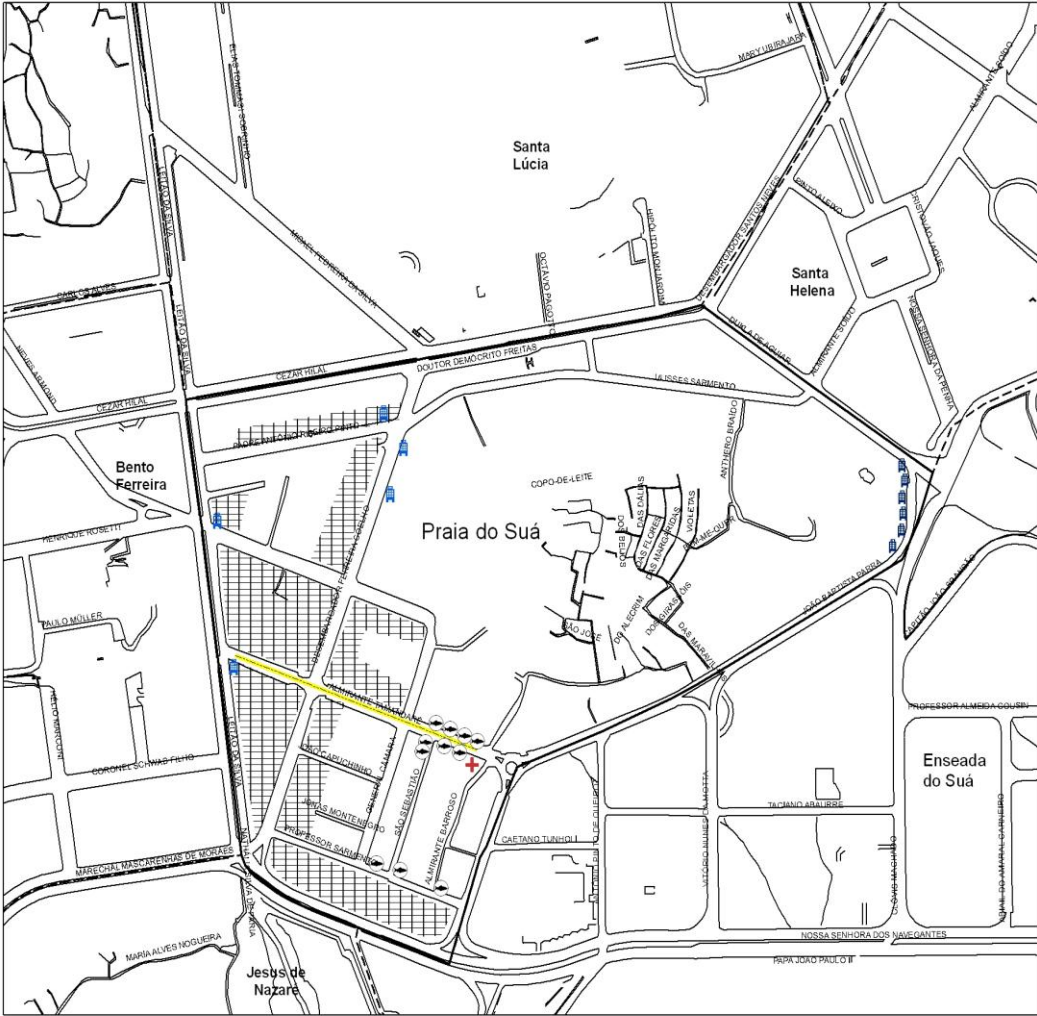
- 78 SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- 79 _____. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: EDUSP: 2008b.
- 80 _____. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2005.
- 81 _____. **Espaço e método**. 3. ed. São Paulo: Nobel, 1992.
- 82 _____. **Metamorfoses do espaço habitado**: Os fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- 83 _____. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: Hucitec: 1986.
- 84 _____. **Por uma geografia nova**: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008a.
- 85 SAUER, Carl. The morphology of landscape. Publications in Geography, vol. 2, n. 2, University of California, 1925. **Paisagem, tempo e cultura**. In CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (org). Rio de Janeiro: Uerj, 1998. p. 22.
- 86 SEABRA, Odette Carvalho de Lima. O que é cidade? **Revista de Geografia**, São Paulo, 11:99-100, p. 100, 1992.
- 87 _____. Território do uso: cotidiano e modo de vida. **Cidades** – Grupo de estudos urbanos. v. 1, n. 2, p. 181-206, 2004.
- 88 SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.
- 89 _____. Milton Santos e a paisagem: parâmetros para a construção de uma crítica da paisagem contemporânea. Artigo aceito para publicação na **Revista Paisagem e Ambiente**, Ensaios, São Paulo, 2007 (no prelo).
- 90 SILVA, Armando Correia da. **O espaço fora do lugar**. São Paulo: Hucitec, 1978.

- 91 Síntese do Plano de aterramento da Praia do Suá, 1972. Instituto Jones dos Santos Neves.
- 92 SOUZA (c), Marcelo José Lopes de. O bairro contemporâneo: ensaio de abordagem política. **Revista Brasileira de Geociências**, ano 2, v. 51, p. 150, abril/jun. 1989.
- 93 _____. **A prisão e a Ágora**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2006.
- 94 SOUZA, Lucia Helena Pazzini de. **De periferia a centro: produção do espaço da Praia do Suá**. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2001.
- 95 SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In. SUERTEGARAY, Dirce M. A.; BASSO, Luis A.; VERDUM, Roberto. **Ambiente e lugar no urbano: a grande Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.
- 96 TATAGIBA, José. **Vitória ontem e hoje: a transformação de uma cidade**. Vitória: [s.n], 2008.
- 97 TRINDADE JR, Saint-Clair Cordeiro da. et. al. Estrutura, processo, função e forma: aplicabilidade à análise do espaço intra-urbano. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Ensaio de geografia contemporânea Milton Santos: obra revisitada**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- 98 TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- 99 _____. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.
- 100 UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização de referências: NBR 6023/2002**. - Vitória: A Biblioteca, 2006.
- 101 UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos: NBR 6023:2002**. Vitória, ES: A Biblioteca, 2006.

- 102 VARGAS, Heliana Comin. **A importância das atividades terciárias sobre o desenvolvimento regional**. São Paulo: FAUUSP, 1982. Dissertação de Mestrado.

APÊNDICES

APÊNDICE A – MAPA DE MUDANÇAS



Mudanças da(na)
Praia do Suá - Apêndice A

Legenda

- Pontos de venda de pescados
- Trafeço Intenso
- Edifícios (anos 2000)
- Edifícios (anos 1990)
- Pronto Atendimento(SUS)
- Uso comercial e de serviços
- Limite da P. Suá
- Limites de outros bairros

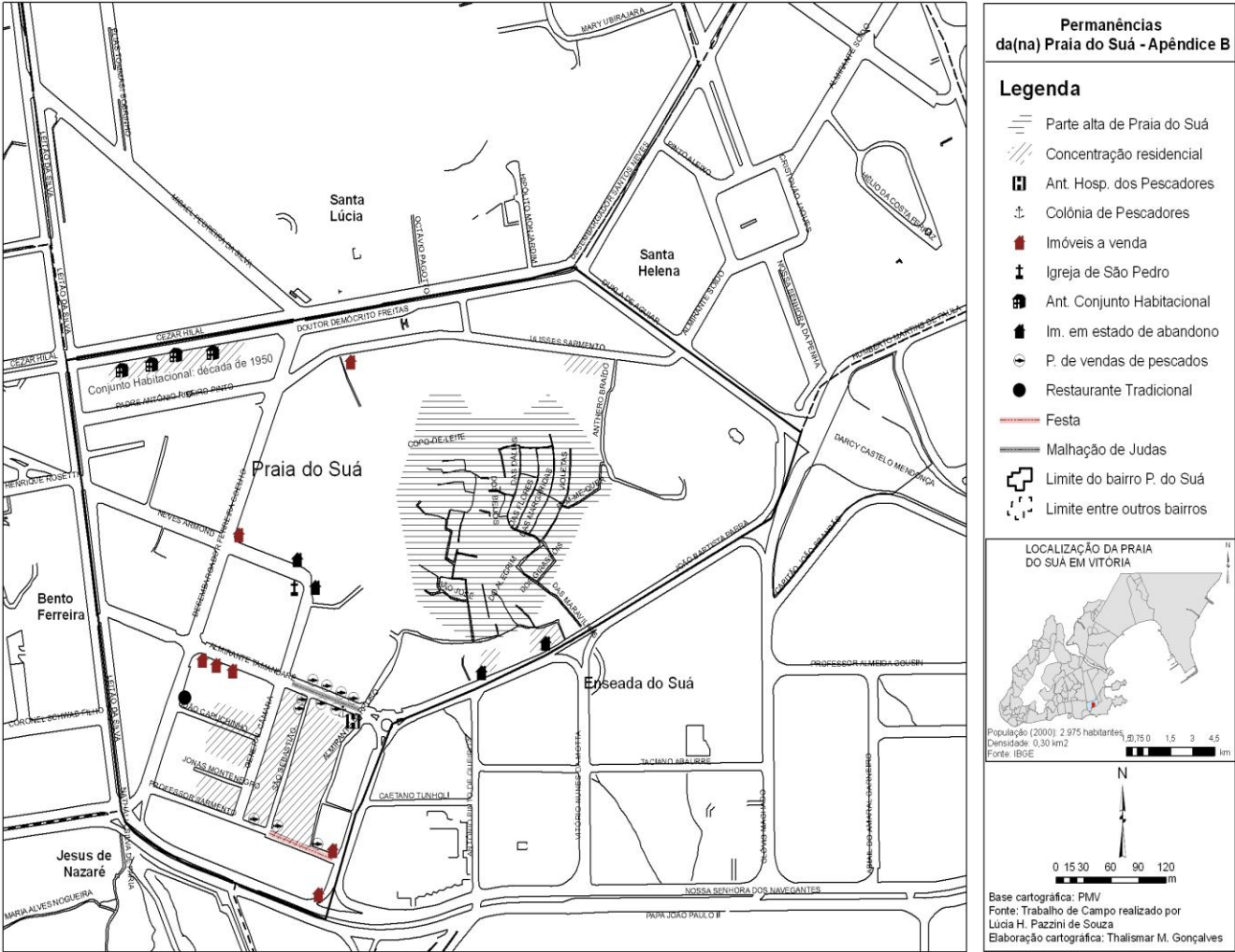
LOCALIZAÇÃO DA PRAIA DO SUÁ EM VITÓRIA

População (2000): 2.975 habitantes
Densidade: 0,30 km²
Fonte: IBGE

0 15 30 60 90 120 m

Base cartográfica: PMV/
Fonte: Trabalho de Campo realizado por
Lucia H. Pazzini de Souza
Elaboração cartográfica: Thalimar M. Gonçalves

APÊNDICE B – MAPA DE PERMANÊNCIAS



APÊNDICE C – ROTEIRO DE QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS

Trata-se de um questionário com perguntas abertas e fechadas sobre o seu conhecimento do bairro Praia do Suá.

Nome.....Bairro/Município:

.....

1 – Você conhece a Praia do Suá?

()sim

()não

() já ouvi falar

OBS: Se você não conhece ou só conhece de nome, tente responder o que acha que sabe sobre o bairro.

Resposta:

2 – Se você o conhece ou já ouviu falar, quais são as referências que você tem do bairro (culturais, econômicas e outras)?

Resposta:

3 – Qual é a relação (vínculo) que você tem ou já teve com o bairro?

()morador – desde quando (ano)? Até quando?

()morador nativo – data de nascimento

()usuário – explique

()freqüentador – explique

()empresário – desde quando (ano)?

()comerciante – desde quando (ano)?

()outros – explique

4 – Localize: P para Praia do Suá e E para Enseada do Suá

()Biblioteca Estadual

()Peixarias

()Pronto-Atendimento Municipal (PA) – antigo Hospital São Pedro

()Palácio do Café

()Colônia de Pescadores

()Praça do Papa

()Hortomercado

()Tribunal Regional Eleitoral – TRE

()Restaurante São Pedro

()Shopping Vitória

- () Terceira Ponte
- () Bar Oba-Oba
- () Tribunal de Justiça
- () Igreja São Pedro
- () Prodest
- () IBGE
- () Hortifruti
- () Procissão marítima
- () Malhação ao Judas

5 – Faça uma analogia entre a Praia do Suá e a Enseada do Suá - estrutural, econômico e/ou fisionômico, por exemplo.

Resposta:

6 – Qual é a imagem que você consegue fazer da Praia do Suá?

Resposta:

7 – Face à intensa urbanização em seu entorno, qual é a tendência do bairro Praia do Suá?

Resposta:

Entrevistas

Se você mora na Praia do Suá antes do aterramento responda:

- O que significou o aterramento da Praia do Suá para você?
- O que a construção do bairro Enseada do Suá significou para você?
- Quais os reflexos que essas mudanças nos limites da Praia do Suá ocasionaram na sua vivência no lugar?
- Qual a comparação que faz entre o passado e o presente - antes do aterramento e depois do aterramento, principalmente em relação à Enseada do Suá -
- Fale sobre suas lembranças. Qual foi a fase melhor da sua vida como moradora da Praia do Suá?
- Qual é a sua opinião sobre uma verticalização na Praia do Suá, semelhante a outros bairros de Vitória - Bento Ferreira, Praia do Canto...
- O que você acha que justifica a ausência de verticalização na Praia do Suá?
- Como você vê o bairro Enseada do Suá?
- Os seus amigos conhecem a Praia do Suá ou confundem com a Enseada do Suá?
- Qual é a sua idéia em relação ao futuro da Praia do Suá?
- O que você acha que deveria ser preservado?

APÊNDICE D – TABELA DE EVENTOS

DATA	EVENTO
Século XIX	
*1892-1896	Projeto “Novo Arrabalde” – Alusão à Praia do Suá.
*1894	Alicerces e duas guaritas construídos da Santa Casa que se localizaria na Praia do Suá.
Século XX	
*1900-1940	A Praia do Suá, entre outros bairros foi produzida no contexto do processo de urbanização de Vitória (ES).
Início do Séc. XX	Malhação do Judas
1906	Início da ocupação na Praia do Suá
*1908-1912	Construção da linha de bondes ligando Santo Antônio a Praia do Suá
1912	Inauguração da Linha de bondes ferro-carril (elétrico).
*1924	Doação de um lote do “Novo Arrabalde” ao avô da autora desse estudo.
1925	Construção da Colônia de Pescadores (1 ^o s registros).
1925	Chegada do pai e do avô do pescador José Pedro Rodrigues na Praia do Suá.
1928	Início da Procissão Terrestre.
1928	1 ^a festa de São Pedro criada pelos imigrantes portugueses.
1928	Chegada dos imigrantes sírios na Praia do Suá
Anos 30	Comunidade se unia para arrecadar fundos para construção da igreja São Pedro.
1933	Inauguração da Colônia de Pescadores.
1935	Procissão marítima.
1937	Inauguração da igreja São Pedro.
Anos 30 e 40	Funcionamento do Beco do formigueiro (antiga zona de prostituição) - atualmente Rua Professor Sarmento.
*Anos 50	Construção do conjunto de prédios Hilal.
Anos 50	Extinção dos bondinhos.
1952	Inauguração do Restaurante São

	Pedro.
1952	O Hospital São Sebastião - nessa data já prestava atendimento à população – funcionou como “Santa Casa”.
1960	Inauguração do hospital São Pedro.
Final dos anos 50 e início dos anos 60	Início de ocupação do Morro São José (antigo Morro da Garrafa).
1960	Inauguração da Peixaria Capixaba.
1962	Moqueca capixaba começou a ser servida na panela de barro.
1967	Igreja São Pedro é desmembrada da igreja Santa Rita (Praia do Canto).
1967	O departamento de cirurgia da Ufes foi instalado no Hospital São Pedro.
*Anos 70	Aterramento na Praia do Suá.
1974	Arrendamento do hospital São Pedro para o Inamps por 99 anos.
1975	Igreja São Pedro passa a condição de paróquia.
1976	Sapataria Cortês – especializada na reforma e fabricação de calçados para noivas
*1970- 1980	Conclusão dos aterros e desaparecimento das praias – entre elas, a Praia do Suá, de Santa Helena e Comprida (atual Praia do Canto).
1982	Bar do Napoleão.
1987	Bar do Zé Tosta – Morro.
*1989	Inauguração da Terceira Ponte
Anos 90	Surgimento de edifícios (serviços) nas principais ruas e avenidas da Praia do Suá.
*1993	Inauguração do Shopping Vitória.
1994	Peixaria Du Mar.
1994	Proibição da venda de bebida alcoólica na festa de São Pedro, realizada na Rua da igreja (Neves Armond) – ruptura dos festejos – festa religiosa e profana.
1995	Peixaria do Renato.
1997	Festa de São Pedro na Enseada do Suá, a partir dessa data, pela PMV.
2000	Peixaria da Andrea.
2000	Colônia de Pescadores Z5 (reinauguração).
Século XXI	
2006	Pronto-atendimento Municipal (PA)

		passa a funcionar no hospital São Pedro.
2006		Prédios luxuosos foram construídos próximo à Terceira Ponte.
*2007		Hortomercado (reinauguração).
*2008		Biblioteca Estadual (reinauguração)
**PROJETOS COM A INSERÇÃO DA PRAIA DO SUÁ (PMV)		
O Novo Arrabalde	1892-1896	Expansão física de Vitória, preparando-a para receber contingente populacional, tendo em vista crescimento econômico.
O Aterramento da Praia do Suá	Década de 1970	Descentralização de atividades do centro de Vitória, entre outros.
Projeto Terra	1997	Construção de moradias, módulos hidráulicos, obras de urbanização e infraestrutura e outros.
Projeto 1.018	1998	Implantação de escola de artes e artesanato na Praia do Suá.
Projeto 1.088	1998	Abertura da Rua Professor Sarmiento e outros.
Projeto 2.045	1998	Melhorias no padrão de iluminação pública na Praia do Suá.
Projeto 2.085	1998	Aumento de frota de ônibus na Praia do Suá.
Projeto Viva o Bairro	1999	Reurbanização dos bairros de Vitória, promovendo o tratamento de áreas e regiões críticas e outros.
Projeto 1.084	1999	Intervenção nos sistemas viários e de circulação.
Plano de intervenção – poligonal 4 (Praia do Suá)	2000	Dá continuidade as propostas do Projeto Terra.
Projeto Guardadores e Lavadores	2001	Acompanhamento dessas atividades, que

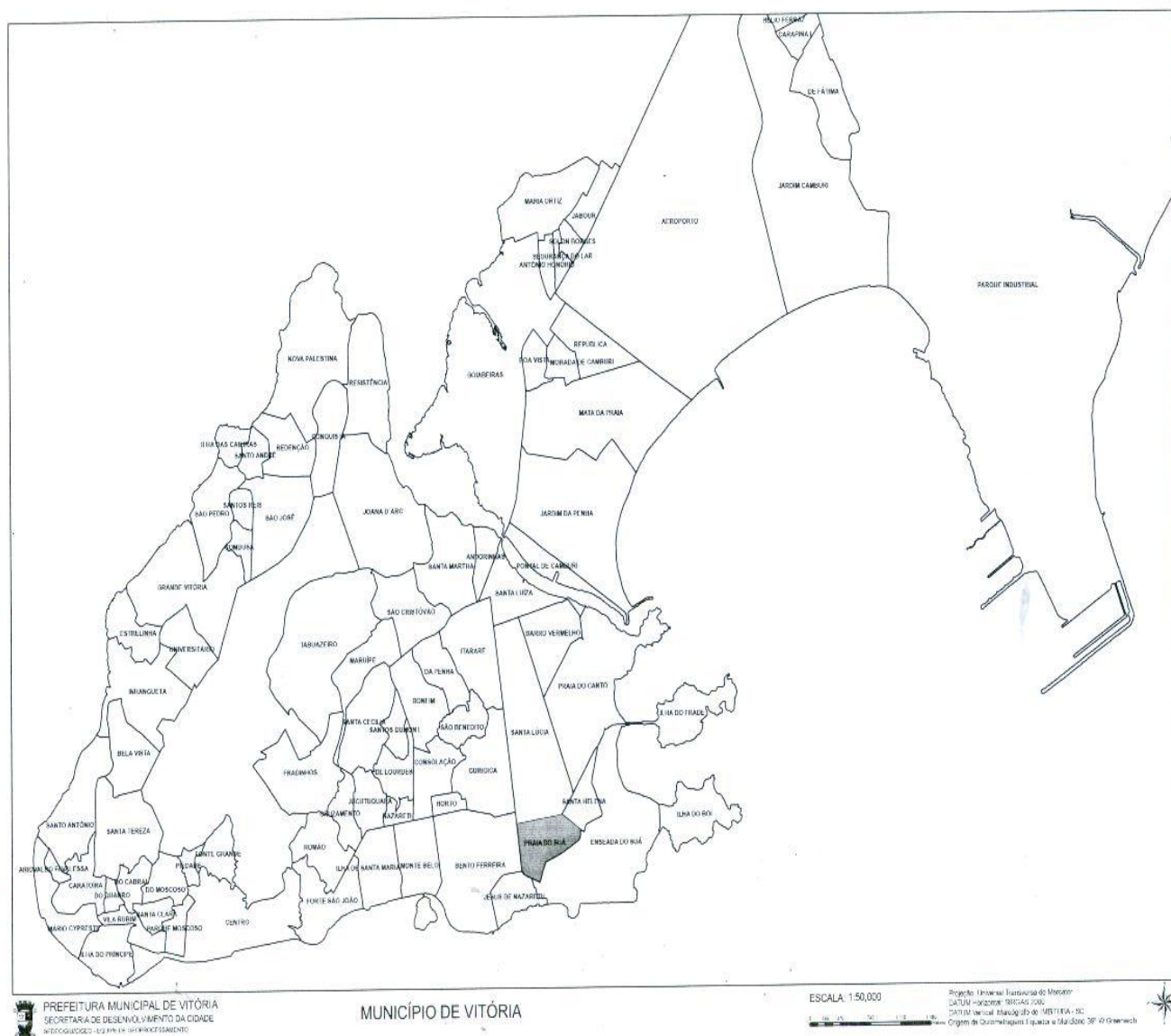
Automotivos da Praia do Suá – Associação de Moradores - AMOSUÁ		há alguns anos, inclui cadastramento, jaleco e crachás sob a supervisão. de agentes militares.
Vitória de todas as cores	2007	Melhoria nas condições de habitabilidade e no padrão estético de imóveis, entre outros.
REIVINDICAÇÕES ATENDIDAS PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE VITÓRIA, POR INTERMÉDIO DAS ASSEMBLÉIAS DO BAIRRO.		
Asfaltamento da Rua Neves Armond – melhoria na captação pluvial da Av. César Hilal – capeamento asfáltico das Ruas João Capuchinho, Padre Antônio Ribeiro Pinto, Almirante Tamandaré e Neves Armond – recuperação da Praça Demócrito de Freitas – Construção da cortina atirantada na Rua Almirante Tamandaré (morro) – rede de drenagem entre as avenidas Nossa Senhora dos Navegantes e João Batista Parra (limitam a Praia do Suá da Enseada do Suá) – construção da praça José Francisco Arruela e posto de saúde – doação de terreno do Banestes.		

*Datas comprovadas dos eventos, disponíveis no conteúdo da pesquisa e na mídia, assim como, as fontes. Os outros eventos, apesar de fazerem parte do corpo da pesquisa, foram coletados de fontes diversas, não documentadas, cujas datas, muitas vezes, são divergentes.

**Esse projetos, em grande parte foram direcionados ao morro da Praia do Suá. As datas são de sua implantação.

ANEXOS

ANEXO A – MAPA DE BAIRROS



ANEXO B – PLANTA DE LOTE DOADO NO “NOVO ARRABALDE”

SECRETARIA DA AGRICULTURA

ESTADO DO ESPIRITO SANTO

PLANTA

da medição do Lote N. no Quarteirão N.

do arrabalde *Sr. Guilherme Parrini* concedido

PERIMETRO *206,00* m AREA *2,005* m²

ESCALA *1:1000*

Proj. 21.5.92 d. Alameda 179 2.005 m²

Victoria, 19 de Maio de 1924

O Encarregado dos Arrabaldes

Alberto Frederico da Silva

ANEXO D – FOTOGRAFIA DA PRAIA DO SUÁ, MARGEADA PELO MAR



[Fonte desconhecida, 196-?].